



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO E RELAÇÕES
ÉTNICO-RACIAIS/PPGER**

TEREZA CRISTINA SOARES DE SÁ

**A ESCRITA DE MULHERES NEGRAS NO SUL DA BAHIA: UMA
POÉTICA DISSIDENTE DE RESISTÊNCIA E ANCESTRALIDADE**

ITABUNA
2020

TEREZA CRISTINA SOARES DE SÁ

**A ESCRITA DE MULHERES NEGRAS NO SUL DA BAHIA: UMA
POÉTICA DISSIDENTE DE RESISTÊNCIA E ANCESTRALIDADE**

Memorial apresentado à Universidade Federal do Sul da Bahia como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Ensino e Relações Étnico-Raciais/PPGER, com área de concentração em Pós-colonialidade e Fundamentos da Educação nas Relações Étnico-Raciais, para a obtenção do título de Mestra.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Cythia de Cássia Santos Barra
Coorientadora: Prof.^a Dr.^a. Daniela Galdino Nascimento.

ITABUNA
2020

Catálogo na Publicação (CIP)
Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB)
Sistema de Bibliotecas (SIBI)

S111e Sá, Tereza Cristina Soares de, 1968-

A escrita de mulheres negras no sul da Bahia : uma poética dissidente de resistência e ancestralidade / Tereza Cristina Soares de Sá. – Itabuna: UFSB, 2021. -

191f.

Memorial (Mestrado) – Universidade Federal do Sul da Bahia, Campus Jorge Amado, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais, 2021.

Orientadora: Dra. Cynthia de Cássia Santos Barra.

Coorientadora: Dra. Daniela Galdino Nascimento.

1. Escritoras negras – Ilhéus (BA) - Itabuna (BA). 2. Negras na literatura – Sul Baiano (BA : Mesorregião). 3. Literatura brasileira – história e crítica. I. Título.

CDD – 801.95

Elaborada por Raquel da Silva Santos – CRB-5ª Região/ 1922



GOVERNO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO E RELAÇÕES
ÉTNICO-RACIAIS – PPGER MESTRADO PROFISSIONAL

Folha de Assinaturas

Defesa de Memorial, com Produto Final, do Mestrado Profissional em Ensino e Relações Étnico-Raciais/PPGER, de Tereza Cristina Soares de Sá, intitulado "A escrita de mulheres negras no sul da Bahia: uma poética dissidente de resistência e ancestralidade", orientado pela Profa. Dra. Cynthia de Cássia Santos Barra, apresentado à Banca Examinadora, em 22 de dezembro de 2020:

Profa. Dra. Maria Anória de Jesus Oliveira
Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB)
Examinadora externa

Profa. Dra. Célia Regina da Silva
Universidade Federal do Sul da Bahia (PPGER/UFSB)
Examinadora Interna

Profa. Dra. Cynthia de Cassia Santos Barra
Universidade Federal do Sul da Bahia (PPGER/UFSB)

Orientadora

Profa. Dra. Daniela Galdino Nascimento
Universidade Federal do Sul da Bahia (PPGER/UFSB)
Coorientadora

DEDICATÓRIA

À Suele Diacui (*com muita saudade*)

À Marielle Franco e mãe Laura Sandoiá (*presentes, sempre!*)

AGRADECIMENTOS

Aos meus ancestrais

Cynthia Cy Barra, por ser firme e doce, âncora e vela e por insistir comigo nessa travessia.

Daniela Galdino, por ser a boia necessária.

Professor Kabenguele Munanga, por ser terra firme

Às escritoras, Eloah Monteiro, Kali Oliveira e Karen Oliveira, por serem a travessia.

Matheus Messias, meu leitor primeiro, minha luneta.

A Família Sá por ser potência e por me ajudar a remar. Em especial : Diacuí Benazir por ser profunda, minha capitã, Telma Sá por ser quilha, Leila Sá por ser correnteza, Luan Bencos por ser salva vidas, Ébano Bencos, Elenilton Rocha e Lari Sá por serem calma, Humberto Nascimento, por ser porto, Roseli Barnabé por ser motor, Ir. Josefina e Jorge Batista, por serem vento.

A Gabriel Luz e Evani Tavares por serem faróis.

À família Odeere e ao Coletivo Afro (en)Cena pelas rotas ancestrais.

A UFSB, por me inundar, aos estudantes e docentes da escola pública por me abarcarem.

Axs colegas da turma 2018, por se lançarem, apesar das intempéries, em especial a: Wadson Souza e Geomara Moreno, que se tornaram irmãs, Josivaldo Felix, Márcia Senger, Lis Pimentel, Rosimária Ribeiro e Eduardo Régis (Morcegão).

À turma 2017, por ser partida, afeto e acolhimento, em especial a Ajagunã, pela troca ancestral, Maria Domingas, pelo companheirismo e incentivo, Lúcia Helena Gomes e Francisco nascimento, por serem encantamento, Fátima Santana, por ser referência.

Axs colegas, irmãos de orientação: Cristiane Melo, Aline Souza, Mither Amorim e Joseane Santana, por serem remos.

Axs professores que deixaram marcas de sabedoria, em especial, professora Célia Regina, pela profundidade; Rafael Siqueira, por ser onda e me oferecer referências bibliográficas transformadoras.

Às mulheres negras que me ajudaram a segurar o “leme” na travessia: Cléa Serra, Guiomar da Paixão, Miriã Fonseca, Luciana Leitão, Ana Paula Maria, Núbia Mota, Stela Gomes, Rachel Oliveira, Luzi Borges, Ananda Radharanni, Larissa Pereira, Regina Marques e Edna Queiroz.

À Emile PDF, Shailla Leal, Tarcila Mende, Geiza Pena Eloina Neves e as meninas do XOTA 073: Maria Luisa Benevides, Tainah Ferreira, Beatriz Vitória, Joémile Souza e Camila de Oliveira Guimarães, por soprarem a favor.

Axs amigos Sônia Mendes, Paula Trindade, Valquiria Souza, Amelice de Sá, Marcus Cerqueira, Rosivaldo Sobrinho, Augusto Fagundes, Júnior Rosa, Alex Girassol, Vércio Gonçalves, por serem fluxo nas águas do meu existir.

Foto 1 – Nos tiraram tudo (muro em Cachoeira de São Félix, Bahia, Brasil)



Fonte: acervo pessoal.

RESUMO

Este trabalho buscou cartografar a escrita de autoras negras no Sul da Bahia, no Eixo Ilhéus-Itabuna, como forma de apreciar a estética literária e demarcar a representatividade de mulheres negras na insurgência da Literatura Afro-Feminina em desobediência à imposição seletiva, tendenciosa e excludente do cânone literário, cuja marca hetero/cisgênero/branco/cristão silencia e estigmatiza as produções literárias de grupos minoritários. O percurso metodológico realizou-se por meio da cartografia como método que revelou, a partir de dispositivos alternativos acessados por um público cada vez mais amplo, as poéticas transgressoras de autorias femininas potentes, permeadas de ancestralidade e memória africana, as quais rompem silenciamentos para instaurar suas subjetividades. A pesquisa cartográfica resultou na produção de uma série de quatro livros destas mulheres que atestam narrativas legitimadas a partir de suas vivências e representam um ato de resistência e ruptura às imposições racistas e sexistas seculares. Dessa maneira, as bases conceituais foram fortalecidas e aprofundadas sob os conceitos, reflexões, discursos, debates nas dimensões político-estéticas à luz de teóricos/as e críticos/as da contemporaneidade como Conceição Evaristo (2010; 2011; 2017; 2018); Djamila Ribeiro (2017); Edmilson Pereira (2010); Grada Kilomba (2010); Molef Kete Asante (2014); Cuti (2010); Zilá Bernd (2010), entre outros/as que subsidiaram e corroboraram com o estudo acerca do cânone Literário, Literatura Afro-brasileira e a política de invisibilização de mulheres negras no campo literário.

Palavras-chave: Cânone Literário. Silenciamento. Insurgência. Literatura Afro-Feminina.

RESUMEN

Este trabajo hizo la cartografía de la autoría femenina negra en la región Sur de Bahia, en el eje Ilhéus-Itabuna, como una forma de apreciar la estética literaria y demarcar la representatividad de mujeres negras en la insurrección de la Literatura Afro-Feminina en desobediencia a la imposición selectiva, parcial y excluyente del canon literario, cuya marca heterosexual/cisgénero/blanco/cristiano silencia y estigmatiza las producciones literarias de grupos minoritarios. El camino metodológico se realizó a través de la cartografía como método que reveló, a partir de dispositivos alternativos accedidos por una audiencia cada vez más amplia, las poéticas transgresoras de autorías femininas potentes, impregnadas por ascendencia y memoria africanas, que rompen silenciamientos para establecer sus subjetividades. La investigación cartográfica resultó en la producción de una serie de cuatro libros de estas mujeres que dan fe de narrativas legitimadas desde sus vivencias y representan un acto de resistencia y ruptura a las seculares imposiciones racistas y sexistas. De esa manera, se fortalecieron y profundizaron bases conceptuales a través de los conceptos, reflexiones, discursos, debates en las dimensiones político-estéticas a la luz de teóricos/as de la contemporaneidad, como Conceição Evaristo (2010; 2011; 2017; 2018); Djamila Ribeiro (2017); Edmilson Pereira (2010); Grada Kilomba (2010); Molef Kete Asante (2014); Cuti (2010); Zilá Bernd (2010), entre otros/as que ayudaron y corroboraron con la investigación sobre el canon Literario, Literatura Afro-Brasileira y la política de invisibilización de mujeres negras en el campo literario.

Palabras-clave: Canon Literario. Silenciamiento. Insurrección. Literatura Afro-Feminina.

LISTA DE IMAGENS

Foto 1	Nos tiraram tudo	6
Foto 2	Irmandade	35
Foto 3	Karen Oliveira	147
Foto 4	<i>Card da live Abre Caminhos</i>	147
Foto 5	<i>Card Julho das Pretas</i>	148
Foto 6	Agenda de Eventos Karen Oliveira	148
Foto 7	<i>Card Divulgação de Videoclipe</i>	149
Foto 8	Eloah Monteiro	150
Foto 9	Eloah Monteiro cantando	150
Foto 10	<i>Card Live Temática</i>	151
Foto 11	<i>Card Primeira Live Temática</i>	151
Foto 12	<i>Card Festival Percussivo de Mulheres</i>	152
Foto 13	Kali Oliveira	153
Foto 14	<i>Card Roda de Conversa</i>	154
Foto 15	Formação de professores em Ilhéus (nov/2019)	154
Foto 16	<i>Card Oficina ministrada por Kali Oliveira</i>	155
Foto 17	Tereza Sá	156
Foto 18	<i>Card Curta Metragem – Negra</i>	156
Foto 19	<i>Outdoor em ônibus- Ilhéus/BA</i>	157
Foto 20	<i>Card Apresentação teatral</i>	157
Foto 21	Apresentação no <i>IV Congresso Internacional de Culturas Memórias e Sensibilidade</i> (nov/2018)	158

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
PARTE I	15
CARTOGRAFIAS: A pesquisadora apresenta sua pesquisa	16
CARTOGRAFIAS: A pesquisadora revela sua literatura afluada	26
PARTE II	35
PRODUTO EDUCACIONAL-SÉRIE DE LIVROS: <i>Ecos ancestrais em vozes</i> <i>negras</i>	36
PARTE III	126
CONVERSACÕES 1: A literatura como lugar de insurgências	127
CONVERSACÕES 2: Retalhos da pele em ecos de memórias ancestrais	163
CONSIDERAÇÕES FINAIS	173
REFERÊNCIAS	175
ANEXO	179

INTRODUÇÃO

Este Memorial Acadêmico é resultado das minhas indagações como mulher negra e escritora que, por muito tempo, contentou-se apenas em registrar esses escritos e guardá-los, também na condição de professora de Português da Educação Básica e atriz, que utiliza de sua arte para o fazer pedagógico, como reconhecimento da episteme afro-brasileira, não somente a partir dos ditames literários. Trago inquietações a respeito da identidade negra no contexto social e escolar. Lecionando em escola pública, percebo nesse ambiente escolar a reprodução do racismo, sexismo, homofobia, entre outras formas de violências geradas pelo heteropatriarcado capitalista. Por entender que a escola é espaço de construção e transformação, tento dirimir essas violências nesse espaço desempenhando práticas antirracistas que oportunizem estudantes e docentes a reflexão acerca desses acontecimentos e a necessidade de repensar ações fortalecedoras para que a escola deixe de ser multiplicadora de um sistema que historicamente sempre oprimiu e massacrou povos africanos e indígenas. Na minha área de atuação, a literatura me ofereceu condições para refletir e expandir os conceitos fechados sobre esses assuntos, mas ao observar a literatura que apresento, me faço perguntas cruciais:

1. Porque a literatura que apresento é demarcada por homens brancos?

2. Sendo eu também escritora, porque não utilizo minha literatura nos processos educativos e por que não oportunizo autoras regionais, uma vez que o material que chega à biblioteca escolar através do acervo do PNBE (Plano Nacional Biblioteca na escola) ou do próprio PNLD (O Programa Nacional do Livro e do Material Didático), ambos do Ministério da Educação, não oferecem essa literatura?

Na tentativa de resposta, retomo minha prática, analisando-a criticamente, o que me leva a analisar o processo literário nacional, e percebo que há tensões estabelecidas também no processo de deslegitimação/legitimação de obras literárias do cânone brasileiro. Os estudos acadêmicos me fizeram perceber que no âmbito nacional há um conjunto de fatores nas esferas que abarcam o histórico, o social, o político, e o estético, no processo de produção literária que envolve a manutenção de poderes de grupos hegemônicos e dominantes. Esses fatores geram processos de seleção e exclusão de certos grupos sociais, o que tem servido para sustentar e influenciar o ensino de literatura praticado em nossas escolas.

Os estudos, por conta da pesquisa da autoria de mulheres negra no Sul da Bahia me proporcionaram identificar uma série de fatores que têm servido para sustentar literatura de

padrão hegemônico, que de acordo com Kabenguele Munanga: “é quase inteiramente composto por “machos brancos morto”(MUNANGA, 2009, p. 174). Dentre estes fatores destaco:

- A Literatura Brasileira, nas dimensões histórico-sociais, política e cultural, apresenta recortes de exclusões e violências contra grupos minoritários: mulheres, “não-brancos”, pessoas LGBTQIA+, dentre outros/as que se distanciam do ideal posto socialmente. Um dos aparelhos de segregação das categorias sociais é o Cânone Literário, que sempre funcionou à serviço da manutenção dos interesses da classe branca dominante, reforçando privilégios e estabelecendo relações de poder, de modo a impor padronizações. A universalização do conhecimento representa uma forma de manutenção dos estigmas impostos às produções epistemológicas produzidas por grupos subalternizados, a fim de legitimar as produções de uma determinada elite.

- O Cânone literário tem caráter hetero/cis gênero/ branco/cristão. Por essas vias, a literatura afro-Brasileira se insere neste território de negligências, silenciamentos e omissões, incitando debates acerca da validação da Literatura Negra. Portanto, reivindica outra configuração e novas competências para as mudanças estéticas e sociais (PEREIRA, 2010).

- Da mesma forma, a literatura afrobrasileira apresenta, entre outras marcas, o machismo e o sexismo, pois apresenta uma lacuna no que tange à presença de mulheres negras. Este vazio, na configuração literária, reverbera a marginalização sofrida por estas mulheres na sociedade, sempre privadas de significação e representatividade. Ademais, por muito tempo estiveram excluídas de todo e qualquer processo político, sociocultural, em território predominantemente racista e machista, interseccionando todos os tipos de violência, aqui em ênfase a do silenciamento epistêmico.

Ao refletir sobre esse conjunto de fatores e o campo minado edificado pelo patriarcado, trago para a cena o que chamo de Literatura Afro-Feminina, deslocando a mulher negra e a expressão de suas subjetividades à condição de autorrepresentação, pois na contramão do interesse e da autorização do cânone, a contemporaneidade tem nos permitido insurgências na literatura, como também o acesso a uma crescente literatura de mulheres negras encorajadas a revelarem suas escritas.

No Sul da Bahia, muitas autoras negras atuantes em diversos campos, que não o da editoração oficializada, vem despontando com uma literatura insurgente em vários dispositivos contemporâneos. Por esse motivo, cartografei autoras negras da microrregião Itabuna-Ilhéus. Assim, *A escrita de mulheres negras no Sul da Bahia: uma poética dissidente*

de resistência e ancestralidade, como escopo de análise que agora apresento, estabelece no espaço acadêmico o diálogo sobre a representação da poética de mulheres negras, além de problematizar as relações entre literatura escrita, literatura oral e modos de emergência da autoria negra na contemporaneidade. Contribuí ainda para discussões no campo das relações étnico-raciais, interculturalidades e processos de ensino-aprendizagem, uma vez que a cartografia dessas escritoras representa o fortalecimento da identidade afrodescendente, a inserção de novos valores culturais no processo literário vigente, como também na convergência da literatura negra ao mesmo patamar de validade da Literatura Brasileira.

A pesquisa buscou escritoras negras nas cidades de Ilhéus e Itabuna, partindo do seguinte questionamento: como essas autoras viabilizam a circulação das suas poéticas e a partir de quais dispositivos conseguimos (ou não) direcionar tais poéticas às salas de aula? Na busca dos dispositivos utilizados para representação dessas poéticas, compreendendo e sistematizando modos de disponibilizar tal repertório como base de referência e acervo em espaços distintos, a cartografia dimensionou autoras em diferentes gêneros literários.

Isso posto, o presente trabalho foi desenvolvido em três partes: a primeira, intitulada Cartografias, momento em que faço um desdobramento entre o processo de cartografar as autoras negras e a reflexão do ato de cartografar em mim, na condição de pesquisadora e também escritora negra. Logo, nessa primeira parte, apresento o protagonismo negro na Literatura Brasileira, momento em que perpasso o processo histórico dessa Literatura Brasileira, com a inserção da autoria negra no cerne da produção literária nacional. Para tanto, fez-se necessário, também, percorrer o campo da crítica literária acerca do cânone e a sua projeção em função de grupos dominantes, bem como o conceito de literatura por ele traçado, refletindo o arquétipo da dominação cultural branca-europeia, reforçando privilégios e aumentando a exclusão de determinados grupos. Por fim, esclareço o processo cartográfico da pesquisa e as relações tecidas na ancestralidade entre pesquisadora e pesquisadas.

Na segunda parte, trago a Série de livros produzidos a partir do processo cartográfico, cujo título é “Ecos Ancestrais”. Aqui, será possível conhecer um pouco da subjetividade das autoras e a potência da literatura sul baiana. A série de livros é o produto apresentado como resultado da cartografia.

A terceira parte, intitulada “Conversações”, brinda duas ponderações: o diálogo e as reflexões entre a pesquisadora e teóricas¹ da contemporaneidade acerca da literatura Afro-

¹ Priorizo, aqui, a utilização das palavras sem a demarcação hegemônica de gênero, principalmente em situação de pluralização, que geralmente recaem no masculino. Neutralizarei, sempre que possível, com a finalidade de incluir outras possibilidades de gênero.

Feminina como lugar de insurgências, fluindo para o campo das representações das poéticas de mulheres negras na intelectualidade, inseridas como referência epistemológica; após, a interlocução adentra as representações das poéticas das autoras cartografadas, apresentando a verve marcada pela ancestralidade.

Outrossim, nessa etapa, ainda é realizada uma análise literária dessas poéticas, o que vem a validar uma episteme instrumentada na voz de mulheres negras que reverberam a ancestralidade africana e insubordinação epistemológica. Para ampliar um diálogo referendado sobre uma literatura que enfatize a inserção e representatividade dos povos negros, contei com pesquisadores e pesquisadoras que vêm debatendo acerca dessa questões, sem os/as quais seria muito difícil tecer este Memorial: Conceição Evaristo (2009), Cuti (2010), Eduardo de Assis Duarte (2007, 2008, 2017), Edmilson de Almeida Pereira (2010), Florentina Souza (2010), Leda Maria Martins (2009), Maria Nazareth Soares Fonseca (2009), Zilá Benrd (2009), Roberto Reis (1992), dentre outros.

É importante compreender como uma pesquisa desse porte pode proporcionar um vasto enriquecimento intelectual tanto para quem é pesquisada, como para quem pesquisa, além propiciar reconhecimento epistemológico, que nos foi negado ao decorrer do tempo. Percebo que as mulheres tomam para si a tarefa de implodir a rigidez do cânone literário, provando que conhecimento não é privilégio de homens brancos cis gênero². Dessa maneira, arrebatamos a posse de nossas condições de escritoras, lançando-nos no cenário literário e produzindo discursos contra hegemônicos no Sul da Bahia.

Por conta disso, entendo que é chegado o momento de enxergarmos essa literatura com um enfoque diferente: a partir da poética e estética negra feminina, considerando a ressignificação do cânone, sob a perspectiva de derrubar estereótipos e discursos cristalizados e negativados sobre a mulher negra, trazendo isso como ponto significativo para o processo de afirmação identitária e para a inserção dessa mulhere no cenário literário, valorizando o dispositivo escolhido por ela para a divulgação de seus trabalhos.

² Aqueles/as que têm em seu registro de nascimento o gênero de acordo com o sexo biológico. Disponível em: <https://www.anoreg.org.br/site/2018/03/12/artigo-generos-transgeneros-cisgeneros-orgulho-e-preconceito-por-rodrigo-da-cunha-pereira/>.

PARTE I

CARTOGRAFIAS: A PESQUISADORA APRESENTA SUA PESQUISA

*Me ergo, miro alto, o ar é rarefeito
Fortifico os pulmões, e decido, não me entregarei tão cedo
Guardo a bala que seria minha pro próximo acerto
Sigo, o tempo é rei, e ele quem acerta os ponteiros.*

Stella Gomes

Vivenciar um contexto histórico em que o *giro decolonial*³ emerge na produção do conhecimento acadêmico, a partir da perspectiva de superação de colonialidades pedagógicas, de ressignificação de conceitos e de concepções que em outros tempos pareciam “intocáveis”, me encoraja a esmiuçar os desdobramentos políticos e sociais que atravessam alguns discursos e algumas das estéticas que constituem o campo do ensino de literatura. Durante muito tempo, a sociedade brasileira resistiu em compreender que havia verdades ocultadas pelo racismo estrutural nas mais diversas conceituações advindas do universo literário chamado canônico. Nesse sentido, as ausências de autorias femininas, sobretudo a de mulheres negras, no contexto literário brasileiro, me possibilitou reflexões sobre as desigualdades projetadas no campo das artes, algo inaceitável para o processo de fortalecimento de uma sociedade que busca se firmar, diariamente, com mais oportunidade para todos, todas e todes, ou seja, mais democrática. Apenas depois de ter me debruçado em leituras e apresentações em espetáculos teatrais, de ter recitado tantos versos em praças públicas, incentivado estudantes a lerem meus autores (no masculino mesmo!) favoritos, de ter exaltado autores brancos na academia e de todo um percurso de 25 anos atuando em salas de aula da Educação Básica, é que consigo perceber o quanto e como o sistema colonizador (com seus vários dispositivos, dentre eles, a colonialidade pedagógica) conseguiu construir um plano (quase) perfeito para invisibilizar povos indígenas e as diásporas africanas no Brasil.

Apenas agora, a partir do que posso chamar de intensificação do levante do Movimento Negro na atualidade, em sua incansável batalha por políticas públicas que compensem a dívida histórica e todos os direitos que foram destituídos da população negra, como a participação efetiva na democracia nacional e a circulação livre pelos mais diversos espaços públicos, é que compreendo, com maior precisão, como as artimanhas do sistema

³Acesso em: < <http://www.pensaracademico.facig.edu.br/index.php/semiariocientifico/article/viewFile/53/38>>.

colonial podem interferir em nosso senso crítico, ao ponto de nos cegar acerca do silenciamento das narrativas construídas pela população negra no Brasil. Observa-se, no entanto, que essa movimentação ocorre, na maioria das vezes, para camuflar as injustiças geradas pelo período de escravização, ao tempo em que uma “história única” (ADICHIE, 2019) e universalizada é institucionalizada e validada. Um dos principais pontos a chamar atenção é que, no percurso dessa “história única”, a população negra e indígena têm as suas culturas, princípios, valores e morais violentamente desvalidados.

Ao iniciar a pesquisa, buscar por autoras negras no Sul da Bahia parecia tarefa semelhante a encontrar agulha no palheiro. Apesar de, em minha prática enquanto professora de Língua Portuguesa, ter um foco ativo no trabalho com a literatura de autorias negras, baseada no fortalecimento da Lei 10.639/03, ainda me deparo com mais um ato falho em minha prática profissional, o que reforça a reflexão inicial sobre a questão que eu chamo de cegueira crítica de não estar atenta a um processo de autonegação nos mais corriqueiros passos de nossas vidas cotidianas.

Noto a força de um processo perverso de colonização, pontapé inicial para as opressões atuais, que contribuem para que pessoas negras tenham extrema dificuldade em refletir e discernir escapes sobre as condições impostas. Percebo, em reflexões atuais que não tive discernimento de que eu poderia, na condição de professora, ter sido instrumento para a inserção da presença de autorias negras da região em minha própria prática docente desde sempre, mas só consegui fazer isso bem mais tarde, após debates e discursos específicos, dentro do Movimento Negro.

A ausência ainda é vasta. Isso implica, inclusive, na reflexão sobre a minha condição de mulher negra, poeta, escritora (que até o início dessa pesquisa, não me colocava como tal), nas práticas educativas e na vida social. Tais indagações me fizeram sentir e criar um desejo maior de compreender o *modus operandi* das poéticas de mulheres negras do eixo Ilhéus-Itabuna, que é o lócus dessa pesquisa. Dessa forma, busquei encontrar autoras negras dessa microrregião, partindo do seguinte questionamento: como essas autoras viabilizam a circulação das suas poéticas e a partir de quais dispositivos conseguimos (ou não) direcionar tais poéticas às salas de aula? Essa é a pergunta que fundamenta e instiga a formulação desta cartografia, alicerçada em uma pesquisa de campo cuidadosa e enriquecedora.

Nesta procura, perpasssei por estudos que me fortaleceram e me deram suporte para um adensamento mais crítico entre a busca e o encontro, teoria e prática a respeito do cânone Literário, Literatura Afrobrasileira e a política de invisibilização de mulheres negras no

campo literário. Isso resultou na elaboração de alguns princípios que visariam tanto sustentar o meu processo de pesquisa, quanto dinamizar a minha escrita. São eles: princípios cognitivos, na busca de descolonização epistemológica e legitimação da escrita de mulheres negras; princípios estéticos, que buscam vozes nas subjetividades de narrativas silenciadas por um sistema tradicional e que são expressas através das vivências de mulheres negras; princípios estéticos, que contemplem uma literatura afrocentrada que, de acordo o pensamento de Molef Ket Asante (2014, p.3-4) “desafia e critica a perpetuação de ideias supremacistas raciais brancas no imaginário do mundo africano, e, (*sic*) por extensão de todo o mundo”. Dessa forma, uma literatura sustentada na ancestralidade africana e em princípios éticos, que situem a literatura em um lugar de prestígio, a ser usufruído, também, pelos povos diaspóricos.

Para tanto, contei com um referencial teórico metodológico cujo cabedal traz a força e a atuação de pesquisadoras e pesquisadores que estão traçando, no tempo de agora, as nuances da literatura negra em processo decolonial. Assim, caminhei nas trilhas de Conceição Evaristo (2010; 2011; 2017; 2018); Djamila Ribeiro (2017); Edmilson Pereira (2010); Grada Kilomba (2010), Molef Kete Asante (2014), entre outros estudiosos que muito contribuíram com análises, pressupostos teóricos norteadores de reflexões e problematizações alavancadas por estudo.

Refletir sobre a palavra escrita e sobre o ato de escrever como forma de reconhecimento intelectual significa, para mim, um impacto suficientemente libertador para alavancar vozes que, hoje, se impõem como insubmissas, pois consideram que, nesse circuito, cabe a presença de todas, todos e todes que se predispõem ao exercício de usar as palavras, de maneira responsável e sensível, em suas representações criativas. No entanto, nos “bastidores da vida real”, conseguimos notar que o ato da escrita não foi garantido para todas as pessoas e que esse circuito, na verdade, funciona como um campo minado no qual a condição de transitar foi preestabelecida a partir de uma demarcação das estruturas de poder do sistema colonial, que estabeleceram hierarquias de classe, gênero, religião, raça, entre outras.

Mediante essas violências, nos deparamos com as consequências que se encontram na ordem do dia, como, por exemplo, o epistemicídio, sobretudo da intelectualidade das mulheres negras. A escassa incidência de mulheres negras no cânone literário nacional nos aponta o quão hediondo e violento foi o processo colonial e como essa violência se estende, na contemporaneidade. Tentam nos ludibriar através dos argumentos científicistas e eurocentrados, como o de que não há produtividade de conhecimento entre os povos

colonizados. Entretanto, o mundo contemporâneo, ainda que carregado de traços coloniais, nos prova o contrário.

Entre teses de doutorado, dissertações de mestrado e artigos, a escrita de mulheres negras tem sido objeto de estudo nos últimos anos em diferentes campos das Ciências Humanas. Todos propondo reflexões e debates acerca da humanidade da mulher negra negligenciada no universo racista, assim como ausência de suas produções poéticas no cânone literário, uma prática trivial nas imposições históricas, as quais sempre negaram o direito epistemológico às produções literárias dessas mulheres.

Considerando que a contemporaneidade nos permite questionar essas imposições, utilizo-me dessas pesquisas como contributo para o diálogo e ampliação do discurso e do debate nas dimensões políticas no que concerne à necessidade de requerer o lugar epistêmico da literatura Afro-feminina. Pontuo aqui algumas dessas pesquisadoras e pesquisadores: Amanda Crispim Ferreira e Luiz Carlos Ferreira de Melo (2016) – *Literatura Afro-Feminina do século XX: corpo, voz, poesia e resistência*; Ana Rita Santiago (2012) – *Vozes Literárias de Escritoras*; Francineide Santos Palmeira (2010) – *Vozes femininas nos cadernos Negros: representações e insurgência*; Mirian Alves (2010) – *A Literatura Negra Feminina no Brasil - pensando a existência*; Moema Parente Augel (2017) – *“E Agora Falamos Nós” Literatura Feminina Afro-Brasileira*; Taise Campos dos Santos Pinheiro de Souza (2013) – *Poesia Feminina Subalterna Negra: uma voz de resistência*.

Mulheres negras são dotadas de potência intelectual, sim! As pesquisadoras e seus estudos nos provam essa dimensão. Descobrir a presença delas, principalmente nos diversos âmbitos artístico-culturais em Ilhéus e Itabuna, é uma demonstração do quanto estamos vivas e ocupamos lugar de fundamental importância na contribuição para a descolonização da episteme, a partir de nossas falas poético-pensantes. As autoras negras vêm elaborando um movimento, cuja representação poética se dá não apenas na palavra escrita. Elas vêm despontando com o recital, utilizando seus corpos, também, como artifício da palavra, o que me leva a classificar essa prática como corpos-vozes: a representação da poesia em movimento neste microcosmo do litoral sul baiano. O termo desponta ao assistir a batalha do *Slam das Mulheres*, em Ilhéus e ao sentir a força impactante do movimento corpóreo e a energia emanada na voz de cada *slamer*.

Para desembaralhar percepções críticas, no contexto da pesquisa realizada, percebo, o quanto se faz necessário trazer para à discussão o processo de construção de identidades, como propõe Djamila Ribeiro (2017) em *O que é Lugar de fala*. Tal compreensão pode

facilitar o nosso entendimento sobre o fato de todas e todos terem o direito à voz autoral, interligado ao lugar social, deixando fluir uma carga poética criativa, produtiva e carregada de ancestralidade.

Implementar projetos que propiciem visibilidade para o protagonismo de mulheres negras pode ser tomado como uma ação afirmativa, inserida nos processos de emancipação das subjetividades negras. A partir dessa pesquisa, situada nos campos da Literatura ou do processo de descolonização da episteme, que desejo iniciar estratégias de desconstrução epistemológica. Oferecendo novos olhares sobre o fazer literário, onde a presença de vozes femininas, negras e autorais do sul baiano, oportunizem, assim, representatividade e visibilidade para diversas mulheres que produzem arte nessa região.

Entendo que o controle instaurado sobre os corpos colonizados, perpassado por séculos e que constituem as narrativas dos afrodescendentes estabelecidos em diáspora, nos aponta para um fenômeno já sinalizado por Grada Kilomba (2010), sobre as diversas formas de silenciamento. A pesquisadora argumenta, em um capítulo do livro *Plantation*, intitulado *A máscara (The Mask)*, que a máscara utilizada na boca dos colonizados é a força simbólica de um sistema nefasto e controlador da existência humana, visto que, utilizada como instrumento de tortura, destina-se a cobrir a boca dos escravizados, privando-os de se alimentarem e de falarem. Tal instrumento representa uma marca de dispositivo de controle da existência dos povos colonizados. Nesse contexto, a boca, de acordo com a autora, representa uma ameaça de dominação da branquitude, pois a fala interdita implica subalternidade. Por conta disso, o indivíduo subalternizado precisaria ser silenciado, pois a permissão da fala daria a ele a condição de igualdade, de humanidade e de pertencimento ao bem comum. “Através do instrumento do silenciamento, emudece-se a memória do subalterno, procura-se esquecer a narração do passado vergonhoso ligado ao tráfico e ao cativo, esvaziam-se as tentativas de resistência ” (AUGEL 2017, p.2).

A partir desse entendimento, passo a perceber como o direito epistemológico está tendenciada a um jogo cheio de estratégias silenciadoras de vozes. A ausência de mulheres nas publicações literárias, nos registros da literatura brasileira, marca um forte ranço colonial na ação de continuar impedindo a produção e a intelectualidade afro-feminina de se expressar. Artières (1998), em *Escrita de si/Escrita da História*, afirma que a escrita é a nossa condição de existência e que, para existir, é preciso inscrever-se no mundo enquanto sujeito de enunciação. Pensando como Gloria Alzadua entendemosque (2020):

Escrever é perigoso porque temos medo do que a escrita revela: os medos, as raivas, a força de uma mulher sob uma opressão tripla ou quádrupla. Porém neste ato reside nossa sobrevivência, porque uma mulher que escreve tem poder. E uma mulher com poder é temida. (ALZADUA, 2020, p. 234).

De acordo com Kabenguele Munanga (2004) em *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil*, o processo de branqueamento pode ter falhado, mas o seu ideal foi encaçado através de mecanismos psicológicos inconscientes na coletividade brasileira. Por conta disso, entendo, agora, que a ausência aqui analisada pode justificar a reincidência de um processo de negação e anulação da episteme para as mulheres negras, que nadam contracorrente para marcar território e combater violências geradas pelas branquitudes e, por conseguinte, entendo que a produção de uma cartografia de mulheres negras, escritoras sul baianas, poderá contribuir para o enfrentamento ao não-reconhecimento e à desvalorização autoral de negros/as, especialmente das mulheres negras, na região.

Este emaranhado de reflexões e comprovações são o motor-contínuo que trazem o Sul da Bahia para esta pesquisa. Assim, o objeto de análise se concentrará não somente nas poéticas de autoras negras sul baianas, mas também nas próprias autoras, nas suas trajetórias e subjetividades no contexto do feminino e da negritude, bem como em suas singularidades/pluralidades que tecem a escrevivência.

ECOS ANCESTRAIS

Com base no material bibliográfico selecionado, foi possível analisar as obras dessas escritoras e construir uma série de quatro livros, sendo três de poesia e um de contos como produto, resultado da cartografia. Tratam-se de livros virtuais, de edição independente, como proposta de acervo literário. Os livros serão lançados como e-book em formato PDF (*Portable Document Format*) e ficará hospedado no *Google drive*, estando à disposição para leitura e *download* por meio de *link* compartilhável.

Estes produtos para além da exigência do Mestrado Profissional, proporcionaram-me outras variáveis contextuais que me renderam a afirmação da capacidade de um trabalho intelectual, subjetivo e emocional. Eu saí da zona de insegurança e lancei-me no caminho das possibilidades. Ao longo desse processo, reafirmei minha condição de poeta e venho praticando a minha capacidade como crítica e curadora literária. Espelhada na atitude de

muitas mulheres negras contemporâneas, também no campo da editoração independente, por conta da pesquisa cartográfica e do fluxo dos acontecimentos, me deparei com o inesperado: hoje estou à frente da editora *Gueixa-nagô*.

Todo esse emaranhado de proposições que me foram surgindo, em nenhum momento foi um processo contruído individualmente. O desenvolvimento aqui relatado só foi possível porque contou com uma coletividade. Foram estabelecidas relações, principalmente com mulheres negras, que entendiam a pesquisa como propositora de abertura de caminhos para o processo de pensar a ruptura com a “história única” (Chimamanda Ngozi Adichie, 2019) e contribuição para a visibilidade da mulher negra no campo epistemológico. Desde o sim de cada autora até esse momento de escrita implica no “fazer com”. Ainda que a pandemia tenha nos obrigado a ficar em isolamento social, por conta da crise desencadeada pela pandemia do novo coronavírus (SARS-CoV-2), não faltou contribuição e estímulo para a conclusão do trabalho. Foram telefonemas, trocas de mensagens via *WhatsApp*, gravações de áudios e, em muitos momentos, uma voz do outro lado do celular: “tudo dará certo”! E foi assim que consegui efetivar a escrita e cuidar da idealização e confecção do produto que narro a seguir.

A parte da curadoria, nasceu praticamente paralelo à cartografia, pois o encontro com as autoras, a participação em seus eventos já me possibilitaram o contato com suas poéticas, me despertando o olhar mais aguçado para com elas. A ideia era que o processo contasse, dentro do possível, com a colaboração de mulheres negras ou pessoas de gênero dissidentes na produtividade, a fim de garantir a inserção de intelectuais que ao longo do tempo sempre sofreram os impedimentos de um sistema reprodutor de racismo, sexismo, homofobia e todas as agruras do heteropatriarcado capitalista. Na seleção, contei com a colaboração de mulheres, que sempre me atravessaram cotidianamente, pela carga de ancestralidade que carregam e pela capacidade que possuem de me provar que eu sou capaz de realizar um trabalho tão desafiador.

A materialização do livro ficou a cargo da entrega de Diacui Benazir, que entendeu a proposta do trabalho e se encorajou a contribuir com sua capacidade inventiva na tecnologia. Ela não sabia, mas representou o fio de extrema importância nessa grande teia que se estabeleceu em torno da produção do livro. Sua adesão ao projeto de sonhar um livro independente com autoria de mulheres negras foi crucial para a sucessão de todas as etapas seguintes. No fundo, esse processo cartográfico tem mostrado sua significância quando outras mulheres reconhecem nele o merecido lugar, representando o “nós por nós”, proferido por cantores/as do universo *Hip-Hop*, repercutindo o “estamos por nossa própria conta”,

manifestado por Steve Biko, ativista sul-africano. Por conta disso, fluiu o processo de criação. Os convites para escrita dos prefácios foram respondidos por Graci Sá, Leila Sá, Luciana Leitão e Telma Sá com um misto de satisfação e orgulho de poder fazer parte. Com essa parte definida, veio o grande desafio: a confecção das capas. E os artistas, desenhistas e colagistas foram garimpados no circuito de amizades fortalecidas em contextos de construção identitária e lutas no processo étnico-raciais e de gênero, tecidas nos espaços acadêmicos e de arte. Assim, Stela Gomes, Alex Girassol e Geomara Moreno deram o toque de beleza necessário através da arte visual. Por fim, Rachel de Oliveira, Núbia Mota, Cynthia Barra e Daniela Galdino abrilhantaram a apresentação da obra para soprarmos os *Ecoss Ancestrais* que apresentarei a seguir.

Idealizar, produzir, editar uma série de livros foi um parto extremamente conjunto. Por certo, eu não daria conta da diagramação, revisão, seleção, entre outras coisas, sozinha. Principalmente em um contexto de pandemia, com as emoções abaladas pela incerteza que se estabeleceu acerca do futuro. A contribuição de cada pessoa, com suas histórias de vida, suas experiências em diversos campos, não apenas contribuíram para a concretização dos produtos, como também revelaram a força do Movimento Negro que pulsa em nós, pois como afirma Nilma Lino Gomes, é ele “um dos principais atores políticos que nos reeduca nessa caminhada e não nos deixa desistir da luta. Sempre inspirado e fortalecido pelo empoderamento ancestral que renova hoje e sempre as nossas forças e energias” (GOMES,2017, p.20).

É exatamente essa força ancestral que legitima a logomarca do selo editorial *Gueixa-Nagô*. Posteriormente explicarei sobre a inserção do termo Gueixa-nagô como complemento em meu nome. Cogitar um nome para essa marca foi muito rápido, pois senti a ancestralidade atravessar todo o meu processo criativo. Desde a idealização do Projeto de Pesquisa até o que me encontro agora (escrita). Tenho certeza de que continuará atravessando até o final, pois é muito forte toda a eclosão de força e energia emanadas na multiplicidade de estratégias e inspiração no ato de criação. A ancestralidade nos guia. *Agô!* seria esse o nome da editora, mas já existe outra sob esse registro. Não hesitei em decidir por *Gueixa-Nagô* e apostei no jogo de palavras e na simbiose entre os termos *Nagô* e *Agô*. Na língua iorubá, *Agô* quer dizer “licença” e era justamente a minha intenção com o trocadilho: pedir licença, abrir os caminhos. Não o da pesquisadora, escritora e agora editora, mas de todo o povo preto que vem resistindo por tanto tempo “na luta pela democracia e contra o capitalismo, o racismo e o

patriarcado” (Ibidem). Precisa, portanto, de passagem para reconstruir a história sendo sujeito da sua própria emancipação.

Depois de toda essa etapa foi preciso o talento do designer gráfico, Gabriel Luz, para definir a logomarca e dar sentido à identidade visual elaborada para a coleção Ecos Ancestrais. Para Strunck (2001, p.57), “a identidade visual é o conjunto de elementos gráficos que irão formalizar a personalidade visual de um nome, ideia, produto ou serviço”. Dessa forma, Gabriel Luz captou com maestria toda a carga subjetiva do nome, utilizando tipografias que dialogam com a estética afro de maneira sofisticada, conectando com a história contada na imagem escolhida para a logomarca: a de uma cabeça de mulher negra vista do alto, revelando traços marcantes: nariz, testa e a cabeça com tranças nagô (rasteiras), que metaforicamente sugerem caminhos confluentes. Segundo Prado (2020) escreve para a revista Mundo Negro, “a tecedura dos fios capilares em tranças nagôs como um processo não restrito à beleza estética, mas também à renovação dos afetos, de resistência e reafirmação da própria identidade e tradição”.

Foi necessária uma pesquisa imagético-social e uma consciência histórica para dialogar através da arte com os caminhos percorridos por nossas ancestrais para que agora pudéssemos ocupar os espaços que nos foram negados. Se hoje estamos nos firmando como protagonistas de nossa história e nos permitindo como escritoras e editoras é porque, antes de nós, chegaram outras mulheres que iniciaram a batalha antirracista. Nossos passos vêm de longe, nos explicita Jurema Wernek (2016) e, com essa certeza, nós, na contemporaneidade, entendemos que adentrar o espaço acadêmico só faz sentido porque carrega a importância de um corpo de mulher negra que pesquisa e escreve sobre mulheres negras para driblar o apagamento histórico e epistêmico a que fomos impostas.

Tal produto representa um forte referencial das poéticas de mulheres negras que poderá perfeitamente ser usado em escolas como recurso literário, no intuito de implementar a aplicação da lei 10.639/03. Ele, por sua vez, inspirado no Objeto de Aprendizagem Poético (OAP), representa uma ferramenta potente para a exploração da subjetivação no campo da Arte Literária.

O OAP propõe investigação a partir de objetos artísticos, fazendo convergência entre esses objetos e a prática pedagógica. Assim, quando um evento artístico se ajusta com uma atividade pedagógica, possibilita a interação entre os envolvidos e o objeto artístico. Tatiana Fernández (2016), em sua tese de doutorado, *O evento artístico como pedagogia*, nos propicia o conhecimento do Objeto de Aprendizagem Poético (OAP), propondo uma nova

experiência de aprendizagem, em substituição dos Objetos de Aprendizagem (OA), representando uma concepção automatizada, que visa padronizar e universalizar a educação com fins meramente econômicos. Com proposta de políticas emancipatórias, o OAP sugere encontros significativos no campo da arte visual. Em nosso caso, estamos propondo esse produto, resultado desta pesquisa de Mestrado, como uma proposição de objeto da arte literária para funcionar também como produção de conhecimento interativo em vários aspectos do campo da literatura. De acordo com a autora, esses objetos oportunizam mais disposição no setor pedagógico, como forma de produção cultural, expandindo a relação entre arte, cultura e educação. Essa nova forma de atuação desafia o/a professor/a a redimensionar a “forma de se ver a si mesmo como criador, provocador e produtor de cultura e de pedagogias” (FERNÁNDEZ, 2016, p. 24)

Segundo Dias e Fernández (2015, p.2), o OAP refere-se a “um conceito que se posiciona em um território poético. Por este motivo se trata de uma apropriação que ocupa territórios epistemológicos não explorados em espaços que se abriam para outros fins”. Dessa forma, toda a poética expressa na Literatura Afro-Feminina aqui cartografada apresenta traços de uma política emancipatória, que pode ser explorada a partir de sua função literária e para além dela, contribuir no processo criativo da construção de outros livros, como também, motivar vivências e proporcionar várias possibilidades investigativas. O campo literário é fértil por estar repleto da dimensão poética. Possivelmente, o OAP enquanto dispositivo artístico-literário ao acionar subjetivação e interação, em consonância com atividades pedagógicas, tende a propiciar o que Irwin (2006, s/p, *apud* FERNÁNDEZ, 2016, p.178) chama de abordagem ar/to/gráfica, que “[...] indaga no mundo por meio de um processo contínuo de fazer arte em qualquer forma artística e escrita não separadas ou ilustrativas uma da outra, mas interconectadas e tecidas entre elas para criar significados adicionais ou novos”.

Ainda de acordo com Dias e Fernández (2015, p.2), o OAP “aponta processos de singularização que conduzem a pluralidade, ocupando o espaço conceitual da educação e da arte por caminhos invisibilizados”. Assim, tanto professores/as como estudantes podem se beneficiar de experiências criativas e poéticas, explorando o conhecimento, a imaginação, o diferente e o dissidente.

CARTOGRAFIAS: A AUTORA REVELA SUA LITERATURA AFLORADA

*Criei raízes
Não sou broto
Sou flor crescida
Carrego marcas
Mas sigo forte e viva*
Ananda Radharanni

Eu sempre tive consciência de que a palavra poderia salvar as pessoas. Não tinha muita precisão dessa capacidade, nem quando escrevia palavras no chão com carvão, nem quando percebia o empenho de minha mãe, Tereza Soares de Sá, para que seus filhos e filhas estudassem. Aquela mulher, que tinha apenas o curso primário, “movia mundos e fundos” (expressão dela) para que fôssemos bem-sucedidos no processo escolar. Tenho memória de que os primeiros contatos com o “aprender a ler” foi com essa mulher extraordinária, marcada por traços indígenas e imensa sabedoria. Havia nela muito orgulho em ver meu desenvolvimento na leitura. Tenho orgulho de rememorar que no desejo de me oportunizar a inserção na pré-escola, “Jardim de infância” (como era chamada a educação infantil da década de 70), ela lavou roupa de ganho para comprar meu fardamento e material escolar. Eu tinha cinco anos. Na época, era uma inovação, no campo educacional, a participação de crianças dessa idade na instituição escolar pública. Era escola pública, mas ela não funcionava para todos e todas. Não éramos tão pobres de modo que a minha família não pudesse arcar com o fardamento, material e merenda escolar. No entanto, o meu pai não concordava com a escola nessa idade, pois minha irmã e meus irmãos só entraram na escola bem mais tarde, com idades mais avançadas. Sempre conseguíamos seguir em frente, pois já chegávamos na escola sabendo ler. Minha mãe, que viveu sua infância sem conhecer pai e mãe, fugindo da seca, ainda muito nova, e trabalhando em casas de pessoas ricas em troca de teto para cobrir a cabeça (como ela dizia), trazia em si muita subversividade, que transpassou o machismo de meu pai. Matriculou-me e garantiu os meus primeiros contatos com a instituição escolar, o que era, para mim, motivo de muita satisfação.

O interessante é que o meu processo de alfabetização se deu em casa. Com uma cartilha, minha mãe me ensinava a soletrar as primeiras palavras e depois começou a pagar uma professora particular. Assim, pela manhã eu estava na casa da professora e no período da tarde eu ia para a *Escola Municipal Pequeno Príncipe*. Eu penso que minha mãe não

acreditava naquele processo de aprendizagem da pedagogia da época, com sílabas e palavras dentro da saboneteira, sem soletrar. A minha memória existencial sempre foi atravessada pela escola.

Controle remoto na mão dá poder a quem guia o mundo do sofá diante da TV. Para mim, o poder sempre esteve na palavra. Seja na oralidade, seja na ponta da caneta. É no meu pensamento, a sentença de liberdade de um povo. Tudo isso me faz viver uma bela história de rebelião, de amor sem príncipes encantados, pois quem encanta sou eu, com a minha tez, com o meu corpo, o meu olhar e com os meus traços carregados de africanidade. Desde criança, me senti capaz de tudo nessa vida, desde cantar na rádio (mesmo sendo desafinada!), escrever poesias e desejar vê-las impressas junto com meu nome no jornal.

Sempre que me pego a pensar como a literatura entra em minha vida, retorno ao tempo de infância. Minha condição de estudante, de aprendiz, de sonhadora e aventureira, sempre me remete à escola, pois aquele lugar me fazia perceber a conexão casa/escola/livros e o sentido que os livros faziam. Por muitos anos a vida estudantil foi o sentido da minha existência. Ela perpassou infância, adolescência e juventude. Tudo girava em torno desse “ir para escola”. Mas era no escritório de meu pai, onde havia tantos livros, que eu me realizava. Na dimensão de meu tamanho, parecia até labirinto, mas eu não me perdia, me achava. Havia livros que nem entendia, mas gostava. Livros grandes, grossos, finos, velhos, novos, novíssimos. Adorava alguns títulos de assuntos que eu nem entendia. Mas sei que essa leitura “sem sentido” e descomprometida fez de mim a leitora que sou hoje. Ali, naquele escritório, naquelas estantes, eu me casei com a literatura – com a poesia, para ser mais específica. Não de papel passado, já que não registramos nosso relacionamento em papel timbrado, mas somos fiéis até os dias de hoje. O nosso relacionamento é meio boêmio, mas para sempre porque o para sempre é o viés das nossas entrelinhas. E hoje eu entendo o que a minha mãe me dizia sobre a palavra salvar (e que era preciso estudar para ser gente). Na condição de menina negra (e essa consciência só me veio depois. Eu não dava conta disso no Ensino primário. Consegui barrar o processo de exclusão escolar (e tantos outros) desde sempre por conta da intelectualidade. É certo que nunca fui a “queridinha da professora”, pois hoje sabemos a que perfil de estudante os cuidados e atenção eram destinados, mas EU SABIA LER. Daí era difícil me tirar de certos lugares. Por exemplo, quando saímos da pré-escola para a primeira série, houve uma separação de turmas em “fortes e fracas”. A turma fraca era dos estudantes que aos sete anos ainda não liam com fluência. Por isso fomos separados, e ali perdi boa parte dos/as colegas. Segui na turma dos fortes (entendo que esse era o cuidado de

minha mãe) e lá fiz novas amizades (muitas perduram até hoje), mas não posso negar que, relembando esses acontecimentos, vejo que os/as colegas mais chegados/as eram os/as negros/as.

Lembro-me de que na quarta série (correspondente ao quinto ano de hoje) lemos no livro didático de Português o poema “Infância”, de Carlos Drummond de Andrade, para atividade de interpretação de texto. Na leitura silenciosa, aquele poema me arrebatou e eu fiz uma viagem no meu tempo, criando imagens do texto lido. A passagem final dizia: “Minhas histórias eram mais lindas que as de Robson Crusoé”. Eu, que tinha acesso à Literatura de Robson Crusoé, sentia também a mesma certeza do autor. No meu caso, meu pai não andava a cavalo (pelo menos na época de minha infância). Meu pai era um homem que viajava. Além de ser representante de várias coisas (essas viagens eram a trabalho), ele também viajava muito, participando de congressos da Língua Universal Esperanto⁴. Essa era uma marca forte da minha infância: meu pai viajava muito e tinha oportunidade de conhecer vários países do mundo, minha mãe lavava roupa e me ensinava a ler, a entender tabuada de multiplicação e todos juntos contávamos histórias, principalmente quando faltava energia na rua. Ficávamos sentados/as numa esteira estendida no terreiro (era assim que chamávamos a parte da frente da casa) dando asas à imaginação. Íamos à praia aos domingos e estudávamos juntos à noite depois que ouvíamos o programa de rádio *A Voz do Brasil*. Eu não havia falado, mas meu pai, Eléus Leonardo de Sá, era um homem negro intelectual, autodidata, professor e escritor, um visionário do seu tempo, que rompeu as barreiras do preconceito pela sapiência e eloquência que possuía. Ele pisava no preconceito rebatendo com ciência todas as falas que pudessem ser pejorativas a ele. A leitura daquele texto me deu a certeza de que a minha história era mais bonita que a de Crusoé e a de Drummond, justamente porque eu tinha um pai que viajava literalmente pelo mundo e também recitava poesia, além de ter uma mãe subversiva e repleta de sabedorias, que buscava libertar, pelo saber formal, toda a prole que constituiu. Assim, ela viveu insubmissa e implantou a insubmissão em mim. Uma mulher simples que leu o destino que teve e rabiscou horizontes para sua prole pelos estudos, o que permitiu o meu encontro e o meu enlace com a poesia e a literatura.

⁴ Língua internacional planejada que foi lançada em 1887 com objetivo de facilitar a comunicação entre os povos de diferentes países e culturas. O autor do Esperanto foi o médico polonês Lázaro Luís Zamenhof (1859-1917) que o lançou com o pseudônimo “Dr. Esperanto” que significa nesse idioma “aquele que tem esperança” em um livro denominado “Unua Libro de la Lingvo Internacia”. Portanto, o nome original do Esperanto é “Lingvo Internacia”, que melhor se traduz por “língua para ser internacional”. Disponível em: <<http://esperanto.org.br/info/index.php/18-disvastigado/5-o-que-esperanto>>.

No período escolar sempre fui uma criança comunicativa. Aliás, comunicativa demais. Minha caderneta (que era um diário de registro) quase sempre ia para casa com a notificação de comportamento regular. Isso por conta da conversa e risadas, pois enquanto eu não sabia registrar emoções e sentimentos em papéis cheios de margens, partilhava, na oralidade, espalhando sorrisos como quem distribui flores, o que ainda faço até hoje. Eu fui uma criança feliz. O riso era fácil e a gargalhada sempre foi minha marca, aliás de minha família toda. Todos riem muito. Dizem inclusive que temos o mesmo sorriso. Mas esse sorriso me custou caro. Certa vez, na segunda série (eu tinha oito anos), em momento de conversa com uma colega na hora da aula, soltei uma gargalhada. A professora não me disse nada. Na hora do registro do comportamento, eu olhei rapidamente e li “Excelente”. O que foi surpresa para mim, já que me acostumara com o “regular. Em casa, ao final daquele dia, a minha mãe me abordou com um cipó fininho, perguntando o que eu havia feito de errado na escola. Eu, claro, disse que nada. O dia havia sido tão agradável lá. Fiquei surpresa com as cipoadas que iniciaram nas pernas. Ela me deu uma grande surra daquelas e me explicou desapontada que meu comportamento naquele dia havia sido “insuficiente”. Fiquei muito mais magoada com a professora, pois ela não fez a mesma notificação na caderneta da minha colega que riu comigo. E eu, na inocência, no golpe de vista li “excelente” em lugar de “insuficiente”. E confesso que era meu sonho de consumo o registro de excelente, pois eles geralmente eram registrados nas cadernetas dos/as meninos/as brancos/as. Apenas depois, entendi que para tudo isso havia um nome: racismo. Sempre que relembro desse fato, entendo o quanto a escola foi multiplicadora desse sistema vil e opressor.

Eu nasci numa família considerada grande. Fui a sexta a nascer e no total fomos oito. Fui a segunda mulher da família, pois após a primogênita (que nos deixou em 2019 e por isso reverencio agora) nasceu uma sequência de quatro homens. Grávida de mim, minha mãe me confessou que desejou que se naquela barriga houvesse uma menina (naquela época não havia ultrassonografia, era o ano de 1968) e ela iria se chamar Tereza Cristina. Na verdade, era uma justa homenagem porque todos os meus irmãos e irmãs já tinham os nomes ligados ao de meu pai e aos pais dele. E assim eu nasci: Tereza Cristina Soares de Sá. Com essa história, me senti afetada por uma força motriz que justifica minha existência. Sinto que minha composição do ser mulher se deu mesmo antes de eu me entender, de fato, enquanto mulher. A partir disso, tive noção do quanto fui desejada e amada como mulher. E acredito que é por isso que sustento essa força do feminino em mim, além de carregar a subversividade e a força de minha mãe. Por conta do homônimo, na minha casa cresci sendo chamada de Terezinha,

ou Tina (por causa do Cristina). Na escola, sempre fui Tereza, mas sempre ganhei os apelidos carinhosos próprios do meu nome: Tê, Téca, Terê, Terra... Também tenho a alcunha de Tereza Sá Gueixa-Nagô, por conta de um poema que escrevi na juventude. O neologismo surgiu de brincadeira, e o trocadilho existe justamente por eu acreditar que a minha força ancestral vem do povo Nagô. E eu me tornei Tereza Sá quando comecei a fazer teatro. Era preciso um nome artístico. Soou bem o Sá. E assim me fiz. E assim ficou: Sou Sá, sou sã.

E veio o Ensino Médio. Pois é, o tempo passa sem pedir licença. E a menina cresce em meio às tribulações de inquisições da educação brasileira, sendo, inclusive, vitimada por uma reprovação, fruto de processos de exclusão do sistema educacional. Não deu para driblar essa exclusão intelectual. Por incrível que pareça, por mais vergonhoso que fosse (afinal, era filha de professor!), esse fato não me tirava o gosto pelos livros. Aliás, foi durante todos os períodos de recuperação que as disciplinas mais faziam sentido em minha cabeça, visto que a vontade de estudar aumentava, já que o medo de “perder de ano” falava mais alto. Foram nessas aulas que vieram a certeza de que eu seria alguém ligada à educação. Alguns anos após o "título" de bi repetente, ingressei no curso de magistério. Era o ano de 1988 e três anos depois iniciei minha trajetória na Rede Municipal de Ensino, no município de Ilhéus-Ba, como contratada. Já em 1997, segui como concursada.

Embora os livros de Didática nunca tenham me falado sobre questões raciais, a experiência com o racismo me chegou agora por outro ângulo. Para a minha tristeza, os mesmos estigmas e segregações do meu período escolar eram vivenciadas por mim, novamente. Porém, agora, na condição de professora, percebia que “(...) as cenas que apresentam uma relação harmoniosa entre alunos mostram que existe um limite para a interação entre alunos negros e não negros. A qualquer momento, seja numa situação de tensão ou não a relação de “cordialidade” se rompe” (SANTOS, 1997, p. 29).

E diante de situações assim, confesso que não compreendo, e acho inadmissível que um/a professor/a em sua prática pedagógica possa ouvir e presenciar tanta injúria racial e não se pronunciar. O silêncio da escola sobre esses assuntos sempre me incomodou. “[...] o silêncio que atravessa os conflitos étnicos na sociedade é o mesmo que sustenta o preconceito e a discriminação racial no interior da escola” (CAVALHEIRO, 2000, p.98 e 99).

Como professora, desde o início tenho buscado oportunizar uma educação antirracista, pois sei que dessa importância não apenas para os/as estudantes e professores/as negros e não negros que são preteridos dentro de um currículo eurocêntrico, mas também pelos que se consideram brancos e tem sua identidade construída a partir do olhar de

superioridade. Mas confesso: não é fácil. É uma luta travada diariamente com os colegas, direção, coordenação e em muitos casos, até com os/as estudantes, que tendem a normalizar os atos de racismos e discriminações diversas que atravessam o universo escolar. Certamente por ter consciência de minha identidade e ter experimentado esse mesmo racismo na escola e certamente minha atuação no Movimento Negro Unificado (MNU), no enfrentamento e nas lutas antirracistas em diversos aspectos tenham influência forte em minhas atuações profissionais, pois sempre tive condições de conduzir essas discussões complexas com segurança. Mas digo com seguridade que não é fácil. Para não desanimar, é preciso muita crença no processo educativo e defender essa bandeira como quem defende a própria vida, afinal:

O compromisso com a questão racial na escola é de todos nós, negros, brancos e de outros segmentos étnico/raciais. Sobretudo, os professores e as professoras negras não devem furtar-se a esse compromisso. Antes, devem seguir a lição de coragem e ousadia deixada por nossos antepassados africanos. (GOMES, 2004 p.105).

Por isso nunca desisti de trabalhar essa questão em sala de aula. Mesmo sabendo que o processo que envolve a diversidade no universo escolar é de grande complexidade, devido a ausência de interesse de forma geral no que diz respeito aos assuntos relativos a cultura de matriz africana também no contexto escolar. A lei 10.639/03 vem favorecer a aplicabilidade de um ensino que contemple a diversidade, pois versa sobre o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, ressaltando a importância da cultura negra na formação da sociedade brasileira. Sabemos que no papel é muito interessante, mas para desenvolver isso em ações práticas, há a necessidade de novas posturas da instituição escolar que, como sabemos, prossegue muito omissa. Eu segui estudando muito para ressignificar minha prática. A pós-graduação em Educação e Relações Étnico-Racial, no ano de 2004, contribuiu muito na amplitude de meus conhecimentos e redimensionamento da minha postura frente à comunidade escolar que sempre esteve resistente e me ajudou a enxergar que, quando não fosse possível fazer com todo mundo, eu deveria realizar com quem se dispusesse. Me encorajei tanto que desenvolvo um projeto, junto com os/as que entendem a necessidade, já há seis anos consecutivos. Afinal, a lei já estava em vigor e lutamos muito por isso.

Como mestranda em Ensino e Relações Étnico-Raciais, percebo o quanto a minha existência está diretamente relacionada a trabalhar essa temática. Quem cresceu criança negra sendo tolhida e segregada, tendo que agarrar as oportunidades, não tem outra opção, senão lutar enquanto estiver viva e inserir nas práticas o debate sobre as questões étnico-raciais que

se consolidam em nossos espaços para, assim, colaborar na construção de uma sociedade igualitária e mais justa para todos e todas. De acordo com Munanga (1999), a educação escolar, embora não possa resolver sozinha todas essas questões, ocupa um lugar de destaque em nossa sociedade e na discussão sobre a diversidade cultural. E é por estar inserida no processo educacional como profissional, também como mestrande, que mais uma vez coloco minha capacidade intelectual para contribuir de alguma forma nesse processo de desintoxicação das manifestações machistas e racistas que se proliferam em nossa sociedade.

Volto ao mote dessa apresentação e, mais uma vez, registro a literatura enquanto grande acompanhante da minha trajetória de vida. Sempre fui uma mulher das letras, desde as primeiras, com minha mãe, até as descobertas pela curiosidade que me conduziram aos livros de poesias de Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Castro Alves, Cecília Meireles e toda vastidão que a literatura brasileira me reservara naquelas tardes em que a biblioteca de meu pai era mais que um cantinho reservado em seu escritório de imóveis. Eu não sabia, mas a “traquinagem” de percorrer aquele “labirinto” me conduziria à faculdade de Letras na Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), em 1994. Sei que muitas das minhas professoras não souberam que a menina bi repetente nesta data era a nona classificada no vestibular desta tão honrosa universidade pública. Sigo sobrevivente, como este poema:

*(...) Sou eternamente naufraga,
mas os fundos oceanos não me amedrontam
e nem me imobilizam.*

*Uma paixão profunda é a bóia que me emerge.
Sei que o mistério subsiste além das águas.”*

(Conceição Evaristo, 2011 p.27)

O ingresso na faculdade trouxe-me muito além de encontros felizes com professores/as e amigos/as. Inundou-me do cânone literário branco, heteronormativo e, muitas vezes, cristão. Eu já tinha a consciência, de que não havia ali um desdobramento para todos os grupos sociais. Ou seja, era a reprodução do universalismo europeu, o que implica na exclusão de grupos minoritários, que permaneciam invisíveis naquele espaço acadêmico. Acredito que passei por ali também de forma invisível. E é por isso que retorno à academia, com um projeto de mestrado, buscando encontrar mulheres negras e escritoras de nossa região. Encontrá-las, conhecer o lugar de suas poéticas e trazer para a cena novas caras, novos corpos, novas vozes.

A escrita autoral dessas mulheres torna-se interesse da pesquisa de mestrado quando me vejo como mestranda na condição também de uma possível escritora. Digo possível porque é entre o ato de escrever “coisas” que me vêm a inspiração e entre aceitar-me ou ser validada como tal, há um hiato gigantesco, que só vai sendo compreendido conforme as relações com o racismo institucional, ao longo de minha existência como mulher negra, vai se estabelecendo.

O fato de ser filha de intelectual sempre me colocou na condição de confortável acesso ao mundo literário. Tornei-me adolescente datilografando textos poéticos e artigos que meu pai publicava nos jornais da cidade. Muitas vezes, era eu quem entregava esses textos na redação do jornal e, dias depois, os via impressos nos periódicos. Tenho lembrança de ter ido com meu pai, à noite, ver a produção do jornal. A máquina em movimento, o cheiro forte de graxa no ar e rapazes manipulando os tipos, espécies de blocos móveis que eram arrumadas em sequência para a composição do texto que seria impresso. Tudo aquilo me encantava profundamente. Obviamente nada se comparava à emoção do picadeiro de um circo, ou peça teatral, ou qualquer outra manifestação artística, mas sei é que aquele momento mexia muito comigo. Ah! Ver os maquinismos que prensava a poesia me fazia pensar que a poesia já não era mais tão subjetiva: ela tinha, forma, força, cheiro, presença e exalava êxtase gráfico, que eu via impreso no dia seguinte. Desse contexto foi se avizinando um desejo de também ver as coisas que eu escrevia impressas no jornal.

A escrita sempre me acompanhou. Sempre me peguei escrevendo coisas. Tenho memórias de, pelo menos, aos dez anos (estava na quarta série), já colocar no papel palavras e pensamentos que me vinham de inspiração. Não tinha consciência de que aquilo era poesia (e nem tinha pretensão de me julgar poeta), mas, dessa fase, até pelo menos aos treze anos, eu comecei a guardar esses registros. Em algum momento os mostrei a algumas amigas que acharam interessante. O que eu sei é que o movimento de levar os textos de meu pai para o jornal me influenciava, ao ponto de me encorajar a levar um texto meu (naquela época já sabia que aquilo era poesia) e pedir ao redator para publicar na página dedicada aos escritores da cidade. O título do caderno era *Poética*, um suplemento dos sábados. Não tive coragem de contar a meu pai que iria “imitá-lo” (na verdade eu estava seguindo os passos dele), por isso, também não tive coragem de colocar meu nome. Minha primeira publicação saiu com o nome de minha amiga, Cléa Serra (poderia ter usado o pseudônimo, mas não conhecia esse recurso). Sou eternamente grata a essa amiga pela gentileza do “sim” tão necessário.

Foto 2 – Irmandade



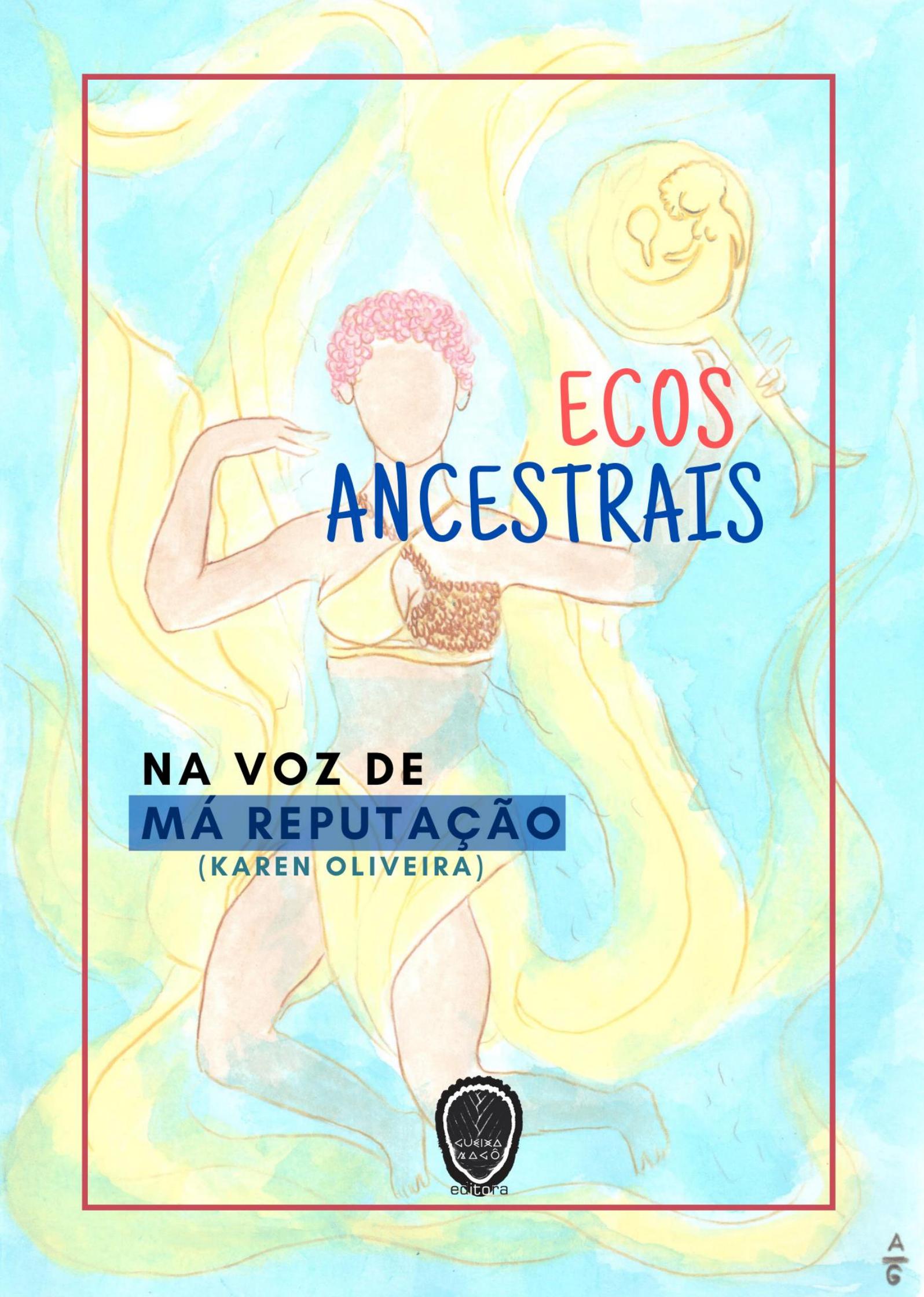
Fonte: acervo pessoal.

No fundo, eu não queria que meu pai soubesse que eu escrevia. Não mostrava esses escritos para os meus familiares. No sábado da primeira publicação, peguei o jornal com o coração saltando à boca. E não sei explicar o vazio que eu senti ao ver a imagem do meu texto com o nome de minha amiga. Ver aqueles versos, sem meu nome, me abriu um abismo na alma. Era como se a minha voz saísse da boca de outra pessoa. Me senti muda. Vi e senti que aquilo não era bom. A partir disso, me encorajei a publicar uma série de outros poemas com meu nome. E realmente senti que isso era muito bom, embora ficasse meio acanhada quando as pessoas (inclusive a professora de Português) comentavam que haviam lido meus poemas e queria falar sobre eles.

Foi dessa maneira que eu fui crescendo, registrando minhas inspirações e publicando. Durante um determinado tempo eu só fiz guardar esses escritos. E não consigo explicar só com palavras de que maneira, ou em que momento a vontade de publicar foi se esvaindo. Ninguém me disse com palavras que aquilo não me pertencia, mas sei que, em um dado momento eu passei a compreender que aquilo não era para mim. Então, por muito tempo eu enclausurei, silencieei os escritos em gavetas e cadernos de folhas amarelas. Mas vou contar um segredo: toda vez que chove, e ninguém vê, eu rego essas folhas amareladas. E elas sempre resplandecem, viçosas, e meio que me sorriem pra mim, gerando muitos brotos que eclodem em forma de novas poesias.

PARTE II

**PRODUTO EDUCACIONAL-SÉRIE DE LIVROS: *ECOS ANCESTRAIS* EM AS VOZES
NEGRAS**

The book cover features a vibrant, abstract illustration. A central figure with curly pink hair and a brown beaded necklace is shown from the waist up, with arms outstretched. To the right, a circular yellow face with a smiling expression is visible. The background is a mix of light blue and yellow-green washes, with flowing yellow lines. The entire scene is framed by a thin red border.

ECOS ANCESTRAIS

NA VOZ DE
MÁ REPUTAÇÃO
(KAREN OLIVEIRA)



ECOS ANCESTRAIS NA VOZ DE MÁ REPUTAÇÃO

(Karen Oliveira)



Este livro é parte de uma coleção produzida a partir da cartografia de escritoras negras do eixo Ilhéus-Itabuna. É peça parcial da pesquisa de Tereza Cristina Soares de Sá, mestranda em Ensino e Relações Étnico Raciais, cujo título é “A escrita de mulheres negras no Sul da Bahia: Uma Poética Dissidente de Resistência e Ancestralidade”, sob a orientação da prof.^a Dr^a Cynthia de Cássia Santos Barra e coorientação da prof.^a Dr^a Daniela Galdino Nascimento, na Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

REPUTAÇÃO, Má (Karen Oliveira). Ecos Ancestrais Na Voz de Má Reputação (Karen Oliveira.1ª ED: Edição Independente, Ilhéus, BA: Gueixa Nagô Editora, 2020. - (Coleção Ecos Ancestrais, coordenação de Tereza Sá)

Direção Editorial: *Tereza Sá*

Revisão Geral: *Núbia Mota*

Revisão Deste Exemplar: *Graci Sá*

Seleção de textos: *Tereza Sá*

Luan Bencos

Telma Sá

Produção Editorial: *Diacuí Benazir Sá*

Capa: *Alex Girassol*

Design Gráfico (Logo): *Gabriel Luz*

Projeto gráfico/ Diagramação: *Diacuí Benazir Sá*



AGRADECIMENTOS

Profunda gratidão:

Luan Bencos, Larissa Beatriz, Telma Sá, Cynthia Cy Barra, Daniela Galdino, Alex Girassol, Leila Sá, Núbia Mota, Humberto Nascimento, Graci Sá, Elenilton Rocha, Gabriel Luz e Diacuí Benazir Sá.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO	433
PREFÁCIO.....	444
ABRE CAMINHO	455
NÓS.....	466
TU IM	477
PORCA FLOR	499
PODA.....	50
UM SOPRO NO OUVIDO.....	511
CICLOS	533
SOBRE A AUTORA.....	544
SOBRE O ILUSTRADOR.....	577

APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO

Apresento a primeira série “**Ecos Ancestrais**” um conjunto de obras composta por 4 volumes que congregam uma produção de poesias e contos inspirados por mulheres negras residentes no Sul da Bahia, no eixo Itabuna -Ilhéus. Tereza Sá, atriz, educadora e poetisa é a coordenadora desta edição. Ela forjou durante o seu processo de elaboração do mestrado novos caminhos para levar à academia o encanto ancestral de plantar, colher e saborear os frutos coletivamente. É provável que essa corajosa ação consiga abalar os rituais que tradicionalmente outorgam à universidade a função de preservar os modos clássicos de produção de conhecimento, que não abrem brechas para outros saberes e outras vozes consideradas dissonantes.

As obras aqui apresentadas revelam uma nova proposta “científica” que se encaixa em todos os espaços democráticos, porque sabiamente as autoras entrelaçaram a razão à emoção, o riso ao choro, a impossibilidade à possibilidade e o passado ao presente. Estas obras dispensam apresentações, as leitoras e leitores terão a oportunidade de concordar comigo. Nesta perspectiva meu papel se resume em ressaltar pontos e trechos que me tocaram profundamente.

ELOAH MONTEIRO – É cantora e poetisa escreveu 8 poemas de temas variados. Começa poetizando a pandemia e mostrando seus dissabores, mas logo oferece um cálice de ternura. Ela diz bater tambor para exorcizar o amor que brincando deu nó em seu olhar. Que planta poemas amarelados para se livrar da prosa de sempre. E assim devagar vai mostrando seu jeito de amar, de resistir e de se colocar no mundo. Aos que querem conhecê-la melhor, sugiro que leiam atentamente e com calma o poema “Daninha do Largo” que ela *te mostrará o que é ser julgada e questionada desde menina*

KALI OLIVEIRA – Escreveu 5 contos que desvelam com muita perspicácia ações machistas desenvolvidas no campo familiar e preconceitos presentes nas relações cotidianas. Mas também apresenta uma alta capacidade de detectar fios de ternura, em diferentes momentos, até em encontros ocasionais entre pessoas que, às vezes, não se conhecem. Através da leitura destes contos é possível visualizar afagos entre casais, mãe e filhos/as, irmãs e irmãos e notadamente entre a avós e netos. Seus contos parecem colocar a dor dentro de um elixir da cura.

KAREN OLIVEIRA – Autora de 8 poemas que defendendo a sua liberdade como a principal meta a ser alcançada, a qualquer custo. Ela diz “*que quando se cala dói no estomago*”. Mas também respeita a “*Liberdade cantada por muitas VOZES.*” Contesta os padrões tradicionais de beleza que menosprezam os corpos negros e não respeitam a ancestralidade africana. Sem dúvida sua obra é um alto grito de liberdade

TEREZA SÁ – É escritora e atriz. nos brinda com 7 poemas. Começa pela busca do fogo para reverenciar e comungar o conhecimento. Mas, o fogo não é seu único elemento encorajador. Ela sabe borboletear e se joga no espaço, se equilibra. Se inspira na ancestralidade, mas já uma ancestral. Ela faz parte do grupo de mulheres que não se entrega. Talvez, por essa razão tenha conseguido furar o cerco acadêmico.

Rachel de Oliveira (Iaô Ôgboni) – Militante do Movimento Negro Unificado (MNU) Professora Titular da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)

PREFÁCIO

Karen Oliveira, MÁ REPUTAÇÃO

Autêntica, irreverente, uma força agressiva do bem, ela desconstrói o óbvio, o maçante, rompe grilhões das mentes, detona com o estereótipo. Seu lirismo tem pegada definida, sua poesia pode ser identificada como agressiva quando na verdade é libertadora. Seu nome de guerra, seu nome de artista é já a essência da ironia, pois ela não é má. Quem tem a oportunidade de conhecer Karen, verá um rosto delicado, sereno e cheio de denso. Poderá ver a ternura que inunda esse grande ser de apenas 1,51m de pura adrenalina verbal. O MÁ do seu nome, qualifico como puro sarcasmo na cara dos/as “tolos/as” não só por serem ultrapassados, mas por serem limitados e ainda levantarem barreiras ao novo e também por insistirem em cultivar o preconceito de maneira reprodutiva e não podarem as injustiças, tentando bloquear as raízes ancestrais. Querendo evitar que vinguem e prosperem frondosamente como um lindo Baobá.

Má Reputação é a voz do lirismo atualizado. A voz de Karen, faz romper os obstáculos auricular com o grito preciso e certo da voz poética e ritmada, que desembaraça as ideias, libertando pensamentos, implantando consciência da realidade de uma sociedade que tenta dizimar a voz do povo negro. Se lutar pela igualdade e colocar a mulher negra em evidência na música, no rap, na poesia, na vida é ter uma conduta má, então Karen Oliveira, de fato é MÁ REPUTAÇÃO, porque ela combate a maldade, o machismo, o preconceito, a desigualdade, o feminicídio e o sexismo.

Telma Sá

*Pós graduada em Relações Étnico-Raciais pela UESC
Professora de Filosofia da Educação Básica
Poeta e atriz da Cia Trapizonga de Teatro*

ABRE CAMINHO

Visto o que é meu e conforta o corpo e alma
Pernas abertas para parir, Peito na rua pra amamentar,
Criar
Com eles, sem eles,
COM UMA ALDEIA Eu grito:
Meu horizonte é o infinito!
E s"eu Falo" não temo
Falo eu, falo muito e falo mais
O silêncio que é regra, eu quebro e me nutro em minhas ancestrais Bruxarias,
ousadia
Meu sexo
Rebolar, mexer, chupar
Nelas, neles, em mim
Negra
Que fode e que ama
Porque amar não é regra
É consenso, é bom senso
Sem silêncio, nem castigo
Sou isso.. MULHER
Que é todas que quiser e para todas exige respeito
Se preciso na marra e no peito
Má Reputação!

NÓS

É importante lembrar pra não esquecer. Parece loucura de se dizer, redondo demais. Mas, eu gosto de rodas, círculos, as vezes um pé mais na frente outro mais atrás. Olho no olho, mão com mão. Brincadeira de criança, momento de séria decisão. Acolhida! Me diga:

O que seria da vida sem a gira girar?!

Pra quem deve partir, pra quem deve chegar.

Eu tenho memória, e ela vem das mulheres. O verdadeiro AMOR vem das irmãs que fortalecem sem segundos interesses. Elas sabem porque sentem, e cada experiencia é de muitas. Não estamos a sós. Somos nós, fogo no mundo! SOMOS NÓS!

Liberdade cantada por muitas VOZES. Somos NÓS, que se entrelaçam como o tear da aranha, cama que acolhe, força que assanha!

Para arrancar toda dor, antes de qualquer homem, escolheremos as mulheres para chamar de MEU AMOR!

TU IM

Era o apelido
Pra criticar a coroa
De rainha
Que eu carregava
Mas nem sabia

Samambaia
Maria Betânia
VALDERRAMA
De forma pejorativa
A gente reclama
Tamanha contradição

Tanta beleza
questionada
Por gente sem noção
Que reproduz um padrão

Mas não!

Hoje eu sei
Que a força que tem
cada fio
Revela um passado
de realeza
E convida um carinho
pra cada cachinho

Imagina!

Seus dedos passando e
Sentindo a força
Dessa moça
Que tem história,
Ancestralidade,
Identidade e
Trajetória
DE LIBERDADE!

PORCA FLOR

Se a opção é dar close
noix é luxO e lixO
Tu me vê bixo
A gente porca
Arrota vida
Reconstruída
Com amor
Reciclada
Revirada
Flor
Que brota tinta
Na saliva
No sussurro
Noix é mundo
Gira
Fosca
Que ilumina
Mente indecente
É quente
Igual sol que bate no peito
Bate
Peito
Bate
Arrepia
"Avia" na voz de vó
Pé e passo
Descompasso
A gente caminha
E de esquina em esquina
Não estaremos só.

PODA

Aos homens que amamos
Não levaremos mais flores na mesa, na cama,
Na luta
É tempo de poda
A gente corta
Pra roseira crescer mais bonita
Na mente, no corpo e no coração
Pais, irmãos, primos, tios, namorados, maridos
Não se ofendam com o que eu digo
Saibam vocês,
Que não são nossos inimigos
Mas são todos MACHISTAS
Não depende do ponto de vista
Varia na forma e no conteúdo
Um é o Dono do mundo
Outro da verdade.

UM SOPRO NO OUVIDO

Existe um silêncio que grita em meu estômago.
Quando o não dito é mais do que falta de assunto
Um desencontro, em um segundo de vontades mal ditas Irrita a pele, o pé
fraqueja
O suspiro, sorriso, deságua
Pra não afundar por dentro
Pra não sucumbir em lamento
Há tempo, pra tudo
Até pro silêncio
E quando ele grita
Parece uma cantiga antiga
Que eu não ouvi
O coro, o choro, o chicote
O açoite
A noite negra e cada estrela
Poeiras infinitas em anos luz
Une versos de tempos
Em tempos
E agora? Respira, chora, olha "O" agora Onde estou?
Quem viu meus passos por onde caminhou?
Quem leu no mapa do meu corpo
O que eu carrego?
O Ego, engole, Se o olhar não for atento
A toda sorte de cuidado
O mal olhado espanto
A mufina, a kuanga, o quebranto
É dia de banho branco
E não confunda o meu senhor

Orí ô não é refrão
É prece!
Pro sorriso da menina melanina não faltar
Pra lembrar que corpo é templo
Com escritos
Como aqueles das pirâmides do Egito
Voz é vida, soprada em ondas
E cada abraço moça
Pode ser casa
Com chão de folha
Mas o que pode nem sempre é
Por isso volte ao Amor Ifé
Se veja, como a Deusa Respeite a si mesma
Conheça o seu caminho
Enquanto olho no espelho
Sei ao que me assemelho
Sinto o que se aproxima
Preparando no fogo o banquete
Há de haver deleite
E aquela hora que será bem-vinda

CICLOS

Flor e ser
É cheiro
Que vem da morte
Fincando raiz
E lançando a sorte
Do ciclo

Nascer
Crescer
Morrer
O ritmo que pulsa
No balanço da decisão

Solidão

Refaz o sopro
E retoma na mão
O sentido da espera
Aquarela
Firme e forte
E luta

Nem santa
Nem puta
Há vida além da razão
Que regra

A gente quebra e requebra
Poesia.

SOBRE A AUTORA

Nascida em Itabuna, no sul da Bahia, Karen Oliveira é “Má Reputação”.

A Poeta e MC, reside atualmente em Salvador-BA e é uma das integrantes do Selo Nsabas (@_nsabas). Ela se utiliza das rimas para denunciar as desigualdades sociais, de gênero, raça, sexualidade e classe, mas também para celebrar as experiências de amor e resistência de seu povo.

Ocupando as ruas, os palcos e os meios de comunicação para divulgação do seu trabalho há 3 anos, a artista participa das faixas “Mulheres sem medo”, “As Brabas”, “Rata Nata”, “Garotas no poder” e “impostor”(disponíveis no youtube).

Fez parte da produção de eventos como Sonora - Festival Internacional de Compositoras do Litoral Sul da Bahia, Baile #BrotaQéXota, Quem tem medo das mina no rap?, Batalha das Bruxa e Slam Pandemia Poética . Compôs o documentário "A voz das Minas" (premiado no Expocom 2019) e recebeu o prêmio “Troféu Mãe Ilza Mukalê 2019, pelo seu ativismo na região sulbaiana.

Má Reputação é também o nome de sua página no Facebook, na qual disponibiliza suas poesias e alguns textos em prosa, que também estão presentes em fanzines de produção coletiva e autoral.



Foto: Andreza Mona



Foto: Izabella Valverde – “Sonora - Festival Internacional de Compositoras Litoral Sul da Bahia”; Cedida pela autora

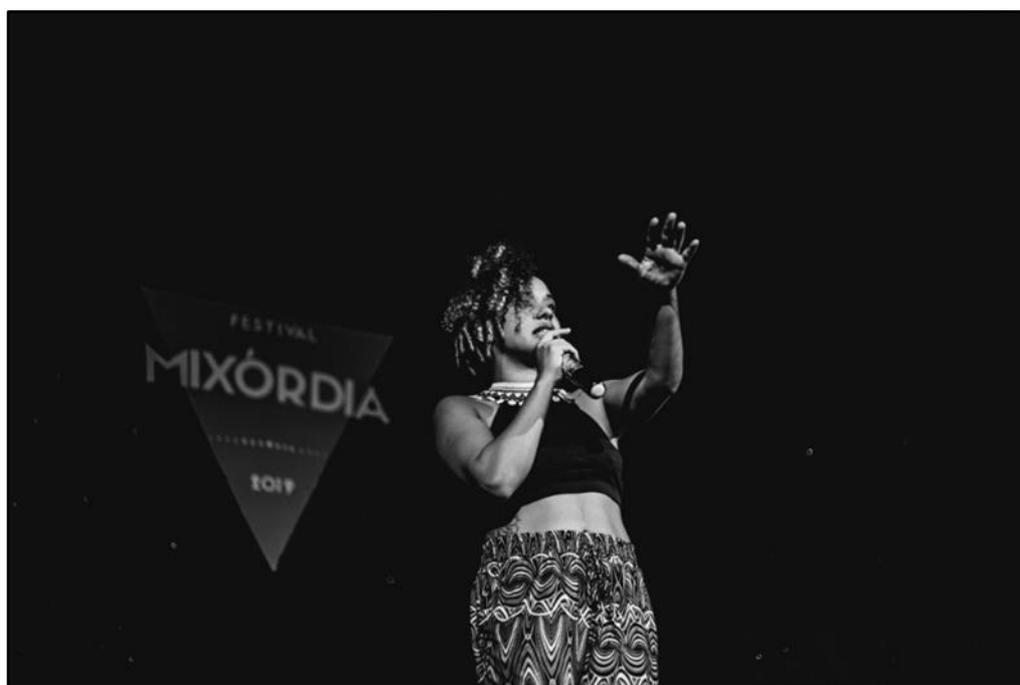


Foto: Izabella Valverde – “Festival Mixórdia 2019”; Cedida pela autora



Foto: Camila Aguiar – “Sarau lítero_musical Profundaças 3 na Comadre Dindinha. Itacaré-Ba (2019); Cedida pela autora



Foto: Acervo Pessoal

SOBRE O ILUSTRADOR

Alex Girassol aparece no mundo no povoado de Nova Esperança município de Várzea do Poço na Bahia, corpo acontecimento que canta, performa e desenha, tem as artes como modo de ser e estar, é alune da Licenciatura Interdisciplinar em Artes e Suas Tecnologias no jardim da Universidade Federal do Sul da Bahia campus Jorge Amado (UFSB/CJA).



Nossos passos vêm de longe

Eu sou água,
Que banha, acalma,
e também AFOGA

KAREN OLIVEIRA

- Jurema Werneck

Nossos passos vêm de longe

ECOS ANCESTRAIS

**NA VOZ DE
KALI OLIVEIRA**



ECOS ANCESTRAIS NA VOZ DE KALI OLIVEIRA



ECOS ANCESTRAIS NA VOZ DE KALI OLIVEIRA

Este livro é parte de uma coleção produzida a partir da cartografia de escritoras negras do eixo Ilhéus-Itabuna. É peça parcial da pesquisa de Tereza Cristina Soares de Sá, mestranda em Ensino e Relações Étnico Raciais, cujo título é “A escrita de mulheres negras no Sul da Bahia: Uma Poética Dissidente de Resistência e Ancestralidade”, sob a orientação da Prof. ^a Dr^a Cynthia de Cássia Santos Barra e coorientação da prof.^a Dr^a Daniela Galdino Nascimento, na Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

OLIVEIRA, Kali. *Ecoss Ancestrais Na Voz de Kali Oliveira*. 1ª ED: Edição Independente, Ilhéus, BA: Gueixa Nagô Editora, 2020. - (Coleção Ecoss Ancestrais, coordenação de Tereza Sá).

Direção Editorial: *Tereza Sá*

Revisão Geral: *Núbia Mota*

Seleção de textos: *Tereza Sá*

Kali Oliveira

Produção Editorial: *Diacuí Benazir Sá*

Capa: *Stella Gomes*

Design Gráfico (Logo): *Gabriel Luz*

Projeto gráfico/ Diagramação: *Diacuí Benazir Sá*



AGRADECIMENTOS

Profunda gratidão :

Cynthia Cy Barra, Stella Gomes, Luciana Leitão, Diacuí Benazir, Daniela Galdino Gabriel Luz e Núbia Mota.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO	643
PREFÁCIO.....	665
CÉLIE	688
ENCONTROS	699
DE BOCA-CORAÇÃO	733
AXÉ	766
DOCE DE BANANA	777
RITA	788
SOBRE A AUTORA.....	800
SOBRE A ILUSTRADORA.....	833

APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO

A negrura da palavra poética:

corpas e ecos ancestrais de Tereza

“Nos tiraram tanto que nos tiraram o medo”. Em um muro, imersa na paisagem urbana da ancestral cidade baiana Cachoeira de São Félix, escrita com tinta vermelha, essa frase age em meu corpo, sinalizando uma pertença histórica a violências e dores de povos e segmentos coletivos subalternizados. Age como desígnio, e como promessa de liberdade, em meio à catástrofe colonial que perdura ainda hoje. Agindo com a destreza de uma palavra certa, navalha afiadíssima, no tempo presente, é também essa a afirmação primeira do memorial da pesquisa cartográfica concebida, desenvolvida e escrita por Tereza Cristina Soares de Sá, ao longo dos últimos dois anos: “A escrita de mulheres negras no sul da Bahia: uma poética dissidente de resistência e ancestralidade” (2020).

Se a pesquisa de Tereza começou, no Programa de Ensino e Relações Étnico-Raciais, da Universidade Federal do Sul da Bahia, há pouco mais de dois anos, também é verdade que começou muito antes disso. Porque Tereza, a pesquisadora, não cedeu, não cindiu, soube como trazer consigo, para o campo das pesquisas acadêmicas, as muitas Terezas que há em si: a intelectual negra, a professora de Português na Educação Básica, a atriz, a poeta-performer. Tereza se tornou, ao longo de seu processo na pós-graduação, a fundadora e coordenadora editorial da Gueixa Nagô Editora. Tornou-se também uma das quatro primeira autoras publicadas por esse selo cuja política de publicação visa a publicação, sobretudo, de autorias femininas negras do sul da Bahia. Por essa via, pretende fazer ecoar múltiplas vozes de ancestralidade negra e, nas tessituras e desdobramentos materiais de uma pesquisa cartográfica, o fazer pedagógico, a literatura e as autorias femininas negras tornam-se lugares de ocupação e de produção de subjetividades singulares. A série de *Livros Ecos Ancestrais*, da Gueixa Nagô Editora, é resultante de um extenso itinerário crítico e criativo.

Nesta série de livros, ao recusar ser prioritariamente um *corpus*, isto é, um conjunto de escritos pacificados pelos ditames eurocentrados do sistema literário hegemônico, a proposição “somos *corpas*”, que Tereza nos oferece, é constituição de acervo literário. É fluxo, palavra viva e irmandade. É caminho de re-existências possíveis para nossas identidades negras. É eficiente operador teórico-metodológico para a leitura das letras e para proposições de cartografias estéticas estruturadas por epistemologias afro-brasileiras. Repetindo as palavras-ato de Tereza, resalto aqui a direção que nos é apontada por ela: “eu insisto no uso do neologismo *corpa*, e assim o faço por reconhecer, respeitar, desejar garantir no tratamento editorial dado à série, o posicionamento político e as marcas de feminilidades negros-diaspórica que as autoras sustentam em suas poéticas”.

Diante da tarefa de consubstanciar a negrura da palavra poética colocada em movimento nas cidades de Itabuna e Ilhéus, no sul da Bahia, Tereza de Sá Nagô encontrou as

escritas e pulsões de vida de Karen Oliveira, Kali Oliveira, Eloah Monteiro e de si mesma. Articulou escritas e imagens de nós com desenhos de Alex Girassol, Stella Gomes e Geomara Moreno. E, em tão boa companhia, palavra falada, cantada, desenhada, performada, escrita e publicada, em ritmos diversos e pulsantes, página a página, podemos ler *Ecos Ancestrais* como uma celebração da vida preta e das poéticas dissidentes.

Com a proposição editorial da série de livros *Ecos Ancestrais*, Tereza fez-se editora-poeta. Preparou caminhos para termos acesso a circuitos literários afroafetivos e representativos das autorias negras sul baianas e contemporâneas. Projetou e materializou, para a sala de aula, meios e modos de leitura de vozes negras. Produziu acervos insurgentes. E, com isso, Tereza afirma algo muito precioso para nós, algo capaz de nos fazer deixar de temer a escrita e o canônico sistema literário brasileiro. Tereza nos diz, com contundência, como ato editorial inaugural: tudo começa com a negrura da palavra poética de nossos corpos de mulheres negras. Existimos, resistimos, compomos juntas *corpas*, comunidades de autoras de uma literatura que se poderia nomear de literatura afro-feminina do sul da Bahia. Isso se quisermos pensar em termos de categorias e gêneros literários. Mas, se deixarmos expandir em nós o que a experiência com a palavra poética é capaz de nos trazer, podemos arriscar descobrir que quem somos hoje – quem nos tornamos – é também o nosso ontem e o nosso amanhã. Pois, a *ancestralidade é a nossa palavra sem medo*. E haverá de haver aprendizado poético mais precioso e potente que esse?

Cynthia Cy Barra,

Itabuna, janeiro-fevereiro de 2021.

PREFÁCIO

Este é um livro coletânea que por ora apresenta-me como desafio e um presente para prefaciá-lo, faz parte de convite a toda comunidade de leitoras e leitores, pesquisadoras e pesquisadores, jovens e crianças que desejam enveredarem pelas sendas delicadas e prazerosas de um novo horizonte de escritas peculiares.

Estou convencida de apresentar como desafio, e na mesma proporção presente, porque pensar nesse universo de novas escritas, de pertencimentos, de autoria ímpar apresentada, trará ainda mais enriquecimento e reflexão sobre novas vozes na historiografia de produção do conhecimento e epistemologias ancestrais.

Hodierno, pensar no enigma que todas as mulheres que nos antecederam tiveram suas vozes silenciadas nas narrativas históricas, nos convidam a sentar com a autora e deambular que também suas existências perduram na presença das mulheres que resistem e (RE) EXISTEM no século XXI. E que nesse caminhar da (re) existência, a Coleção Ecos Ancestrais oferece-nos vozes de autorias femininas negras do Sul da Bahia para o mundo.

Em Ecos Ancestrais, que tem como Curadora Tereza Sá, educadora, poetisa, e mestra, rememoro e analiso o escopo Ilheense de vozes intelectuais que a rigor foram silenciadas em suas próprias escritas e que no decurso de suas forças ancestrais ressurgem em mosaicos para futura geração de mulheres - negras que continuarão na longa jornada da metamorfose ancestral.

Reconhecer todas as mulheres envolvidas na coletânea supra citada é também afirmar que, ao sentar e dialogar com a produção de cada escrita de uma mulher negra é trazer à tona majoritariamente que as coloniais foram vencidas. Pois, com a atuação de Kali Oliveira na construção do imaginário intelectual, profissional, do posicionamento político e social e da afetividade no universo ilheense, sua escrita cartografada a “decaniza” aqui e agora.

Como resultado do diálogo quero dizer que é gratificante conhecer e ler Kali Oliveira. Historiadora que tem se reinventado sempre como escritora / pesquisadora do seu habitus natural. Kali se conecta a todo tempo na representatividade e inserção da sua história de vida, e nas suas experiências profissionais.

Estou certa que essa obra que foi tratada eticamente irá trazer como resultado um forte alinhamento de ascensão e ação afirmativa que preenhe o Bônus de ser negra. E que é uma coletânea aberta para todas as áreas dos saberes.

Parabenizo-a, pelos resultados apontados, pelas novas lentes de mais uma escrita inequívoca que amplia outras escritas, e tantas outras vozes negras que ainda estão por vir!

Luciana Leitão

Mulher Negra, Socióloga, Docente. DCIE/UESC

CÉLIE

Na infância foi aconselhada a casar com um homem branco para que seus filhos nascessem claros. Cresceu. Casou com as letras. Amou homens e mulheres. Pariu palavras. Enegreceu!

ENCONTROS

Era mais um dia corrido. Como ocorrem todas as quartas, Aisha deixou a universidade e apressadamente partiu para a rodoviária. Embarcou no ônibus em Pedra Preta com destino à sua terra natal.

Se sentindo exausta, tudo o que Aisha queria era sentar. Insistir em aconchegar o corpo em uma poltrona até que a mesma fosse capaz de lhe abraçar na mesma intensidade com a qual a cama lhe acolheria. Insistiria até cair no sono, não fosse as passageiras ao lado

Na cadeira ao lado havia uma senhora de semblante exausto, cabelos curtos e pele clara chamada Joana. Ela estava acompanhada de uma adolescente graciosa e de cabelos volumosos e cacheados, Maria Rita. Seus gestos e falas personificavam uma alegria muito própria. Maria Rita demonstrava disposição para interagir com outros passageiros. Ela ria, anunciava que peidou, ora desejava boa noite e boa viagem para os passageiros ora apenas se despedia.

Não demorou para ela notar a presença de Aisha. Olhar os seus cabelos que eram tão volumosos e livres quanto os dela. Sem hesitar, Maria Rita tocou o cabelo de Aisha:

- O seu cabelo é igual ao meu, tia!

Ela se inclinou rapidamente para que a moça tocasse no cabelo dela também. Aisha tocou. Sentiu seus dedos tocarem a superfície do cabelo até chegar ao couro cabeludo. Descansou os dedos na maciez do cabelo da menina. Maria Rita riu. O riso borrou. Então, Maria Rita pensou nas diversas vezes em que com entusiasmo ofereceu aos outros a possibilidade de sentir os seus dedos se perderem na fofura do seu cabelo e assistiu a oportunidade se esvaír na indiferença dos olhares. Então, a menina perguntou:

-Você já sofreu preconceito por causa do seu cabelo?

-Sim. Quando eu era criança e adolescente houve quem ridicularizasse meu cabelo. Hoje, eu ainda percebo alguns risos e olhares racistas.

-Como? Onde?

-Na rua. Nas cerimônias de formatura. Nas entrevistas para trabalho.

-Mas gosto de sentir meus crespos! É como se cada vez que eu tocasse meu cabelo da raiz a ponta, eu pudesse senti um pouco a textura do cabelo da minha mãe, da minha avó e da minha bisa.

- Eu já chorei várias vezes porque riem do meu cabelo! Isso é preconceito! Eu sofro com outros preconceitos porque eu sou “tan tan”. Eu tomo vários remédios! Eu não sei lê! Na verdade, eu leio pouco!

- Você está me dizendo que possui necessidades especiais?

- Sim. Eu sou uma criança especial.

- Depois de muitas perguntas, ela pediu para a mãe acompanhá-la até o banheiro. Maria Rita saiu na frente. Aisha aproveitou o instante:

- Ela não me incomoda! Eu gosto de criança. Converso com as filhas das minhas amigas.

Joana não pronunciou uma palavra. Suspendeu a sobrancelha e moveu um pouco os lábios para a esquerda com ar de quem não acreditava no que estava ouvindo. Afinal, aquilo contrastava demais com as queixas da escola, dos colegas e das educadoras. Havia sempre a notificação de que Maria Rita atrapalhava o andamento das atividades. Levantou-se, acompanhou a filha.

No retorno Maria Rita recebeu a ordem de sentar junto à mãe. Ela sabia que a mãe estava cansada e logo dormiria. Sabia que teria que se contentar com a solidão até o final da viagem. Então, ela que não tinha como camuflar tamanha vontade de interagir, resistiu! Ao invés de sentar do lado da mãe como foi ordenado, Maria Rita sentou em uma poltrona que ficava atrás da poltrona em que Aisha estava sentada.

Aisha percebeu o que estava acontecendo então disse: Venha sentar comigo, Maria Rita.

-Onde?

-Ao meu lado?

- Eu posso mãe?

- Ela pode mãe?

Imperou um silêncio entre elas.

Joana sustentava um semblante pesado. Era como se tivesse registrado no rosto os 13 anos em que a cria foi rejeitada. Hesitou em permitir aquele contato porque costumava proteger a filha do desprezo.

Aisha ao ler as mágoas estampadas no rosto de Joana guardava águas na garganta e no canto dos olhos. Sentiu vontade de dizer para Joana que os adultos precisavam conviver melhor com as crianças, principalmente com as crianças especiais. Mas Joana sabia mais disso do que Aisha. Os adultos precisavam perceber isso!

Joana tinha esboçado nas rugas, que chegara antes da idade, o que era ser mãe em uma sociedade adultocêntrica, um mundo capaz de excluir crianças, crianças negras e crianças especiais. Aquele silêncio foi vivenciado em vários lugares em que as diferenças são rejeitadas, reafirmadas, delimitam espaços e restringem as relações.

Finalmente, o silêncio foi interrompido pela aprovação da mãe. Foi a primeira interação verbal entre Aisha e Joana.

- Pode.

Elas conversaram muito enquanto a mãe de Maria Rita dormia. Ela perguntava sobre tudo o que podia, queria saber sobre a data de aniversário de Aisha, sobre filmes e principalmente sobre amores. Estava despertando para as coisas do coração. Sabendo que a viagem estava perto de acabar, na tentativa de estica-la, Maria Rita buscava meios de preencher aquele curto período de tempo com inúmeras perguntas e brincadeiras. Estirou o tempo até consegui emendar nas conversas as brincadeiras.

Aisha também puxou o tempo pra lá e pra cá para que nele coubesse a indicação de alguns filmes sobre discriminação e preconceito racial que Maria Rita prometeu assistir. Depois elas cantaram até chegarem em Solipretandade.

Elas desembarcaram. Aisha viu pela primeira vez um riso tímido se desenhar no rosto de Joana. Elas se abraçaram. Joana agradeceu a companhia que a moça fez a filha. E Aisha também lhe foi grata pela permissão, pois a Rita não levou seu sorriso e não lhe arrancou a paz. Maria Rita transformou um trajeto solitário em uma viagem solidária.

DE BOCA-CORAÇÃO

Os raios do sol adentraram pela janela e passearam pelos corpos escuros e ainda nus de Hanna e Caio. Ela, muito sensível à claridade do dia, acorda. Observa o homem e deseja ter a mesma facilidade dele para manter-se dormindo. Levanta-se. Puxa as cortinas de modo que as mesmas cubram a luz do sol. A escuridão do quarto é um convite ao sono. Antes de realizar o desejo de deitar-se novamente, ela avista, em cima da escrivaninha, a carta que está escrevendo para a irmã. Como era bom falar sobre amor. Como era difícil escrever cartas de amor.

Desistiu do sono. Decidiu tomar um banho. Vestiu-se. Deixou seu quarto. Comeu uma fruta. Verificou se as crianças dormiam bem. Sentou-se em uma cadeira na varanda e pôs-se a escrever. Como falar para Lua sobre o seu novo amor? Como perguntar para a irmã sobre a sua vida amorosa? Lua andava cada dia mais solitária. Cada dia mais silenciosa.

As crianças acordaram. Pedro, seu filho, como toda manhã procurou a mãe para dar e receber o seu abraço matinal. Lis, sua enteada, beijou-lhe o rosto e perguntou – lhe o que fazia naquela manhã. Hanna contou que escrevia. Pediu para que ambos lhe deixassem escrever, se alimentassem e lembrassem que, dessa vez, a responsabilidade pelo preparo do café da manhã era de Pedro e a lavagem dos pratos de Lis.

Tomou a caneta pela mão. Palavreou sobre como era bom amar Caio. Seu companheiro incentivava os seus projetos. Ofertava os melhores presentes: livros e viagens. Para ele dar e receber prazer era bom. Mas ainda assim, algumas vezes, quando Caio levantava no meio da noite, Hanna acordava assustada. Tropeçava nas memórias das vezes em que o pai vestido de força invadia o corpo-mundo da mãe. Caio percebia que Hanna acordava abalada, tentava compreender o motivo da sua agitação sem sucesso.

Na carta, Hanna perguntou a irmã se ela ainda partilhava os mesmos temores. Lembrava-se da promessa de Lua sobre não ter o corpo tocado pela

força do outro. Na época, Hanna partilhou do mesmo desejo. Desejavam amores sem nós, sem cercas e sem bofetões. Seria difícil colher amores assim? Seria possível cuidar das memórias para que o amor pudesse florescer?

Em devaneios, parou a escrita. Olhou para os lados. Não sabia quando Caio acordou, percebeu que ele estava próximo. E o ouviu intermediando um conflito entre as crianças. Era o Pedro, mais uma vez, tentando inventar novas regras para o jogo. E novamente, Lis não aceitava. Buscava-se um consenso no qual Pedro compreendesse que criar regras para cercear as estratégias usadas por Lis era inaceitável. Era fato: Lis sempre ganhara dele no jogo do Yoté. Passado o momento do conflito, Pedro admirava a sagacidade da menina.

Retomou a atenção para o papel. Questionou-se sobre o amor. Que amor seria esse que temiam? Seria o mesmo amor que fazia com que a mamãe servisse o papai na mesa e na cama mesmo estando cansada? Seria o amor da mamãe que acreditava que um dia o papai iria mudar? Seria expressão do amor o motivo pelo qual o papai era tão mandão? Ops! Quis dizer protetor! A mamãe dizia que o papai era um homem protetor...

O seu celular apitou. Era um alarme usado para lembrar que era dia de acender uma vela para mamãe Oxum. Dirigiu-se até o santuário. Acendeu sua vela. Pediu para que ela e Lua encontrassem braços gentis e carinhosos. Corpos onde fosse possível partilhar sonhos e construir ninhos. Desejou que Pedro pudesse ser esse corpo para alguém um dia.

Voltou para a varanda. Ficou imaginando como a irmã receberia a sua carta. Provavelmente responderia a carta perguntando se os homens teriam real interesse de oferecer braços acolhedores. Cheia de incertezas, antes de despedir-se da irmã, ilustrou a carta com palavras escritas de boca - coração:

Que a covardia dos homens não afete nossa coragem de vivenciar o amor em sua plenitude!

Deixou a varanda à procura de um envelope. Antes de chegar ao escritório avistou na sala um quadro vivo: Caio e as crianças decoravam a sala. Havia

flores amarelas suspensas no ar. Em uma mesa pequena localizada no centro da sala havia frutas, pães e guloseimas. Era dia de celebrar o início da primavera.

AXÉ

A brisa me acaricia. Às vezes o vento me abraça forte. E eu que ainda tenho pesadelos quando venta frio. Tenho visto o vento leva-los pra longe. Outras vezes sinto minha pele abrasar. Deve ser o calor da terra. É ele quem me aquece. Me protege. E me faz sentir que quando estou com raiva. Pareço um vulcão prestes a entrar em ebulição. Cuidado! Eu transbordo. Em contato com o ar e a lama pressinto: ainda me verei envolta de energias criativas. Tenho motivos para acreditar: estou me reinventando!

DOCE DE BANANA

Quanto custa o melão? Perguntou a moça. O melão é um excelente alimento para o útero, contou D. Joana, antes de informar o preço do produto. A idosa vendia frutas e doava saberes? Luíza, a jovem feirante, observava a senhora, queria aprender a vender. D. Joana ensinava a menina sempre que podia. Quando percebia, lá estava Luíza saudosa. Sim, a ausência da avó doía, a vida tomada de assalto, os pulmões encharcados, a falta de ar e o atendimento médico que não veio. D. Joana, lhe oferecia doces e dizia: você sabia que doce de banana traz alegria? A menina sorria ou tentava sorrir. E o riso da garota trazia para mais perto D. Joana? No entorno do trabalho, no mundo pós-pandemia, D. Joana dessangrava a saudade e a dor, com doçuras e bananas. Não se põe preço na vida, ela sabia.

RITA

Um corpo florido caminhava entre outras mulheres flores. Rita ria para uma das mulheres. Um riso tão franco que os lábios quase chegavam a acompanhar as argolas prateadas penduradas nas orelhas! Com o canto dos lábios um pouco mais alto por conta do sorriso, os olhos das pessoas logo encontravam as pupilas brilhantes daquela senhora. E mais acima avistava um cabelo curto, branco e crespo cobrindo o couro cabeludo. Quando os lábios dela se fechavam, a boca dela era um coração que se aprende a desenhar na infância! E a cada movimentação dos lábios, o pulsar do coração dela saltava pela boca.

Enquanto ajeitava o vestido de estampa floral, Rita reclamava da câmbra. Perguntava o que era bom para sarar. Escutava como sugestão dada pelas mulheres o consumo frequente de água, banana e a realização de alongamentos. Nada que não soubesse e não fizesse, mas ainda assim a câmbra não passava!

Adentrou por outras “pulsações”: Queria o neto longe do bairro onde morava! Ela desejava afastar o menino da casa, do bairro e da cidade! Afastá-ló dela mesma? Dos amigos de infância? Da companhia da primeira namorada? Dos lugares que lhe lembram o brincar de gude, bola, bonecas e pipas? Do rio onde Rita lhe ensinou a pescar? Das águas onde ele viu os avós retirarem o sustento da família? Não! Jamais! Ela queria afastar o menino Jorge do fuzil da polícia!

Jorginho estava no terceiro ano do ensino médio. No turno da manhã, ele ia para escola. No turno da tarde Rita fazia questão que Jorginho trabalhasse como pedreiro junto com o pai, mas à noite quando o menino desejava sentar na porta de casa para bater aquele papo com os amigos, ele frequentemente era interrompido pela polícia que volta e meia baculejava os meninos.

Outro dia Rita recebeu a notícia que um menino tão jovem quanto Jorginho foi assassinado! Rita achava que o jovem morto era morador do mesmo bairro que ela! Diante da triste notícia se perguntava: - Será que ele tem mais chances de se manter vivo em uma escola em outro município? Qualquer possibilidade de livra ló do mal era o fio de esperança ao qual Rita se agarrava!

Porque o que aquela mulher de boca/coração desejava era proteger a vida do seu menino.

SOBRE A AUTORA

Filha de Maria Sonia Oliveira Lima e Vitor Martins da Hora. Nasceu em Itabuna no dia 02 de julho de 1988. Quase dois anos após seu nascimento, o falecimento de seu pai fez com que a família retornasse a terra natal da mãe, Coaraci. Lá cresceu, conviveu com os tios, tias, primos, primas e avô. cursou a educação básica nas escolas públicas da cidade. Em 2007, ingressou no curso de História da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC),



onde também se especializou em História do Brasil. É mestra em História Regional e Local pela Universidade do Estado da Bahia (Uneb).

Durante o processo de vida, atendeu ao chamado de militar em prol da educação antirracista e anti-sexista. Lecionou e leciona em escolas públicas. Já atuou com formação de mulheres e jovens camponeses na Escola Comunitária Margarida Alves. O contato com a literatura e a contação de história é presente em sua vida desde a infância, mas só a aproximação com a literatura preta a incentivou a escrever. De uns dois ou três anos para cá, tem lido bastante e escrito um pouco. Participa de concursos literários que resultaram na participação nas coletâneas *Negras crônicas: escurecendo os fatos e (Re)existência*. Em breve será publicada também no livro de contos *Mulheres: letras pretas* da editora Literese. Em 2020, foi uma das selecionadas para participar do curso de escritoras negras da Feira Literária do Rio de Janeiro – FLUP. A feira teve como tema *Uma Revolução chamada Carolina*. A proposta era que nos 60 anos do livro *Quarto de Despejo: o diário de uma favelada*, nós reescrevêssemos a obra.

É idealizadora do livro artesanal *Solar no Azul do Mar*, da página do instagram @contapretaconta e das oficinas *Mulheres com a Escrita*. No ig, divulga obras de autorias negras, incentiva a leitura de literatura preta e promove suas oficinas de escrita.



Foto: Cedida pela autora; acervo pessoal.



Foto: Cedida pela autora, sem creditação. Lançamento do livro artesanal “Solar no Azul do Mar” no Badauê – Ilhéus (Dez/2019).



Foto: Cedida pela autora, sem creditação. Lançamento do livro “Solar no Azul do Mar” no Cabaré do Livro – Ilhéus (Jan/2020).



Foto: Erlon Fábio Costa; cedida pela autora.

SOBRE A ILUSTRADORA

Stela Maria é artesã e colagista. Gosta de criar a partir do reaproveitamento de materiais, reinaugurando funções práticas ou estéticas a elementos que seriam descartados. É colagista desde 2012, e desde então vem conhecendo formas de expressão através das imagens garimpadas em revistas.



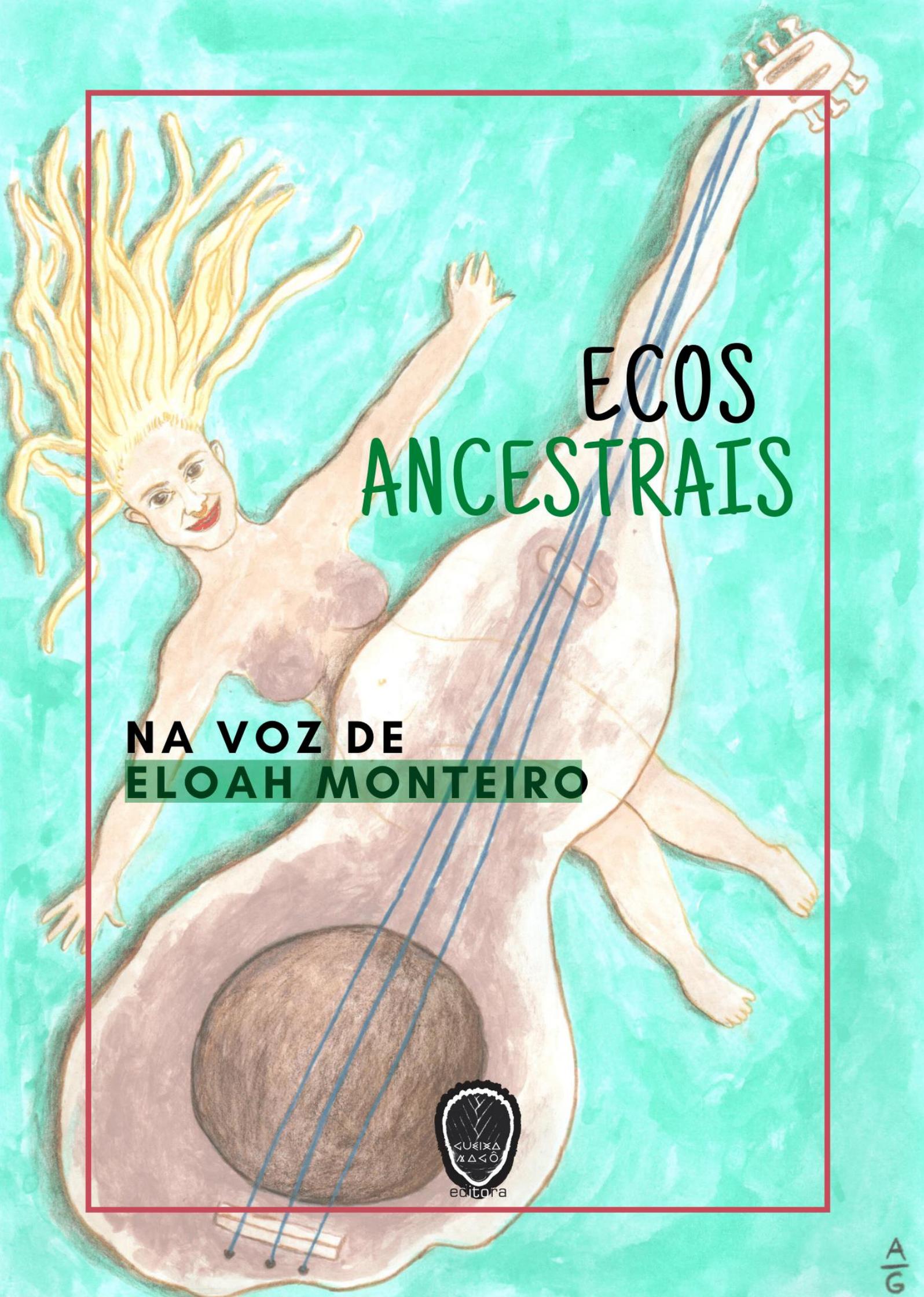
Nossos passos vêm de longe
Nossos passos vêm de longe

Nossos passos vêm de longe

Nossos passos vêm de longe
Nossos passos vêm de longe
Nossos passos vêm de longe
Nossos passos vêm de longe
Nossos passos vêm de longe

Há tempos entendi: o bordado nunca
foi o vilão da nossa história.
Nossos vilões são inimigos antigos!
São filhos de senhores de engenho
frustrados por não serem senhores
de nossas vidas!
Tenho certo que Aisha os conhecerá,
mas desejo que antes de conhecê-lo,
ela se reconheça na senhora, em mim
e no carinho dos seus bordados!

KALI OLIVEIRA

An artistic illustration of a woman with long, flowing, golden-yellow hair that resembles tree branches. She is depicted from the waist up, wearing a light blue top. Her body is integrated with a large, brown, rounded instrument, possibly a berimbau or a similar stringed instrument. She is holding the neck of the instrument, which has four blue strings. The background is a textured, light green color. The entire illustration is framed by a thin red border.

ECOS ANCESTRAIS

NA VOZ DE
ELOAH MONTEIRO



ECOS ANCESTRAIS NA VOZ DE ELOAH MONTEIRO



Este livro é parte de uma coleção produzida a partir da cartografia de escritoras negras do eixo Ilhéus-Itabuna. É peça parcial da pesquisa de Tereza Cristina Soares de Sá, mestranda em Ensino e Relações Étnico Raciais, cujo título é “A escrita de mulheres negras no Sul da Bahia: Uma Poética Dissidente de Resistência e Ancestralidade”, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Cynthia de Cássia Santos Barra e coorientação da prof.^a Dr.^a Daniela Galdino Nascimento, na Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

MONTEIRO, Eloah. *Ecoss Ancestrais Na Voz de Eloah Monteiro*. 1ª ED: Edição Independente, Ilhéus, BA: Gueixa Nagô Editora, 2020. - (Coleção Ecoss Ancestrais, coordenação de Tereza Sá).

Direção Editorial: *Tereza Sá*

Revisão Geral: *Núbia Mota*

Revisão Deste Exemplar: *Valquíria Souza*

Seleção de textos: *Tereza Sá*

Lari Sá

Produção Editorial: *Diacuí Benazir Sá*

Capa: *Alex Girassol*

Design Gráfico (Logo): *Gabriel Luz*

Projeto gráfico/ Diagramação: *Diacuí Benazir Sá*



AGRADECIMENTOS

Profunda gratidão:

Cynthia Cy Barra, Daniela Galdino, Graci Sá, Lari Sá, Núbia Mota, Valquíria Souza, Gabriel Luz, Alex Girassol, Sônia Mendes e Diacuí Benazir Sá.

SUMÁRIO

APRESENTANÇÃO DA COLEÇÃO	Erro! Indicador não definido.0
PREFÁCIO.....	911
QUARENTENA PÁLIDA.....	922
BEIJA-ME A CORES	933
TAMBOR.....	944
SABOR VERMELHO DE CAOS	966
DANINHA DO LARGO	977
INVERNO NORDESTINO	988
LEONICAMENTE	999
SOBRE A AUTORA.....	101
SOBRE O ILUSTRADOR.....	1055

APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO

Palavras escorrendo pelo papel... são os mesmos dizeres que romperam as barreiras do silenciamento imposto. Toda vez que uma mulher negra lança ao mundo o seu repertório de encantamentos verbais, presencia o fluir das águas que estavam contidas. A história das contenções é longa: os séculos anteriores de dominação colonial ainda respigam na atualidade. No entanto, os atalhos são tecnologias de tempos que escapam à precisão de datas. Quando não havia (há) o lápis, a caneta, o papel lá estava (está) o corpo-linguagem movendo e alimentando códigos de resistência (“minha pele é linguagem”, como nos versos imortalizados por Lazzo Matumbi e Jorge Portugal).

Dizer e escrever no agora é reviver a temporalidade das ancestrais – suas magias, seus modos dissidentes de ser-estar no mundo. É reatar os fios com as espirais de vivências que não se apartam das forças da natureza. É conectar-se à vida como multiplicidade que, para ser experienciada, comporta o aqui-agora, o lá-distante e o por-vir. Quando uma mulher negra abre os cadernos, ela vem acompanhada das suas mais-velhas e irmanada com aquelas que ainda virão.

Dizer e escrever é confirmar que o colonialismo é um projeto falho e falido desde a sua gênese. Não há colonialismo sem racismo. E não há racismo sem desumanização. Atentemo-nos: os dizeres-água que escorrem do papel desautorizam o alicerce dessas violências seculares. São palavras que sussurram e ao mesmo tempo gritam: o universalismo ocidental é um engodo; o verbo branquicêntrico é insuficiente nas suas pretensões universalizantes.

Se o cânone literário se constitui a partir da exclusão de tantas vozes tidas como outras indesejáveis, ler e sentir as textualidades de mulheres negras é também desobedecer pretensas certezas. Cada vez que se mergulha nas páginas-marés dessas autoras, alimenta-se o fio que “pacientemente cose a rede/ da milenar da resistência”, conforme poetiza Conceição Evaristo. A coleção **Ecoss Ancestrais** compõe essa extensa trajetória...

Daniela Galdino

(Doutora em Estudos Étnicos e Africanos – UFBA, Docente da UNEB)

PREFÁCIO

A primeira vez que ouvi a voz de Eloah, era noite, mas parecia dia, sua voz é tão solar que iluminava a todos. E foi ouvindo *Leonicamente* que concordei: “*Nem mesmo a noite foi capaz de parar você*”, *menina!*

Essa é a mesma voz impossível de ser parada, que dá vida a este livro. Ora voz de leoa, forte e dona de tudo, ora de gata dengosa que só quer e precisa de uns afagos. A autora escreve esses poemas como se fossem música assim como canta músicas que são poemas.

Sensibilidade, afeto e posicionamento, são marcas que encontramos em muitos poemas, de uma forma nova, sem convenções, mas de intensa conexão com sua ancestralidade. Eles são um verdadeiro convite para entender quem somos no mundo e quem temos na vida.

No hebraico, Eloah significa Deus. E ao ler este livro, definitivamente, chego à conclusão de que “Deus é uma mulher preta”.

Graci Sá

*Mestre em Memória: linguagem e sociedade pela UESB
Graduada em Comunicação Social/Jornalismo UFMT
Fotógrafa e escritora*

QUARENTENA PÁLIDA

O outono chegou diferente

Mais frio que contente

E a gente nem pode dar as mãos

Falta um beijo, um abraço e de fato não há solução mais quente

Resta agora é o meu violão

De cordas de aço e coração

Quero um trago distante do que

Não posso mais tocar por enquanto

Quarentena pálida

Há uma guerra impávida

Olhares perdidos nos portões

Voltem para as suas casas

Guardem suas asas

Somos livres na imaginação

Só não vale se entristecer

Com o capitão que lavou as mãos

Ele não tem o poder

De nos furtar

A alegria de viver

O amanhecer que ilumina a varanda, a cozinha, a sala de estar

Abre portas e janelas e os amores vem esquentar

BEIJA-ME A CORES

Sei que minha pele escura não te agrada, amor

Que meu cabelo, tenho que alisar

Saia curta, palavrão nem pensar

Preciso nascer de novo e mudar pra te agradar

Mas você assim

Com esse seu jeito assim você de ser assim

É exatamente o que eu precisava

Precisamente o que eu tanto procurei

Mas está tão perto de mim

Que não consegue beijar-me a cores

Por favor, não quebre o meu tamborim

Não tô a fim de amarrar meu black

Então melhore essa prosa chifrim

Eu sou mulher demais pra pegar um moleque

Areia de mais pro seu caminhãozim (segura o breque)

Se não pode com a preta não te mete

Sei que minha pele escura não te agrada, amor

Que meu cabelo, tenho que alisar

Saia curta, palavrão, nem pensar

Preciso nascer de novo e mudar pra te agradar

Mas se quer assim

Uma mulher em preto e branco para ti

Eu posso tentar descolorir

E me perder no labirinto que eu criei

Mas pesa tanto pra mim

Que não consigo levar mais dores

TAMBOR

Vou aprender a tocar tambor

Exorcizar você de mim

Bater bem forte a semana inteira

De segunda-feira até o verão chegar

Deixar o suor dessa rouca fissura

Encontrar a cura pra essa besteira

Que em transe cego, atado às cadeiras

Essa melodia me faz entoar

E quando livre eu estiver

Não quero mais beijar a flor

E no domingo sem poder dormir

Cantar, girar pra ver você subir

Conversa frouxa e ainda salgada

Temperar a fala com flor de alecrim

Quero uma muda de arruda brava

Uma em cada orelha, pra me abençoar

E nunca mais quero ver desatar

O nó que tu, brincando,

Deste em meu olhar

Soa! Ressoa! Voa alto! Voa!

Encontra toda aquela paz que já em mim não há

Deita seu manto, quebra este encanto

Que me amarra viva no fundo do mar

Mas antes de me afogar

De alma lavada hei de surgir

E a todos digam que em minhas mãos
Há laço de fita e corda de viola que mandei rezar
Pra nunca mais meu terreiro escutar
As notas vadias do escudeiro torto
Que ao meu batuque vinha embaralhar

SABOR VERMELHO DE CAOS

Ontem, senti meus seios pesarem mais do que é de costume

Cada lado pendeu um pouco

E a gravidade desses anos todos me pareceu maior do que em qualquer passado.

A boca secou, o telefone do disk água sumiu da porta da geladeira, o calor acelerou meus batimentos e fui perdendo o prumo.

Com o olhar já cansado

Fui plantar poemas amarelados e colher palavras que me livrassem da prosa de sempre.

Enxuguei toda carne e ateei fogo em folhas de Jurema

Deixei partirem os cheiros, os pelos, cabelos, pesares, enterros

[violões e violeiros]

Despi o algoz que me açoitava e vi brotar de suas brenhas um sabor vermelho de caos.

O meu arranha-céu foi abaixo e o dia precisou renascer

Pra vista clarear, pra alma parar de doer e a verdade aparecer

Ela me pareceu mais sedutora do que em qualquer passado

PS: Desilusão partiu em sinuosa, se cansou de mim.

DANINHA DO LARGO

Sou preta, mãe-solteira, nordestina
E ainda trago no lombo a dura sina de olhos atentos
Supondo o que se passa na minha vagina

Julgada, questionada desde menina
Sobre as vestes a fala a melanina
Caminho torta
Um pedaço fica em cada esquina

E me recomponho feito rabo de lagartixa

Sei o que sou, mas não entendo o desconforto que causo
Sei o que sou, mas se afronta ter sorriso nos lábios
Sou a daninha do largo
E como toda vulva a minha pulsa
Mas não sou puta
E se fosse?

Sou preta, mãe-solteira, nordestina
A vida é minha, segue a tua
Zere a culpa que a perturba

** Letra: Eloah Monteiro
Música: Cabeça Isidoro*

INVERNO NORDESTINO

Eu quero o vento nos meus cabelos
Soprando as cores do meu pensamento
Eu quero o tempo do inesperado
Um beijo lento em sua boca
Um denço
Eu me rendo

Quero também aquele amor sem muita besteira
Sua língua na minha orelha enfim
Toda segunda-feira é festa em mim
E a tristeza em pedaços sob meus pés descalços no inverno nordestino

E você, sobrevivendo à ressaca da minha cabeça/ às navalhas das minhas
madeixas Sem medo/inteiro

Atravessamos nossos dias
Bebendo dessa alegria vadia
Não tem andiroba ou óleo de copaíba
Pra curar esse frio na minha barriga
Olha, acho que não é só calor

LEONICAMENTE

Nem mesmo a noite foi capaz de parar você.
 Puxou o carro, o barco, as pernas pra fora daqui.
 Sentou na lança entrou rasgando com as suas pontas, suas danças, suas tranças.
 Avisa à vizinhança que ainda estou aqui
 Virei sentença pronta, fica.
 Na manha eu peço fica, nega eu te peço, fica.
 Que hoje eu não quero e não vou mais sair daqui.
 Hoje eu não quero não vou mais sair.
 Desculpe guru, Leonicamente bateu todo o vento que soprei em tua direção,
 Tentando fazer com que você voltasse de onde saiu.
 Só que ao contrário, de volta pro meu coração torto.
 Eu não vou negar é torto, mas para cada marca que deixar, nos falta à mão no
 corpo.
 Fica faltando pedaço.
 Seu pneu cantado, gemido, aceso
 Labirinto que dá medo.
 O labirinto que dá medo.

Nem mesmo a noite foi capaz para você.
 Puxou o carro o barco as pernas para fora daqui.
 Sentou na lança entrou rasgando com as suas pontas, suas danças, suas tranças
 Avisa a vizinhança que ainda estou aqui.
 Virei sentença pronta, fica.
 Na manha eu peço fica, preta. Eu te peço, fica.
 Que hoje eu não quero e não vou mais sair.
 Que hoje eu não quero. Você fez estrago e não vai ter jeito. Eu vou fazer poema
 rimando com seus defeitos.
 Quero esse problema para mim.
 Quero essa preta para mim. Eu te quero tá feito. Sem você é tão ruim.

Avisa à vizinhança que ainda estou aqui
Virei sentença pronta, fica.
Na manhã eu peço, fica.
Nega, eu te peço, fica
Que hoje eu não quero e não vou mais sair
A não ser que você corra
Ou que no caminho eu morra
Você preso em cada coxa
Que você me cuspa e devolva
A não ser que tu não queiras
Ah! Eu vou andar ligeira
Correr feito banda rasteira
A primeira segunda terceira
Sarrando na eira e na beira do asfalto

A não ser que você corra
Ou que no caminho eu morra
Você preso em cada coxa
Que você me cuspa e devolva
A não ser que tu não queiras
Ah! Eu vou andar ligeira
Correr feito banda rasteira
A primeira segunda terceira
Sarrando na eira e na beira do asfalto
Na beira do asfalto
Sarrando na eira e na beira na beira e na eira na beira do asfalto.
Nem mesmo a noite foi capaz de parar você.
Puxou o carro, o barco, as pernas pra fora daqui.

SOBRE A AUTORA

Nascida em Ilhéus, Litoral Sul da Bahia, Eloah Monteiro atua na cena musical há 20 anos como intérprete, mas apenas em 2005 compôs sua primeira canção. É graduada em "Comunicação Social - Jornalismo" pela Universidade Federal de Viçosa – UFV em Minas Gerais. Compôs a 3ª Turma de Especialização em Gestão Cultural da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC de Ilhéus. É cantora, compositora, professora de canto no Curso Livre Online "Cante!", produtora do Sonora Festival Internacional de Compositoras desde 2017 e escritora do livro “Povo Santo: Umbandista de Viçosa”, publicado em 2011.



Foto: Bruta Flow

Em 2017 foi homenageada com o 4º Troféu Mãe Ilza Mukalê, pela relevância e representatividade sociocultural do seu trabalho na Região. Também lançou seu Primeiro Concerto Solo e Autoral, contendo 13 músicas inéditas e contou com a parceria do artista plástico baiano Roney George, entre outras colaboradoras parceiras. Este trabalho foi ponte para seu entendimento e amadurecimento como compositora, pois a levou – e sua música em formato voz e violão – a diferentes públicos, passando por cidades como Itabuna, Itapetinga, Belo Horizonte e claro, Ilhéus. Além de uma turnê de curta temporada na cidade de Buenos Aires (Argentina), internacionalizando sua música e a cultura sul-baiana.

Atuando como vocalista, produtora e compositora ao lado de mais duas musicistas – Tici Belmonte e Izadora Guedes –, fundou em 2018 a Banda Quente. Esse trio musical formado por mulheres genuinamente sul-baianas, independentes e afro-brasileiras tem expressão considerável na região, pois já emplacou alguns singles, e acaba de lançar o clipe da música "Verão n° 3" no YouTube.

Em 2019 teve como destaque “Leonicamente”, música semifinalista no 17° Festival de Música da Educadora FM, mas que lhe rendeu o Prêmio de melhor intérprete no último Festival da Rádio UESC. A obra foi motivada por um conflito interpessoal verídico e assumiu a narrativa sobre alguém que insistiu em uma relação amorosa imperfeita. Essa obra, depois de amadurecida, tornou-se o marco da aproximação da autora com o gênero Rap, estilo musical com o qual a artista não se sentia pertencente ou próxima, na época. A produção da versão final dessa música contou com arranjos do multiartista, produtor e DJ Victor Orixafriano Santana – baterista da banda reconhecida internacionalmente: *O Quadro*. “Leonicamente” representa o diálogo entre a cultura Hip Hop e os ritmos baianos mais atuais que trazem à tona nossa identidade, sem abrir mão da sonoridade eletrônica à qual a música brasileira contemporânea e Eloah, têm se rendido.



Foto: Bruta Flow (Izabella Valverde e Larissa Damasceno); cedida pela autora



Foto: Bruta Flow (Izabella Valverde e Larissa Damasceno); cedida pela autora



Foto: Bruta Flow (Izabella Valverde e Larissa Damasceno); cedida pela autora

SOBRE O ILUSTRADOR

Alex Girassol aparece no mundo no povoado de Nova Esperança município de Várzea do Poço na Bahia, corpo acontecimento que canta, performa e desenha, tem as artes como modo de ser e estar, é alune da Licenciatura Interdisciplinar em Artes e Suas Tecnologias no jardim da Universidade Federal do Sul da Bahia campus



Jorge Amado (UFSB/CJA).

Nossos passos vêm de longe
Nossos passos vêm de longe
Nossos passos vêm de longe
Nossos passos vêm de longe

Nossos passos vêm de longe

Nossos passos vêm de longe
Nossos passos vêm de longe
Nossos passos vêm de longe
Nossos passos vêm de longe
Nossos passos vêm de longe

A cor da lira desbotou
Respira fosca entre os amantes
Sua compositora é torta
O simbioto, um vacilante
O que preciso é não querer
saber se antes de gozar
Pairava sobre a minha língua
Um beijo fácil de calar

ELOAH MONTEIRO

ECOS ANCESTRAIS

NA VOZ DE
TEREZA SA



editora

ECOS ANCESTRAIS NA VOZ DE TEREZA SÁ



Este livro é parte de uma coleção produzida a partir da cartografia de escritoras negras do eixo Ilhéus-Itabuna. É peça parcial da pesquisa de Tereza Cristina Soares de Sá, mestranda em Ensino e Relações Étnico Raciais, cujo título é “A escrita de mulheres negras no Sul da Bahia: Uma Poética Dissidente de Resistência e Ancestralidade”, sob a orientação da Prof.ª Drª Cynthia de Cássia Santos Barra e coorientação da prof.ª Drª Daniela Galdino Nascimento, na

SÁ, Tereza. *Ecos Ancestrais Na Voz de Tereza Sá*. 1ª ED: Edição Independente, Ilhéus, BA: Gueixa Nagô Editora, 2020. - (Coleção ecos ancestrais, coordenação de Tereza Sá)

Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Direção Editorial: *Tereza Sá*

Revisão Geral: *Núbia Mota*

Revisão Deste Exemplar: *Ana Paula Maria dos Santos*

Seleção de textos: *Tereza Sá*
Diacuí Benazir Sá
Telma Sá
Leila Sá

Produção Editorial: *Diacuí Benazir Sá*

Capa e Ilustrações: *Geomara Moreno*

Design Gráfico (Logo): *Gabriel Luz*

Projeto gráfico/ Diagramação: *Diacuí Benazir Sá*



AGRADECIMENTOS

Profunda gratidão:

Cynthia Cy Barra, Leila Sá, Ana Paula Maria, Daniela Galdino, Geomara Moreno, Núbia Mota, Gabriel Luz, Diacuí Benazir e Telma Sá.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO	1122
PREFÁCIO.....	1143
PERTO DO FOGO	1154
A HORA É CHEGADA	1176
SOLIDEZ	1187
CINZA DAS HORAS.....	1198
BORBOLETEAR	1209
INFLUXO	12120
ANCESTRALIDADE	12221
SOBRE A AUTORA.....	1232
SOBRE A ILUSTRADORA.....	1265

APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO

Como toda história escrita, independentemente de suas narrativas, todo livro é constituído de sonhos, pesquisas, e de vontades. Assim, ECOS ANCESTRAIS, teve início por excelência da pesquisadora Tereza Cristina Soares de Sá, a iniciativa de trazer a inédita e inovadora pesquisa de mulheres intelectuais negras e poetas para a arte&cena do Sul da Bahia através do seu projeto – pesquisa. Em que, o recorte do tempo presente das poesias e poemas para o futuro da pós-modernidade passará para novas vertentes, novos olhares. E tudo isso me possibilita denomina-la (as) de HOMO DEUSA(as) ancestrais.

Contudo, e sem pestanejar, será um livro coletânea de difusão do ser e do sentir, do transbordar flores em linhas poéticas e contemplar a metafísica da literatura negra ao mergulhar-se na imensidão rarefeita dessas escritoras plêiades, de obras raras contemporâneas, que descortinam, consolidam e edificam os mais variados contos, poesias e poemas transversais.

Transversais porque são traduzidas em VOZES DE “MÁ”, MAR, e AMAR.

Transversais porque são – minguentes, cheias, crescentes e novas, insurgentes, resistentes e calientes no caminhar.

Transversais porque são bravias, acre-doces, terra, lua, água, fogo e AR.

Transversais porque são leas em fases diversas, delicadas em seus despertar.

Transversais porque são HeloahMonteiro , Kali Oliveira, Karen Oliveira e Tereza Sá.

Por fim, são Vozes que atravessam, espelham, indicam (rão) caminhos para contínuo desbravar dos caminhos com audácia, poesias e alegrias, acalanto, leveza e certeza que existirá sempre uma realeza africana a poetizar, a “griolar” – seja na academia, numa rua transversal, numa terceira rua, ou na travessia da terceira margem do rio.

Boa Leitura!

Nubia Mota



PREFÁCIO

TEREZA SÁ

Sabe o que é uma “Mulher Alvenaria”? É uma Mulher que traz dentro de si infinitos desejos de completar-se. É a mulher que sabe a força que tem e por essa força se nutre e fortalece os seus também.

Essa é Tereza Sá, mulher que sabe chegar ao infinito tornando-se ser de luz e de lá volta para iluminar a todos/as e assim tudo reluz.

Mulher negra, guerreira que traz no seu ser muita força e determinação, uma mulher que sustenta seus projetos e se refaz a cada dia. Ela desconstrói os paradigmas e constrói revolução, recompondo sua vida por inteiro, sendo símbolo de expressão.

Seus poemas revelam a grandeza do seu ser e trazem consigo uma história de vida e de superação. Ela é alguém que converte em sim o não.

Ela veio transformar esse mundo de segregação. Ela tem o dom de “borboletar” outras mulheres negras poetisas para que, saiam do casulo e possam, enfim, voar com alento. Mulheres negras, que como como Tereza Sá, trazem nas veias a arte de escrever e de expressar sentimentos.

Ela é “resistência”! É uma mulher que sabe a força que tem e por essa força se nutre, fortalece e vai além.

Aos seus cria possibilidades de alcançar o infinito, desvendando, revelando e usando a força que tem no seu íntimo.

Tereza Sá é como um farol que ilumina mulheres negras pelas longas veredas, que são árduas e doces na busca de se reconhecer e se permitir ser uma poeta com mil labaredas.

Tereza Sá, Gueixa-nagô é luz para os versos que estão a caminho, mas já estão nas mentes de muitas mulheres negras. Só falta o pergaminho.

Leila Sá

*Licenciada em Letras/Espanhol (UESC), Pedagogia (Uninter)
Especialista em leitura e produção textual (UESC)
Coordenadora Pedagógica Estadual
Professora de Espanhol*

PERTO DO FOGO

Fora da tenda
E ao redor do fogo
Assim eu quero estar.
Contemplar o silêncio
Da noite banhada em estrelas
Como nossas antepassadas
Para compartilhar histórias e recordações.
Eu quer estar perto
Do fogo que me aquece
E sentir as chamas que saem de mim
Para dentro do fogo e
Receber o calor que me acaricia.
Perto do fogo,
Cantarolando uma canção
Contemplar a lua quase cheia
Brindando encontro com sorrisos sinceros.
Eu quero ficar perto do fogo
E ter a pele acariciada
Sentindo o cheiro emanado da Amescla
Árvore de seiva doce e inebriante.
Eu quero estar perto do fogo

Compartilhar alimento

Comungar conhecimento

Do sagrado feminino

E suas fertilidades de vida ancestral.

Perto do fogo, reverenciar e brindar

A esperança em um mundo cujas águas

Se encontrarão e só transbordará igualdade.

A HORA É CHEGADA

Pra que ocultar-me tanto?
É chegada a hora de desnudar-me
Encarara-me de frente
Com os olhos do que não se quer ver
Esse desafio- convite
De transbordar as Profundaças
Me atravessam em angústias e delícias
medos e vontades
Renuncio a lucidez de todo o sempre
Renuncio as incertezas
Consumidas em silenciamento
E tudo que me amputa o criar
Assumo esse estado de poesia.
Sou refém da palavra
Eu não mando mais em mim
Essa é a minha hora.

SOLIDEZ

Sou além do que sinto

Sinto além do que vejo

E bem próximo do meu medo, vejo a ginga certa

Sou mulher- alvenaria

Sustento o que projeto

E me edifico em condição ascidental

Sou mulher negra

De corpo e espírito

Refaço minha história todos os dias

Tecendo sonhos

Rolando os dados

Lançando dardos

Jogando os búzios

E reconectando o feminino que há mim

*O poema Solidez foi publicado no livro virtual Profundanças 3, disponível em <http://voaudiovisual.com.br/projects/profundancas3/>

CINZA DAS HORAS

O frio das horas

É vazio sem consolo,

Solidão calcificada,

Espera fria.

Um oco

Sem eco

Sem voz

Sem gás

Sem sal

Sem sol

Sem nós

BORBOLETEAR

Se casulo me permito

É porque sei o quanto

Tenho de infinito.

A beleza de ser acre-doce

Nutre-me profundamente

Sou Sá- Sou sã

E se casulo já fui

Hoje mais que borboleta,

Sou luz

INFLUXO

Do meu útero

A intensidade do fluxo

E o pulsar de vidas passadas

Imbricada em abundante fluidez.

Meu útero-cabaça, concha profunda

Guarda águas

Cuja fonte abunda

Das velhas veias enraizadas

Em força cósmica

Raízes seculares

Fincadas em minha existência.

Em meu útero,

Rios vermelhos

Renovados a cada lua,

Gravitados em conexões ancestrais

A transbordar fecundidade

No mais profundo de mim

ANCESTRALIDADE

Sou mulher

De Versos fartos

De língua solta

E vida descomedida.

Sou de Áfricas

Trago ecos infinitos

De mulheres bravias

A me completar.

Dentro de mim, um sol que não cessa

E uma alma que se lava todos os dias.

Sou mulher negra

E já nasci guerreira

Minh'alma não se nega

Nem se entrega.

*O poema Ancestralidade foi publicado em outdoor, em participação do Projeto Poesia nas Ruas em Ilhéus.

SOBRE A AUTORA

Tereza Sá, mulher negra, ilheense, professora, poeta, atriz e mãe de Ébano Bencos e Luan Bencos. Sua vida é cheia de muitos e de todos, faz muita coisa ao mesmo tempo, não enlouquece porque a loucura é sua forma de existir. Graduada em Letras/Espanhol (UESC). Especialista em Leitura e Produção Textual e Educação e Relações Étnico-raciais



Foto: Luan Bencos

(UESC), mestranda em Ensino e Relações Étnico-raciais (UFSB), escreve coisas desde pequena, mas só quando cresceu descobriu que se tratava de poesia. Nem tudo que escreve revela, quase sempre guardou ou esqueceu em algum caderno. Atualmente tem tomado posse da escrita e se assumido como poeta. Participou do grupo de teatro Caras e Máscaras, com o qual teve atuação intensa, sobretudo no teatro de rua. Atualmente integra a Cia Trapizonga de Teatro e também o Coletivo Afro em Cena (UFSB).

Teve a honra de participar do Projeto “Poesias nas Ruas”, na cidade de Ilhéus, como poeta em 2015 e em 2019, integra a Antologia literária e fotográfica Profundaças 3 (disponível para download em <http://vooaudiovisual.com.br/projects/profundancas3/>), também como poeta. Ativista do Movimento Negro Unificado (MNU), sempre dedica boa parte de seu tempo à militância, seja em sala de aula, seja no palco ou na poesia, pois sabe que representa uma voz a mais na luta pela igualdade racial.



Foto: Graci Sá



Foto: Analu Nogueira

“Segunda batalha do conhecimento do cine Pivete” (Fev/2019)

ECOS ANCESTRAIS NA VOZ DE TEREZA SÁ



Foto: Maria Domingas



Acervo Pessoal
Foto: “Corpo de juradas da Batalha de Mulheres” (Mar/2018)

SOBRE A ILUSTRADORA

Geomara Moreno é Assistente Social. A arte de desenhar entrou em sua vida ainda na infância, e desde então pratica como hobby, sem cunho profissional. Seu traço é marcado por imprimir a força, a sensibilidade e a beleza da mulher negra em suas múltiplas diversidades e tem predileção por pintar rostos humanos.



Ela considera a sua arte como um ato político e de resistência. Os seus traços reverberam e reafirmam que as mulheres negras estão presentes na luta pela reafirmação de suas identidades. É a primeira vez que participa da ilustração de livro e se sente muito honrada por se tratar de literatura afrodescendente e por se tratar de uma poeta pela qual nutre grande admiração e respeito, não apenas pela escrita poética, mas pela ação que desenvolve em torno da educação antirracista e do envolvimento no feminismo negro em nossa região.

Nossos passos vêm de longe
Nossos passos vêm de longe

Nossos passos vêm de longe

Nossos passos vêm de longe
Nossos passos vêm de longe
Nossos passos vêm de longe
Nossos passos vêm de longe
Nossos passos vêm de longe

Não sou mulher de meias
palavras
Nem de fino trato
Se me precipito,
Não desabo
Mas se me desmorono,
Me refaço

TEREZA SÁ

- Jurema Werneck

Nossos passos vêm de longe

Nossos passos vêm de longe

PARTE III

CONVERSAÇÃO 1: A LITERATURA COMO LUGAR DE INSURGÊNCIAS

Tenho uma solidão que é mais só que a do outro. Eu sei. E não sei quem desvendará o texto que escrevi na pele pelo lado de dentro.

Telma Sá

A literatura, enquanto manifestação artística, representa um patrimônio da cultura nacional, e o seu acesso deve ser um direito partilhado com todas, todos e todes. A presença da autoria negra na literatura brasileira é um acontecimento que se amplia continuamente e se afirma na contemporaneidade. Ainda assim, a validação da estética e discursividade preta no centro das discussões acadêmicas requer merecida atenção no que diz respeito ao cânone literário.

De acordo com Ramón Grosfoguel (2018) em *Decolonidade e pensamento afrodiaspórico*, os paradigmas eurocêntricos hegemônicos, que influenciaram a filosofia e as ciências ocidentais, contribuíram historicamente para a colonização do poder, do ser e do saber, apontando o racismo como base norteadora e divisora dos que podem ou não podem produzir conhecimento científico. Essa constatação diz muito de nossa história e a condição epistemológica de povos subalternizados, pois nos coloca diante de uma literatura promovida por e para uma elite intelectual e artística. Dessa forma, a literatura de autoria negra, ao se instaurar nesse contexto, segue na condição de voz insubmissa, que rompe na contramão, do cânone literário, implementador de normas ou “leis”, que estabelecem juízo de valor aos textos e obras literárias

Para atingir o objetivo de cartografar autoras negras do Sul da Bahia, especificamente no eixo Ilhéus/Itabuna, tendo como horizonte a instauração de epistemologias contra-hegemônicas, tornou-se necessário fazer alguns desdobramentos em todo o âmbito que circunda a Literatura Brasileira, o que só foi possível com o cabedal de autores/as que aqui dialogam.

Nesse contexto, tornou-se necessário fazer uma intersecção na literatura afro-brasileira, por perceber que na pretensa inserção da Literatura Negra e/ou Afro Brasileira e/ou Literatura Negro-Brasileira no redimensionamento da Literatura Brasileira, a autoria feminina teve ausência ou escassez acentuada. Também por entender que o histórico do imperativo

masculino monopolizante se fortalece também nos campos da episteme, abafando as subjetividades femininas. Assim, percebo a necessidade de flexionar o político-discursivo dessa vertente literária, em defesa de uma identidade política contra a matriz de opressão colonialista maquinada pelo racismo e pelo cishéteropatriarcado capitalista.

Ao transcorrer os caminhos cartográficos de vozes-mulheres do Sul da Bahia, apresento a composição do *corpus* analítico das quatro autoras pesquisadas e que, merecidamente, nesse memorial, ousou chamar de “corpas”, ressignificando, assim, as regras e os códigos da gramática da Língua Portuguesa para conceder, respeitar e garantir a marca de feminilidade e o posicionamento político que as autoras sustentam com relação a seus corpos.

Os processos coloniais da historicização de nossa sociedade renderam aos povos colonizados a condição de inferioridade e inexistência. Embora os povos indígenas e afrodescendentes tenham contribuído diretamente na formação da sociedade brasileira, suas histórias foram invisibilizadas, apagadas e excluídas da condição de fundadores e pertencentes dessa nação. As questões ideológicas do pós-abolição lhes renderam a impossibilidade de ascender socialmente e/ou manifestar-se culturalmente. Essa atrocidade atinge não apenas os campos históricos, mas os sociológicos e antropológicos. A literatura, é claro, está inserida nesse bojo.

Duarte (2010) alerta que “ao percorrer os caminhos de nossa historiografia literária, a existência de vazios e omissões que apontam para a recusa de muitas vozes, hoje esquecidas ou desqualificadas, quase todas são oriundas das margens do tecido social” (2010, p.73). Desta forma, grupos periféricos e minoritários sempre estiveram deslegitimados e o fazer literário para esses grupos, sempre marcados por um não-lugar. A literatura, nesse processo estigmatizante, “tem sido usada para recalcar os escritos (ou as manifestações culturais não escritas) dos segmentos culturalmente marginalizados e politicamente reprimidos - mulheres, etnias não-brancas, as ditas minorias sexuais, culturas do chamado Terceiro mundo” (REIS, 1992, p.73).

A contemporaneidade vem permitindo estudos sobre a escrita de autoria negra e, no trato dessa abordagem, existem múltiplas nomenclaturas em torno dessa produção, devido ao fato de muitos estudos ainda estarem sendo realizados para ressaltar a importância de uma literatura racializada. Não bastasse o processo de contestação junto ao cânone literário, a literatura de autoria negra enfrenta outro dilema: o da definição. Atribuo isso à importância que essa literatura, aliada a teorias e conceitos das suas práticas, representam para os parâmetros literários contemporâneos e futuros. Isso significa o desafio aos ditames literários

impostos até então. Dessa forma, no caso específico desse trabalho, confiro um estudo mais esmiuçado acerca da necessidade do fortalecimento de uma literatura descolonizada, desvinculada de todo silenciamento estabelecido à Afro-brasilidade.

Proponho a partir desse estudo novos olhares, novas estéticas, novas validações e novos autores/as no circuito de nossa literatura, que é de grande significância para a intelectualidade negra. De acordo com bell hooks (1995, p. 476), “quando exercemos um trabalho intelectual insurgente que fala a um público diverso, a massas de pessoas de diferentes classes, raça ou formação educacional, nos tornamos parte de comunidades de resistência coalizões que não são convencionais”. Esse é o papel desafiador dos/as teóricas contemporâneos/as. Pontuo aqui algumas designações para a literatura de autoria negra sob a ótica de: Edmilson Pereira (2010) – *Literatura Negra e/ ou Afro-brasileira*; Cuti (2010) – *Literatura Negro-Brasileira*; Zilá Bernd (2010) – *Literatura Negra Brasileira*; Conceição Evaristo (2009) – *Literatura Afro-brasileira*. Outros termos certamente permeiam essa literatura, mas me atenho aos conceitos aqui apontados, por encontrar neles pontos de convergências plausíveis ao processo identitário demarcado nesse trabalho. Longe de fechar consenso em definições, nosso intuito é transcorrer os vieses que compõem o sistema histórico em torno de representações, discursividade, signos e subjetividades da Literatura Brasileira. Entendo que a autoria negra, traz em suas subjetividades novas possibilidades de representação estético e poética em um discurso contra hegemônico que precisa ser validado. Para fins de simplificação de termos adotarei nesse estudo a classificação Afro-Literatura.

Os estudos emergentes na atualidade, como os já citados aqui, apontam uma nova articulação no cenário literário no que se refere a raça, gênero e classe social, que resulta na visibilidade de autorias negras. Provocada “pela emergência de novos sujeitos sociais, que reivindicam a incorporação de territórios discursivos antes relegados ao silêncio ou, quando muito, às bordas do cânone cultural hegemônico”(DUARTE,2020, p.74), tal articulação me forneceu suporte tanto para contextualizar a literatura dos povos afrodiáspóricos, quanto para compreender que a literatura contemporânea vem se construindo de maneira racializada e articulada com o gênero. Noto que a evidência dos grupos historicamente deslegitimados, que sempre estiveram às margens, possuem a partir disso, mais subsídios para se representarem e serem representados. Os avanços na ampliação de vozes dissidentes em territórios antes restritos aos denominados “clássicos literários” tem forçado a historiografia brasileira a fazer uma revisão nos corpus de trabalhos, métodos e pressupostos críticos (Idem,2010).

É fato que essa mudança não ocorre de forma espontânea. É necessário muito envolvimento político-social, levando em consideração que não se trata de uma ação simples,

mas uma luta ideológica na qual se contesta o discurso colonial, levando em conta que “a tomada de consciência sobre o que significa desestabilizar a norma hegemônica é vista como inapropriada ou agressiva porque aí se está confrontando o poder” (RIBEIRO, 2017, p.79).

A oportunidade de estudar literatura negra ou afrodescendente representa a conquista da afirmação identitária de negras e negros que assumem o protagonismo de suas narrativas, rompendo silenciamentos. É uma tomada de consciência na qual “pouco a pouco, escritores negres e descendentes começam a manifestar em seus escritos o compromisso com a etnia” (FILHO, 2020,p.57). Esse acontecimento nos instiga a ampliação de olhares historiográficos acerca do fazer literário e seus desdobramentos no tocante a equidade e justiça epistêmica. A esse respeito, Cuti (2010) é incisivo:

Destacar este veio da literatura brasileira tem o mesmo objetivo que tiveram outras áreas ao deitarem luz sobre aspectos importantes da cultura nacional que, por motivos de dominação ideológica, restaram abafados durante séculos ou décadas. Afinal, o Brasil é dos brasileiros, porém é preciso acrescentar que é de todos os brasileiros. (CUTI, 2010, p.7.).

Nossa história foi forjada por apagamentos e estamos em busca de novas representações e novos lugares de produção de saberes. Por isso é necessário pesquisar, revelar novas possibilidades de cognição. Nos apropriar de nossos discursos. A autoria negra trouxe nova subjetividade ao fazer literário, com adornos de novas representatividades, novos discursos, carregados de específica bagagem histórica, psicológica e social idiossincráticos, aportando uma literatura estético-política, cujos negros e negras assumem seu lugar de fala. De acordo com Eduardo de Assis Duarte (2017):

No alvorecer do século XXI, a literatura afro-brasileira passa por um momento rico em realizações e descobertas, que propiciam a ampliação de seu corpus, na prosa e na poesia, paralelamente ao debate em prol de sua consolidação acadêmica enquanto campo específico de produção literária – distinto, porém em permanente diálogo com a literatura brasileira *tout court*. (DUARTE, 2017, p.1).

Controle e dominação sempre foram praticados na Literatura Brasileira, através de um sistema canônico cuja autoridade concedida permite seleção e exclusão de uns em detrimento de outros. Nesse sentido, esses debates são necessários, pois conduzirão a diálogos amplificadores, já que tanto a literatura quanto o teatro e a arte negra sempre foram alvo de controvérsias a respeito de sua real necessidade de conceituação e existência. Segundo Evaristo (2009, p.27), “muitos pesquisadores e críticos literários negam ou ignoram a

existência de uma literatura afro-brasileira”. Verdadeiramente, são muitas as críticas e precisamos enfrentá-las como ato político, munidos/as de referenciais teóricos que argumentem e consolidem a Literatura Negra no cerne da Literatura Brasileira. Florentina Sousa (2010, p.224), aponta que “recusam explicitamente qualquer qualificativo que enfatize o lugar étnico-racial, de onde falam os escritores, advogam o caráter ‘incolor’ da literatura e da arte”.

Reconheço que a Afro- Literatura margeia o cânone literário, pois é afetada por todas as marginalizações que atingem (e sempre atingiram) os povos afrodescendentes. Percebo ainda que embora essa marca esteja reproduzida em nossa literatura, de fato é a “canonização, que precisa ser destrinchada nos seus emaranhados vínculos com as malhas do poder” (REIS, 1992, p.73). No entanto, esses estigmas não lhe tiram a condição de produção literária, com suas subjetividades, pensamentos e estéticas que lhes são particulares. Uma vez que toda produtividade negra traz circunstância de luta e resistência para a desconstrução dos estereótipos, desumanização e a busca constante por emancipação coletiva. Importante compreender:

A literatura negra não está desvinculada do Movimento Negro. E embora durante quase todo processo de formação da Literatura Brasileira existissem vozes negras desejosas em falar por si e de si, a expressividade negra vai ganhar uma nova consciência política sob inspiração do Movimento Negro, que volta para a reafirmação, na década de 70”. (EVARISTO,2010, p.139).

Seguindo os fundamentos do teórico Eduardo de Assis Duarte (2008) que, frente aos questionamentos da existência de uma literatura negra, nos afirma que “ela tanto é contemporânea, quanto se estende a Domingos Caldas Barbosa, em pleno século XVIII; tanto é realizada nos grandes centros, com dezenas de poetas e ficcionistas, quanto se espalha pelas literaturas regionais”. Isso elucidada a reflexão e nos leva ao entendimento de que quando o cânone literário opta por privilegiar grupos historicamente hegemônicos e não reconhece a produção diversificada de grupos sociais, sexuais e étnicos enquanto literatura, os indivíduos que compõem os grupos mais desfavorecidos vão, a partir de seus posicionamentos de resistência, desenvolvendo as suas próprias redes de apoio e de divulgação.

Acerca da História da literatura, Edmilson de Almeida Pereira (2007) nos alerta que a identidade da Literatura Brasileira está ligada a uma tradição fraturada, características das áreas que passaram pelo processo de colonização. Ao meu ver, legitimar uma literatura que pretende referenciar-se em suas próprias trajetórias, trazendo à tona uma versão de produção

literária dissidente ao que já vem sendo designado como oficial, contextualizada com o histórico-social dos afrodescendentes significa está disposto a estabelecer o que Zilá Bernd aponta como “expressão de fronteira, entre a tradição oral e a tradição escrita, configurando a passagem da criação popular oral, de origem africana aos códigos letrados trazidos pelo colonizador português” (BERND, 2010, p.297).

E é no conflito fronteiriço marcado não apenas pela diferença da linguagem, mas por toda uma perspectiva de subalternidade que os povos afrodiáspóricos vêm estabelecendo suas tessituras, disputando espaços e requerendo a palavra, seja oral ou escrita. Conceição Evaristo, (2009, p.136), ratifica que “apropriar-se de sua literatura e de sua cultura, reescrevê-la segundo a sua vivência, numa linguagem que possa ser libertadora, é o grande desafio para o escritor afro-brasileiro”. A autora nos orienta no sentido da comunicabilidade, pois o sistema linguístico utilizado na criação literária é proveniente da cultura hegemônica, marcando assim uma hierarquia linguística aprisionante.

Dessa forma, percebo que mesmo com essa marca linguística do colonizador, a produção dos afrodescendentes encontrou condições para fluir a ponto de reverberar na contemporaneidade. Acredito que a atualidade nos apresenta um/a escritor/a negro/a consciente do seu lugar no mundo e sua literatura ganha notoriedade e talvez mais que isso, vem se destacando com um diferencial no contexto vigente exatamente por sua autoafirmação. Segundo Leda Maria Martins,

Toda essa variedade de dicções literárias vem despertar na crítica literária brasileira, principalmente a partir dos anos 80 uma atenção particular, tomando vulto, na voz de escritores e críticos, um fértil debate sobre a propriedade de se nomear como negra ou afro-brasileira certas zonas de produção literária no Brasil. (MARTINS 2010, p.121).

Uma prova contundente da produtividade da escrita de homens e mulheres negros/as que não se pode deixar de ressaltar a grande contribuição literária é a série antológica de contos e poemas *Cadernos Negros*, organizada pelo Grupo Quilombhoje, que muito contribuiu para a ascendência, visibilidade da produção escrita de autoria negra. Lançado em 1978, com característica de apresentar o/a negro/a como sujeito e autor de suas narrativas, “discute desde seu primeiro número até o último publicado em 2005, conceitos e significados da literatura negra” (SOUZA, 2010, p. 218). A Coletânea contribuiu para romper com o estigma da invisibilidade e da exclusão, que sempre agonizou a população negra, além de trazer para o cenário literário “poemas e contos cujos autores eram, em sua maioria, pouco conhecidos fora dos movimentos negros” (FONSECA, 2010 p. 95). Ainda segundo essa

autora, os primeiros cadernos apresentavam autores/as que trilhavam o caminho de Solano Trindade, entre outros/as que assumiam a consciência do ser negro/a.

A grande teórica, Leda Martins (2010,p.123) nos suscita os questionamentos polêmicos de todos os tempos: “tem a literatura cor, etnia, raça, gênero, língua?”. E é Evaristo (2010, p.123) quem nos responde acerca da experiência dessas produções discursivas-literárias: “não é somente a cor da pele que vai definir, situar o seu texto como literatura negra, mas também a sua postura ideológica, a maneira como ele vai viver em si a condição e a aventura de um ser negro escritor”.

Percebo que em torno da expressão “literatura negra” sempre exigirá uma acepção mais ampliada, pois está atrelada ao contexto da situação complexa que é a história do povo negro em nosso país. Sempre haverá quem questione e polemize, exigindo um conceito para essa literatura. Zilá Bern, (*apud* Martins, 2010, p123), ressalta que,

para nós, o único conceito aceitável de cultura negra é o que se alicerça nas constantes discursivas das obras. Logo em nossa perspectiva não será apenas a utilização de uma temática negra, (o negro como objeto), nem a cor da pele do escritor (critério epidérmico), o que caracterizariam a existência de uma literatura negra, mas a emergência de um eu-enunciador que se assume como negro no discurso literário (BERND, 1992:13, grifos da autora).

O fato é que, “enquanto muitos ainda indagam se a literatura afro-brasileira realmente existe, a cada dia a pesquisa nos aponta para o vigor dessa escrita” (DUARTE, 2017, p.1). E esse vigor tem substanciado não apenas estudos acadêmicos acerca da temática, como tem tomado visibilidade e corpo nos mais diversos contextos literários. Como muito bem afirma Souza (2010, p.221): “essa Literatura e vida aparecem imbricadas e isso salta aos olhos dos textos que abordam temas como o racismo, a ancestralidade africana, o amor, as memórias individuais e coletivas. Literatura como carne e sangue, vida e memória [...]” Portanto, é através desse panorama que percebo que literatura de autoria negra é visceral. Ela vem construindo narrativas com estilística e poéticas consistentes, (re)interpretando emoções e assumindo a identidade recortada de ancestralidade. Pela historicidade exposta acima, notamos a complexidade envolvida no processo conceitual da literatura afro-brasileira na literatura brasileira para abandonar o estigma de margem do cânone literário. Florentina Souza (2009, p.9, *apud* Martins, 2010, p.123-124) nos faz entender que “essa literatura busca reverter sentidos, encadear e explorar as possibilidades de forjar significados e conexões, resgatar histórias e tradições de origem africana, ou seja, apoderar-se também do sistema de produção de imagens e significados”.

Estes traços que envolvem o viés conceitual de nossa literatura negra são significantes para a próxima abordagem: as articulações de gênero nesses territórios e a reivindicação de inscrever-se no cenário intelectual, ser referência de pensamento, de conhecimento como mulher negra, ecoando suas vozes e conclamando várias outras vozes-mulheres-negras.

Pensar essa Afro-literatura a partir da poética de mulheres negras é uma condição da contemporaneidade? A literatura pode ser vista como uma imposição paradigmática de um universalismo excludente? Tais direcionamentos me permitem questionar uma produção literária nacional que quase sempre esteve ligada à atividade exclusiva de homens heteros/cis gênero/ branco/cristão, pertencentes às classes dominantes e portadores de discursos socialmente hegemônicos (MATOS; SACRAMENTO, 2019). Como controvérsia, essa mesma literatura quase nunca oportunizou espaços idênticos ao homem negro. Via de regra, nesse âmbito, a representatividade de homens negros sempre foi invisibilizada frente o ditame branco-masculino, como já foi explicitado aqui. Essa prática, disseminada no processo de dominação colonial, alijou também a participação de mulheres negras no sistema literário. As narrativas oficiais se estruturaram para validarem uma episteme etnocêntrica, fechando-se para a inserção de homens negros e mulheres negras.

Desta forma, o sistema literário tradicional contribuiu com o distanciamento de indivíduos diaspóricos do universo literário canonizado, a partir da efetivação do silenciamento de vozes e tentativas de apagamento de qualquer cultura que destoasse dos ditames da tradição ocidental (MESSIAS, 2020). Isto significa que mulheres, pessoas negras e/ou LGBTQIA+, bem como outros artistas que se encontravam às margens da sociedade, foram impedidos de qualquer possibilidade de auto representação. Portanto, registro que, aos afrodescendentes, foi negado o acesso às suas próprias histórias, às suas próprias culturas e, acima de tudo, à condição de humanidade como direito primordial.

Entendo que a intelectualidade afrodiaspórica, embora não estivesse na estrutura basilar da literatura brasileira, era uma realidade vasta e válida, contudo, ainda abafada e muitas vezes negada pela conjuntura político-social engendrada pelo colonialismo. Conceição Evaristo (2017, p.1) nos afirma que [...] o fato de este produto não estar sendo visível, não significa que não exista. Essa autoria negra, essa dinâmica, construída através de uma experiência negra na sociedade brasileira, essa dinâmica existe e não é de hoje. Agora, ela não é visibilizada como outras dinâmicas”.

Minha reflexão vem perpassando pela escrita produzida por mãos negras, tendo tanto o homem como a mulher, autores /as de suas próprias representações, mas silenciados/as por muito tempo pelo projeto da lógica colonial, cuja interrupção da fala implica na

desautorização e no “não pertencer” (KILOMBA, 2010). O cânone literário, na atualidade, representa o instrumento da manutenção de silenciamentos e a Afro-Literatura, seu maior alvo, ainda que pelos estudos de Pereira (2010), uma cartografia da poesia brasileira dos anos 70 até metade da década do século XXI revela intensas perspectivas estéticas e ideológicas dos mais variados processos de criação.

A partir desse ponto, o diálogo seguirá a respeito da escrita de mulheres negras, cerne desse trabalho. Por isso, enveredarei pelo que agora chamo de Literatura Afro-Feminina. O intuito é alavancar as vozes de mulheres negras na cena literária, visto que a desvalorização das suas produções indica um reflexo de violências simbólicas e não simbólicas indevidamente institucionalizadas. O foco se centra nas mulheres negras justamente pelo fato de elas constituírem o grupo mais atingido por violências históricas, ocupando a base da Pirâmide Social no Brasil em termos de direitos. O interesse se fortalece com base nos registros históricos apontando que a existência de mulheres negras sempre foi fortemente marcada pela condição de subalternidade. Os espaços de circulação a elas reservados foi formatado por um intenso processo de dominação colonial, que destinaram os colonizados a não se imporem enquanto autores de seus próprios pensamentos, bem como potenciais construtores de conhecimento.

A contemporaneidade vem nos alimentando com insurgências no campo literário, nos revelando mulheres negras fortalecidas que representam as suas escritas de formas contundentes, disparando poéticas que por muito tempo foram interditas e trancafiadas nos porões de si, devido às imposições de uma sociedade paternalista hierarquizante. Por conta disso, busquei identificar as marcas dessa literatura afro-feminina no Sul da Bahia, identificando a presença de uma literatura, na qual a mulher negra expressa as suas subjetividades na condição de autorrepresentação.

Se hoje me predisponho a cartografar as escritoras negras do Sul da Bahia, é porque em minha trajetória há registros de uma mulher negra, que experimentou o racismo desde a tenra idade, ainda como estudante da educação infantil. Registros de uma professora da educação básica, que combate a estrutura do racismo no espaço escolar. Registros de uma pesquisadora das relações étnico-raciais e também de uma escritora cujo silêncio afetou a escrita por, pelo menos 27 anos, tempo em que fora refém da política de legitimação de silenciar “Os Outros” (KILOMBA, 2010). Ainda assim, acredito que escrever é instrumento de resistência. Por isso, resisto!

Me ajusto a Evaristo (2010) quando afirma que, para os povos que foram colonizados, a poesia representa um lugar de transgressão, pois apresenta fatos e novas interpretações para

uma história que antes só trazia a marca do colonizador. Viver a poesia nessa circunstância é assegurar o direito à fala, já que pela criação poética pode-se ocupar um lugar vazio. E o povo negro tem ocupado esse lugar. A respeito da Literatura Afro-brasileira, Pereira (2010) afirma:

Se, como demonstram alguns críticos e poetas (...) a poesia de expressão negra e/ou afro-brasileira teve seus antecedentes autores como Domingos Caldas Barbosa, Luiz Gama, Cruz e Souza, Lino Guedes, Solano Trindade (...) pode-se dizer, contudo, que foi no final da década de 70 que um viés teórico e ideologicamente orientado contribuiu para sedimentar as bases dessa literatura, tanto na prosa, quanto na poesia. (PEREIRA, 2010p.16).

Observo que, não por descuido, o autor supracitado registra os nomes da vanguarda literária negra cuja maioria, são homens. Trata-se da ratificação do machismo nocivo recorrente que perpassa também o campo literário. Como bem afirma Júlia Maria (*apud* Nely Novais Coelho, 1991, p.93), “a crise em que a mulher se encontra quanto à sua própria condição envolve imediatamente o homem”. Verificamos, então, que mesmo diante do estereótipo que vem marcando os afrodescendentes, as autoras negras têm buscado representar-se na literatura, seja na poesia, seja na prosa. Elas saem rompendo o silêncio histórico em âmbito nacional. No Sul da Bahia isso não é diferente.

Tendo como referência os anos 2018 e 2019, no processo cartográfico que apresentarei logo adiante, quatro autoras do eixo Ilhéus-Itabuna, nos chamaram a atenção pelos dispositivos por elas utilizados para representarem suas poéticas e as principais temáticas que circundam as linhas e entrelinhas dos textos, com foco nas marcas indelévels afro-brasileiras.

Fui ao encontro da pulsação dessas mulheres negras e percebi o motor-contínuo de suas (re)existências, entranhado em suas poéticas, marcadas como incisões em seus corpos performáticos. O contato com o processo de construção da literatura Afro-feminina tem me revelado uma poética de resistência e de um eu-lírico recortado de ancestralidade, luta e orgulho de ser mulher negra. Verdadeiramente, temos um novo discurso, um novo olhar e, principalmente, novas vozes que ecoam pelo céu sul baiano. A literatura Afro-feminina existe e está a disputar ocupação de espaço, garantia de direito e respeito.

Aprendi que a inserção de mulheres negras na Literatura Negra trata-se de uma disputa epistêmica. Nesse caso, de tripla condição: de gênero, de raça e classe. Esse trabalho me direcionou ao encontro de um novo repertório, agora liberto das amarras eurocêntricas e da construção social abusiva em torno da mulher negra como objeto sexual, herança do processo de escravização, que ainda repercute de maneira enfática na literatura, na arte televisiva e

cinematográfica. Encontrei a palavra dita e/ou escrita por mãos negras, representadas por corpos negros que se sabem livres e que ocupam importante lugar estético-político em nossa sociedade.

Abordarei agora o encontro cartográfico com mulheres ausentes do campo editorial, mas que têm rompido os paradigmas do cânone literário e assumido uma literatura de autorrepresentação, a Literatura-Afro-Feminina no Sul da Bahia, nos proporciona novos olhares e novas histórias para a literatura da região. São mulheres donas de um fazer literário com um desdobramento político-filosófico marcado por fortes engajamentos no feminismo negro e suas implicações diante das diversas opressões geradas pelo padrão global basilar de opressões, que sempre atingiu as mulheres (KILOMBA, 2008).

A busca por autoras negras me rendeu momentos de angústia e satisfação. Angústia, inicialmente, pois não possuía um ponto de partida definido. Precisava encontrar mulheres que estivessem fora do processo de editoração, e isso era justamente o que me afligia. Se não estavam publicadas nas editoras, onde haveriam de estar? Mas a satisfação não demorou a chegar porque essas mulheres começaram a “brotar” no meu caminho. Nossas rotas se cruzaram e toda a conexão cartográfica passou a se estabelecer. Havia momentos bem fluidos, outros mais densos, em que era necessário estabelecer novas rotas para o encontro, devido ao grande movimento gerado por elas. Havia articulações em eventos diversos, o que se tornava um campo fértil de multiplicidade de pesquisa e de aprendizado.

À medida em que a pesquisa avançava, nos envolvíamos. Percebia que, de minha parte, o envolvimento era bem grande. Com o tempo, fomos notando que havia um cruzamento de caminhos dentro de nosso feminino, embasados por ancestralidades que ainda não eram tão nítidas, inicialmente. Meu encontro com autoras negras da contemporaneidade aconteceu com o *Slam de mulheres*. O convite veio por intermédio de Karen Oliveira, para participar como jurada na *Batalha poética*. Inicialmente, esta proposta trouxe certa inquietação pelo falta de conhecimento sobre esse tipo de evento. Desconhecimento, inclusive, acerca da existência dessa atividade em Ilhéus. O convite fora feito em um evento no *Terreiro Matamba Tombenci Neto*, em Ilhéus, cuja matriarca é Mãe Ilza Mukalê. Evento anual de entrega do *Troféu mãe Ilza Mukalê*, como parte da atividade cultural vinculada ao Terreiro e que homenageia mulheres que se destacam pelo ativismo desenvolvido na região. Este convite significou um primeiro atravessamento de muitas movimentações ancestrais que ainda iriam nos circundar. Havia, ali, o prenúncio de futuras tessituras afrodiaspóricas.

O ato de cartografar exercia uma forte condução na pesquisa, pois na medida em que caminhava a cartografia ia me direcionando e tomando formas. Formas, inclusive, bem

delineadas em subjetividades, com as grafias da “negrura feminina” e revelando multiplicidades de vozes com os aportes almejados. Fui percebendo que realmente a cartografia, como método, me daria amplitude para concatenar os encontros e as autoras, fazendo valer a afirmação de Indira Zuhaira Richter e Andréia Machado Oliveira (2017) sobre a ato de cartografar: “busca-se pensar e sentir o processo, sendo o pesquisador o agente que se coloca como pesquisa juntamente com seu objeto” (OLIVEIRA E ZUHAIARA, 2017, p.29).

Desta feita, fazer parte do corpo de juradas da *Batalha de Mulheres do Slam Ilheense*, em 11 de março de 2018, juntamente com a poeta Daniela Galdino, a atriz Geisa Pena e a cantora Ize Duque, não se configura apenas como um dado histórico para mim, mas um encontro preparado pela força afrodiaspórica para a condução dessa cartografia. Certamente, a pesquisa já estava sendo concebida a partir e através da ancestralidade, visando efetivar a perspectiva africana como fonte de conhecimento e epistemologias.

Considerando o nível dos vínculos estabelecidos há de se considerar que esse encontro ocorreu como via estratégica para o que ainda viria a ser construído como força ancestral. Concebo-o dentro dos parâmetros da “afrocênica”, apontada por Tássio Ferreira Santana (2019, p. 32): “a afrocênica compreende a disponibilidade do corpo através de uma encruzilhada de quatro pés, quatro direções, quatro princípios, que apontam para caminhos diversos, mas que partem do mesmo lugar”.

Assim posto, quatro artistas de várias projeções, mas que naquele lugar, nossas energias se entrecruzavam e davam vazão a um dos valores civilizatórios afrobrasileiros, a circularidade. Nossas energias circulavam numa vibração que mesmo fluindo da vivência pessoal das quatro juradas, constituímos o que Ferreira (2019) reconhece como “encruza”, e a explica como “organização metodológica: congrega forças e dissemina, faz circular as informações, organiza, difunde e reordena a energia que retoma” (Idem).

Essa “encruza” foi o movimento simbólico que redimensionou os estudos. Estava diante de uma literatura para além do cânone literário. Na condição de “mulheres-julgadoras”, estávamos muito mais entusiasmadas com a sequência poética que se configurava diante de nós. Era sempre muito difícil pontuar. Escolher a “melhor”. Naquele momento, estávamos muito enriquecidas com a carga poética, a expressividade e a diversidade dos temas apresentados por cada uma, pois significava também um “meio de descobertas e valorização do sujeito em sua singularidade e ancestralidade” (ANDRADE, 2017, p. 16).

E o verbo se fez Karen! E se conjugou também em Maria Luisa Benevides, Tainah Ferreira, Beatriz Vitória, Joémile Souza, Camila de Oliveira Guimarães, e Stela Maria Gomes de Menezes. Todas que batalharam naquele dia eram a configuração da ruptura de silêncios,

visto que “o silêncio boicota movimentos que tentam recuperar memórias sufocadas” (AUGEL, 2017, p.2). A partir disso, noto que o movimento se concentrava no ato de descortinar as donas das vozes negras do Sul da Bahia.

Analiso que a literatura resultante das mãos negras na contemporaneidade, tem “voz dissidente e desencadeia um processo de transgressão dos padrões tradicionais, forçando um conjunto da sociedade brasileira a redefinir seu projeto identitário que deverá passar – necessariamente pela aceitação de uma identidade ‘impura’ e híbrida” (BERND, 2010, p. 309).

Nesse ponto, aproveito para incluir outras autoras identificadas nessa cartografia, mas que não estão inclusas como *corpas* de análise: além das integrantes do *Xota 073*, supracitadas, cartografei Emile PDF, Moa Vênus, Geisa Pena, Telma Sá, Larissa Pereira, Tacila Mendes, Ananda Radharanni, Brisa Aziz, Jade Lobo, Larissa Beatriz, Graci Sá, Cynthia Cy Barra e Geomara Moreno. Essas, entre outras, são vozes afrodiáspóricas, de mulheres inventivas e proativas, que se desdobram em múltiplas funções, se reinventam em verso e prosa, consubstanciando a negrura da palavra poética em nossa região.

A partir daqui, reservo espaço para falar sobre o coletivo *Xota 073*, que é uma das força-motrizes da poética e da poesia oral Sul Baiana, através da expressividade do *Slam*. A poesia em *Slam* ou *Poetry Slam*, como também é chamada, nos situa num movimento global. No Brasil, é amplamente difundido, principalmente entre os jovens. O movimento *Slam* é caracterizado como sociocultural e artístico. De acordo com Josi de Paula (2019):

O *slam* é uma competição de poesia falada criada nos Estados Unidos por Marc Smith, mais especificamente em Chicago nos anos 1980 e trazido ao Brasil em 2008 por Roberta Estrela D’Alva. Originário do inglês, o termo *slam* quer dizer batida. Algo semelhante a uma pancada. No entanto, resumir essa palavra a apenas um significado é uma tarefa difícil porque qualquer descrição que se faça nunca dará conta da amplitude que essa vertente da cultura urbana alcançou nem do impacto que ela tem na vida de inúmeras pessoas. (PAULA, 2019, p.1).

Nesse sentido, trata-se da representação da poesia oral ou, se analisarmos melhor, um manifesto literário revolucionário, cujo acontecimento marca as representatividades identitárias de grupos sociais, especificamente os vistos como minoritários em nossa sociedade. Além disso, ele é conduzido em eventos denominados de “batalha de versos”, que funciona como um campeonato de regras específicas, no qual os poetas (*slammers*) recitam poesias com temas variados, mas que estão diretamente interligados às suas realidades, principalmente no que tange às questões de gênero, raça, classe social e de silenciamentos

históricos. A disputa tende a encaminhar o/a vencedor/a para o *Campeonato Nacional Slam BR* e, posteriormente, para a disputa mundial dessa categoria. Segundo Igor Gomes Xavier (2019, p.1), “hoje, no estado de São Paulo, estima-se que há cerca de 50 *Slams*. O movimento se espalhou pelo Brasil e, na estimativa geral realizada em 2018, havia cerca de 150 comunidades de *Slam* no país todo, sendo que em praticamente todos os Estados há pelo menos um”.

No Rio de Janeiro, em 2019, aconteceu o *Slam Negritude*: batalha de poesia afrocentrada, visando “propiciar reflexões e impulsionar mudanças de comportamento. A proposta é unir falas, despertar consciências e ser uma ferramenta de combate ao racismo” (PAULA, 2019, p.3). Xavier (2019) explica que há uma organização coletiva em torno desse tipo de poesia e que gera o surgimento de *Slam* para públicos específicos, tais como: *Slam das Minas*, no qual somente mulheres são as “batalhadoras”, *Slam do Corpo*, cujos protagonistas são surdos, com interpretes, *Slam Marginália*, batalhas entre travestis, pessoas trans e gênero-dissidentes, além do *Slam des Surdes*, batalha entre pessoas surdas, sem a presença de intérprete.

Quanto ao movimento na Bahia, Elen Carvalho (2017), no site *Brasil de Fato*, explica que em Salvador a movimentação se iniciou na década de 1990, tendo o grande marco o *Sarau da Onça*, que, em 2014, disputou em São Paulo. Brenda Gomes, organizadora desse Sarau, em entrevista a essa mesma reportagem, informa que esse movimento não acontecia por aqui. Isso estimulou a primeira edição, oportunizando momentos de letramento político e cultural. Elen Carvalho ainda ensina que “essas disputas remontam aos *griots*, aos movimentos pelos direitos civis e afirmação negra norte-americana, às performances literárias contemporâneas e ao *hip-hop*” (CARVALHO, 2017). Outros dois saraus de importância na capital são o *Slam da Raça* e o *Slam das Minas-BA*. Este último, aconteceu pela primeira vez em março de 2017 (no bairro do Cabula) e foi idealizado por Dricca Silva, Fabiana Lima, Jaqueline Nascimento e Ludmila Laísa, cuja vencedora foi Amanda Rosa.

No Sul da Bahia, mas especificamente em Ilhéus, de acordo com as informações cedidas por Karen de Oliveira (MC, comunicóloga, performer, *slammer* poeta) e Stela Gomes (bióloga, produtora cultural e artista visual), esse movimento de batalhas e eventos de *rap* já existia elaborado por homens. Elas datam conhecimento a partir de 2017, mas anterior a esse ano já existiram outros grupos que se reuniam em torno do que era conhecido como “cultura de rua”, cujo espaço era democrático com microfone franqueado para discotecagem e rimas de improviso. Shailla Leal, foi uma das primeiras mulheres a se apresentar com regularidade e

a atuar na cena rap local. Representou a figura feminina nesse cenário cultural demarcadamente masculino.

Nos anos de 2013/2014, vários/as jovens se reuniam em frente ao Instituto Municipal e Ensino - IME (escola pública municipal), compondo assim o movimento daquele momento: *Sagacidade Urbana*, o qual, impulsionou uma série de MC's da atualidade. A partir desse movimento, surge Moa Vênus, outra mulher demarcando o território no *hip hop*. Karen Oliveira também se une a esse movimento. E com a frequência dos encontros, outras mulheres como Neia Dendê (Rudineia Santana) foram se achegando. Não foi fácil manter a estrutura feminina nesse processo, pois o machismo falava mais alto também entre os "manos". Por isso, as mulheres que ali se reuniam, tinham interesse não apenas em se comprometerem com processo do *hip hop* e da Batalha, mas estabelecer e fortalecer conexões entre mulheres que produziam arte na cidade, criando assim, uma rede de apoio que pudesse concomitantemente intervir na cena *hip hop* e criar condições para estabelecerem relação de sororidade, com colaboração e fortalecimento entre elas. O verdadeiro interesse dessas mulheres era gestar projetos, eventos que aliassem cultura e educação

Decidiram formar um grupo com o intuito de integrar as potências artísticas de mulheres. Criaram, em março de 2018, o coletivo *Xota 073*, que chegou a ter 16 integrantes ativas, revezando-se entre poetisas, MCs, produção técnica dos eventos artísticos e registros dos mesmos. O *Slam de Mulheres* era uma das ações realizadas pelo coletivo, não o único objetivo. Infelizmente, a baixa inscrição de concorrentes contribuiu para a dissolução das batalhas. O *Xota 073* seguiu ainda como *Movimento de Mulheres Sul Baianas*, atuantes em diferentes campos das artes. Os objetivos eram de ampliar a presença das narrativas femininas e a divulgação de trabalhos produzidos por elas na cena cultural da região. Reuniram artistas residentes de Itabuna e Ilhéus que atuavam no campo da poesia, música, arte visual, literatura, fotografia etc e, através do coletivo, começaram a realizar atividades como saraus e cinedebates, seguidos de apresentações livres (quem chegasse, podia se apresentar). Além disso, havia oficinas de arte- educação, apresentações musicais e poéticas, atividades em escolas e festivais, bem como ações em bairros de municípios como Ilhéus, Itabuna, Itajuípe, Itacaré e Jequié.

Todas essas atividades, juntamente com a união entre elas, davam o fôlego e a segurança necessária para que o grupo se fortalecesse e vencesse obstáculos. Uma das grandes realizações foi o Baile *#Brotaxota*, que rendeu boa repercussão nas redes sociais por ter reunido cantoras, MC's, dançarinas, performers. O baile ainda contou com a participação de Aika Cortez, MC do Rio de Janeiro.

Em 2018, Karen Oliveira, Tainah Ferreira, Joémile Souza e Shaila, compuseram uma ramificação dentro do *Xota 073* com a criação do grupo *TMJ*. As quatro tinham muita inventividade e pretensão de seguir no processo artístico-literário. No entanto, nem sempre o *Xota 073* correspondia às suas expectativas. Infelizmente, as produções foram se reduzindo, devido os afazeres e realidades de cada uma, o que inclui mudança de cidade. Tentaram ainda implementar um calendário de atividades de arte e educação em parceria com uma escola pública municipal, mas, infelizmente, não avançaram. Com o tempo perceberam que esse ciclo havia se consumado e a vida de cada uma seguiu novas direções, sem deixar, é claro de continuarem somando no campo artístico-cultural e musical, mesmo com o encerramento do Coletivo.

O traço do processo cartográfico da pesquisa deu direção a encontros como o da Batalha de mulheres: revelador de produção de narrativas afrodiáspóricas e que subvertem a estrutura canônica literária. Em sua essência, reproduzem um fazer literário que é muito intenso, principalmente no que tange às questões de racismo e sexismo. São textos com fortes traços de militância negra, que nos possibilitam refletir que “coube à militância e à produção dos feminismos alavancar aquela que se constitui a principal mutação no pensamento social e político ocidental, a desconstrução do falocentrismo” (CAMPOS, 2010, p. 257).

Essa força ideológica eclodida pelo feminismo negro tem fortalecido o movimento, o qual a contemporaneidade vem chamando de quilombamento, que se trata justamente dessa organização de coletivos, que fazem pressão na luta perene contra as desigualdades, as injustiças, pelo direito à cidadania e principalmente contra o racismo. Nesse sentido, “surge o quilombismo poético das mulheres” (GONÇALVES, 2010, p. 266). Elas têm demarcado o território das narrativas com propriedade, superando a bolha que permeia a criação literária, a tentativa de retenção na margem do cânone, ainda que configuradas como a contraindicação poética.

Essas mulheres negras têm mantido a linha de frente nessa batalha de (re)existência, utilizando a palavra poética como disparos nesse combate que também envolve a episteme. Elas tomam consciência de que “o consorcio entre palavra e ação desponta numa resistência ‘quilombola’.” (Ibidem, p.267) e para nos tirar do selo da marginalidade projetado pelo processo civilizatório eurocêntrico, a luta da mulher negra faz uma grande diferença. De acordo com Evaristo (2010), o corpo negro será alforriado pela palavra poética. Portanto, isto significa que na Afro -literatura o/a negro/a é protagonista do próprio discurso.

Pessoas negras são violentadas ao se inscrever em territórios colonizados. No entanto, as vozes negras têm se mobilizado e movimentado o Sul da Bahia para que esses corpos-

vozes se estabeleçam em forma de quilombamento. Além disso, a diáspora negra no sul da Bahia se posiciona mediante as responsabilidades com o compromisso epistêmico. Vão afetando a cena e também sendo afetadas através de suas performances estético-políticas. São justamente esses posicionamentos que coadunam nossas escritas. As “corpas” da pesquisa me afetam e me potencializam, pois me mostram que somos seres de linguagens e precisamos expressá-las. O ato da busca por autoras negras apontou para o encontro com a escritora que sou. Vi minhas subjetividades amalgamadas às delas e entendi que assim como eu fui atravessada pela poética de Conceição Evaristo e Mirian Alves lendo cadernos negros da Quilombhoje, junto com as mulheres cartografadas, certamente podemos fortalecer o ciclo de nossas produtividades e potencializar nossa literatura, garantindo nossa representação nos espaços discursivos. Se estamos imbuídas de poéticas libertárias que projetam memórias, nos reconectam à ancestralidade, podemos oportunizar novos olhares, novas projeções que nos afirmem e provem que: “a literatura negra não é feita só de banzo (...) o corpo esteve escravo, mas houve e sempre há a esperança de quilombo” (Evaristo, 2010, p.139). Desse modo, percebo que as nossas escritas têm referências da ancestralidade africana. Estamos nos encorajando a inscrever nossas subjetividades, saindo desse lugar de subalternidade que tentaram nos colocar por tanto tempo. Provando, dessa forma, a nossa capacidade de ocupar todos os espaços, com foco nos lugares de construções epistemológicas.

Antes do conhecimento da Batalha de Mulheres havia uma incerteza muito grande acerca do destino da cartografia, pois uma incógnita me perseguia: onde é possível encontrar autoras negras no eixo Ilhéus-Itabuna? Ainda que minha licenciatura esteja referendada em Letras, tal questionamento me remete a uma tarefa um tanto quanto complexa de se responder. Hoje percebo o quanto a Universidade funcionou como instrumento de dominação. Toda a graduação fora arraigada autoras/es brasileiras/os e estrangeiras/os, em sua totalidade brancas/os.

Atualmente, por conta de outras vivências e de alguns estudos acerca da educação antirracista e decolonial, ousou questionar: a ausência de representatividade negra no espaço acadêmico pode ser justificada por uma suposta “incapacidade produtiva” desse povo? Trazemos a hipótese de que certamente essa lacuna é a mais pura incidência do “racismo epistêmico” (GROSFOGUEL, 2007), que vai legitimar o discurso que busca normalizar a capacidade de construção de conhecimento, partindo apenas de uma perspectiva eurocêntrica. O mais problemático é que nas vivências, como universitária, nem como pano de fundo a literatura não canônica era revelada. Da nossa parte, na condição de estudantes, não ousávamos questionar as ausências ou sugerir a sua inserção. Estávamos todes normatizadas,

repetindo e validando o racismo epistêmico, omitindo-nos de exigir que um curso de Letras, em uma universidade pública, situada em uma região fortemente impactada pelos efeitos da desigualdade social e totalmente recortada pela presença de afrodescendentes, nos potencializasse com discussões acerca de uma literatura que nos conduzisse a um “domínio epistemológico mais fundamentado a respeito do/a negro/a na literatura e a literatura negra.” (Souza 2009: 15). Nessa reflexão, percebemos a natureza violenta desse tipo de racismo e do prejuízo que tem causado as epistemologias dos povos indígenas e negros

Sempre que informava às pessoas sobre a pesquisa, havia uma exclamativa: “interessante!”, na sequência vinha a pergunta: “Tem muitas autoras?”. O susto das pessoas me fazia refletir sobre o fato de a busca, talvez, se tratar de uma procura abismal. O fato é que, esse questionamento, na verdade, está vinculado ao senso comum de agregar a validação de autoria à editoração e à imposição sistêmica da ausência de negras/os nesse processo.

Ainda refletindo sobre a faculdade de Letras e o ensino de Literatura, há uma assertiva: Nos idos de 1994, toda minha trajetória acadêmica aconteceu sem um direcionamento/desdobramento para apreciação de uma literatura não canônica, que evidenciasse o fazer literário dos povos afrodiáspóricos, por exemplo.

Nessa reflexão, saliento que falo de Literatura Afro-Feminina, pois estamos a puxar um fio invisível e tônico (EVARISTO, 1996), com o de vigiarmos as nossas histórias e dar continuidade a um fluxo de nossas (re)existências. Esse fio histórico, no fazer literário, vai contribuir para o alicerçar de uma episteme instrumentada na voz de mulheres negras Sul Baianas (e não apenas), bem como “ressarcir vozes secularmente inaudíveis” (AKOTIRENE, 2018, p.23). Além disso, percebo que nos percursos da inserção da Afro- literatura, não foi fácil para as mulheres negras adentrarem esse espaço e “é impossível não reconhecer o caráter gendrado – isto é, marcado por uma especificidade de gênero – [...] que confere a ela uma tonalidade especificamente patriarcal” (DUARTE, 2010, p.82).

É observando desta perspectiva, que percebo que precisamos considerar o fato de termos acesso a uma vasta literatura produzida por mulheres negras residentes em Ilhéus e Itabuna. Mulheres que desempenham com determinação, talento e alta disciplina produtiva a tarefa de circunscrever, na história, a literatura contemporânea difundida nessa região. O não-lugar reservado às mulheres negras na literatura não condiz com a coragem, investimento de tempo e aproveitamento das oportunidades que autoras sul baianas apostam tanto em si mesmas, quanto em suas coletividades, utilizando-se dos mais diversificados recursos e estratégias para se firmarem no espaço literário. São nomes que, pela alta representatividade, conquistam públicos que consomem e se sensibilizam com uma produção literária ativista,

antirracista e libertária e que se expõem a partir de suas narrativas, reconectando histórias e memórias representadas na coletividade dos povos afrodiáspóricos que estão ressignificados em suas subjetividades de mulheres negras. Tais reflexões, “ainda que distante de qualquer conclusão, ressalta a necessidade permanentemente se revisitar e desconstruir a narrativa de nossa história literária” (Idem, p.84).

A cartografia aproximou-me de uma multiplicidade de subjetividades na trajetória organizacional de autoras negras da contemporaneidade em Ilhéus e Itabuna, principalmente no período em que compreende aos anos 2018 e 2019. Diante da vasta representatividade dessas mulheres, foi necessário fazer um recorte para um melhor desdobramento da análise. Para estabelecer o diálogo entre suas poéticas e os espaços eleitos para a representação de suas escritas, precisei fazer uma seleção entre elas, que se deu baseada em alguns gêneros literários, a disposição de materiais autorais presentes nas redes sociais, bem como na aparição em eventos literários. Essas escolhas me provocaram por demais, pois se estabeleceu a partir da cumplicidade que foi conferindo sentido ao nosso compromisso com a escrita negra, a partir da nossa representatividade na Literatura Afro-feminina na região. Todas elas, inclusive esta pesquisadora que vos fala, reinventam novos espaços e novas estratégias para se fazerem ouvidas. Nesse sentido, é possível afirmar que essas autoras se utilizam de ferramentas da contemporaneidade para instaurarem e validarem as suas linguagens.

Em diversos eventos acadêmicos tive oportunidades de falar sobre essas mulheres. Embora a temática fosse a escrita delas, tornava-se uma característica muito particular que o corpo que falava também performava, tornando-se então outro dispositivo para a representação do eco pulsante dessas mulheres intensas e vibrantes. A minha atuação com voz e corpo de mulher negra traz a presença de outras tantas mulheres negras ressignificadas a partir da palavra-voz que descortina ancestralidades peculiares na escrita das autoras. Assim, como Glória Anzaldúa “busco imagens novas de identidade, novas crenças sobre nós mesmas/os, com nossa humanidade e valor não mais sendo questionados” (2005, p. 715).

Nesse fluxo, a partir de agora apresento nominalmente a composição das “corpas” em estudo. O trabalho seletivo pretende desde já oportunizar além de um breve histórico das trajetórias das escritoras (pois suas histórias justificam suas narrativas), traçar o diálogo entre suas poéticas e os posicionamentos frente às temáticas que evidenciam suas memórias ancestrais, periféricas, feministas e negras. Desta forma, ressalto na tessitura destas mulheres negras as seguintes marcas: ancestralidade, coletividade, rupturas e memória na composição de subjetividades.

Neste momento, este Memorial se torna um dispositivo que traz à cena literária como uma amostra significativa de mulheres negras e suas poéticas para representação da literatura contemporânea em nossa região. Trago aqui o conceito de representação à luz de Roger Chartier, no que se refere às relações estabelecidas pelos indivíduos ou grupos na sociedade, quando “uns ‘representantes’ (indivíduos singulares ou instâncias coletivas) encarnam de maneira visível, ‘presentificam’ a coerência de uma comunidade, a força de uma identidade ou a permanência de um poder” (2011, p. 20). Desta forma, início com ela que se auto denomina *Má Reputação*. Certamente, para marcar a irreverência de mulher desimpedida, sem “papas na língua”, despreocupada com julgamentos moralistas ou com “olhares atravessados”, apontando-a como “desabusada”. Ela traz em si a capacidade de se transformar o tempo todo. Criando e (re)criando espaços, marcando territórios e fazendo da palavra o seu escudo no combate ao machismo e todas as injustiças que atingem o povo preto.

Karen Oliveira é natural de Itabuna-Ba e foi nossa estrela primeira, a luz que nos ajudou a atravessar o túnel da busca por escritoras negras. Por apresentar o perfil pretendido, ela passou a ser uma possibilidade de “corpas” para análise, mas no processo dos encontros, contribui fortemente para uma nova dimensão da pesquisa justamente por nos apresentar uma multiplicidade de vozes que nos fizeram perceber a escrita negra na região, cujas autoras revelam trajetórias de narrativas plurais, a transitarem por espaços diversos (Feiras Literárias, Saraus, teatro, praças públicas, dentro de ônibus coletivo, nas competições de *Slam* e onde decidirem), demarcando um movimento de resistência, aproximando a linguagem literária do povo preto, tensionando assim, as estruturas da realidade imposta nas vias literárias, reestabelecendo a representação da mulher negra na sociedade e reivindicando uma identidade negada historicamente.

Foi essa filha de Oxum quem abriu os caminhos para o desenvolvimento dessa cartografia. Graduada em Comunicação Social pela UESC e MC, ela faz parte de movimentos voltados para a cultura *hip hop* nas periferias de Ilhéus e Salvador, é bissexual, mãe sola. Como produtora cultural atuou nos eventos: *Sonora* – Festival Internacional de Compositoras do Litoral Sul da Bahia, *Batalha das Bruxas*, a única batalha de rima voltada para à população feminina na capital baiana, *Baile #Brotaxota* e *Quem tem medo das mina no rap?* Sua voz doce e firme diz em tom incisivo aquilo que os ouvidos bloqueados pelo comodismo e preconceito insistem em ignorar. Sua expressão poética vai além da palavra escrita, pois cria espaços para atuação de suas narrativas e seu corpo é também um dispositivo de expressão de narrativas. Suas performances são a tônica de uma poética que se firma no

que chamamos “corpo-voz”, cuja potência narrativa em composição com o corpo físico, intensifica o poder da produção literária.

Má Reputação é um corpo em movimento, uma mulher em trânsito e vem ocupando as ruas, os palcos de diversas cidades, assim como os meios de comunicação para divulgação do seu trabalho há pelo menos quatro anos. A artista participa das faixas *Mulheres sem medo*, *As Brabas*, *Rata Nata*, *Garotas no poder* e *Impostor* (disponíveis no *Youtube*). Ela Não possui publicação editorial, mas articula suas criações artístico-literárias através das redes sociais, onde administra as páginas *Má Reputação* e *Karen Oliveira* no *Facebook*, @KarenOliveira, no *Instagram*, e Video Poesia “Abre Caminho”. É também uma das integrantes do Selo *Nsabas* (@_nsabas) e foi homenageada pelo 6º Troféu Mãe Ilza Mukalê, devido à relevância do seu trabalho na região.

Foto 3 – Karen Oliveira



Fonte: <https://www.facebook.com/lendomulheresnegras/photos/a.1134506139939588/2856231827767002/>.

Foto 4 – Card da Live Abre Caminho



Fonte: <https://www.facebook.com/photo?fbid=3016728468409624&set=p.3016728468409624>

Foto 5 – Card Julho das Pretas



Fonte: <https://www.facebook.com/mareputacao/photos/a.1896515784004293/2427021290953737/>

Foto 6 – Agenda de Eventos Karen Oliveira



Setembro

11.09
"Periferia em Quadros"
 Bate-papo e pocket Show
 19H - TEATRO MUNICIPAL DE
 ILHÉUS

14 e 15.09
"Batalha de Cria"
 Oficina de rima e show
 WENGESLAU GUIMARÃES -BA

21.09
"Moa Vênus Convida"
 HOSTEL ALMÁFRICA

Fonte: <https://www.facebook.com/mareputacao/photos/a.1896515784004293/2469631326692733/>

Foto 7 – Card Divulgação de Videoclipe



GAROTAS NO PODER!
 BRUNA MC FEAT. MÁ REPUTAÇÃO & TULIPA NEGRA

13/01
2020
16H

CANAL:
BRUNA MC OFICIAL

Fonte: <https://www.facebook.com/mareputacao/photos/a.1896515784004293/2589395248049673/>

Eloah Monteiro é mulher eclética, nutrida pela arte e porta-voz das mulheres negras nos movimentos culturais que se engaja. Ela canta, ela dança, ela samba. Faz do palco seu palanque para protestos e encantos sonoros. Multiartista e natural de Ilhéus-BA, ela é “luar de luanda em meu coração” (Roberto Mendes, Capinan). Decidiu aprender a tocar violão para garantir a sua independência musical e, a partir daí, ganhou literalmente o mundo, participando inclusive de atividades culturais na Argentina. Cantora, compositora, atriz, jornalista, escritora e na vida sempre faz tudo o que tem vontade. Participou da publicação de um livro no ano de 2011, *Povo de Santo: umbandistas de Viçosa*. Administra as páginas *Eloah Monteiro*, no *Facebook*, @eloahmonteiro, no *Instagram* e Eloah Monteiro, no *Youtube*, uma tarefa cumprida com esmero. Ela atua para além das palavras e também possui um “corpo-voz” em movimento, manifestando as africanidades que nos atravessam. Eloah entra como “corpas” dessa pesquisa por utilizar suas composições autorais como instrumentos potencializadores para a instauração dos discursos de gênero, raça, classe e sexualidade. Também foi homenageada pelo 4º Troféu Mãe Ilza Mukalê, pela relevância e representatividade sociocultural do trabalho que sempre desenvolveu na região.

Foto 8 – Eloah Monteiro



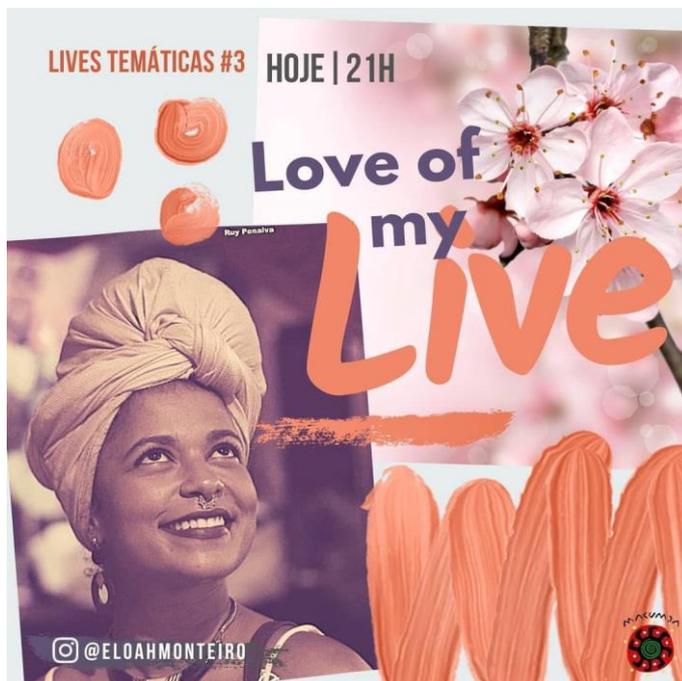
Fonte: https://www.instagram.com/p/CEu8d7Qhwuw/?utm_source=ig_

Foto 9 – Eloah cantando



Fonte: <https://www.instagram.com/eloahmonteiro/?hl=pt-br>; by Ruy Penalva

Foto 10 – Card Live Temática



Fonte: <https://www.instagram.com/eloahmonteiro/?hl=pt-br>

Foto 11 – Card Primeira Live Temática



Fonte: <https://www.instagram.com/eloahmonteiro/?hl=pt-br>

Foto 12– Card Festival Percussivo de Mulheres



Fonte: <https://www.instagram.com/eloahmonteiro/?hl=pt-br>

Kali Oliveira é mulher de brilho raro e consciente de sua importância na luta contra o preconceito, a discriminação, o racismo, o machismo e todos os tipos de discriminação. Por isso, sempre utilizou suas aulas de História para fortalecer a identidade de estudantes negros/as. Essa filha de Maria Sonia Oliveira Lima e Vitor Martins da Hora, natural de Itabuna-BA, se mudou bem cedo para a cidade de Coaraci-BA. Graduada em História pela Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC e Mestra em História Regional e Local pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, é um ser humano forte, mas também é dona de uma suavidade que se faz presente mesmo nos momentos de combate. A decisão do nome dela como “corpas” da pesquisa foi, também, uma condução feliz da cartografia, pois inicialmente a pretensão era pesquisar poetas e ela, até aquela data, só registrava suas inspirações em prosa. Porém, ter acesso aos escritos de Kali mudou a projeção da pesquisa, pois entendemos a necessidade dessa voz em nossos registros, pois suas narrativas apresentam potentes disparos sobre questões sociais, raciais e de gênero. Seus contos e memórias versam sobre histórias atuais que atingem o povo negro e traz sempre além da crítica devida, um olhar positivo para a representação de perspectivas sociais de reconstrução das identidades negras, principalmente no tocante à criança, a quem costuma ter uma maior inclinação, enfatizando o fortalecimento e afirmação do ser negro/a.

Contudo, o mais fascinante é que, no início da pesquisa ela era apenas mais uma das escritoras que registram os escritos no caderninho e guardam. Aos poucos foi compartilhando coisas e, hoje, além de ser administradora da página do *Instagram* @contapretaconta e *Kali Oliveira* no *Facebook*, tornou-se uma das escritoras mais publicadas nos últimos dois anos, devido às suas participações em concursos literários, como o mais recente, agora em 2020, na reescrita do livro *Quarto de Despejo: o diário de uma favelada*, em parceria com a FLUP do RJ, que esse ano teve como tema *60 anos de Quarto de Despejo: uma revolução chamada Carolina*. Kali foi mais uma desses encontros cartográficos felizes que nos renderam, além da pesquisa, um amor enorme por essa escritora, que agora é também companheira de caminhada na luta ativista do feminismo negro e pela fomentação de mais escritoras negras publicadas. Foi fantástico e engrandecedor assistir sua escrita ganhar amplitude e reconhecimento nacional. Diferente das outras “corpas”, Kali Oliveira, não costuma se expor corporalmente no uso da palavra literária. Ela não faz uso do “corpo-voz”, mas traz um conjunto de vozes dentro de um corpo negro que ecoa as inquietudes, solidões, desejos, saberes, memórias, emancipação e tudo o que envolve as vivências de mulher negra em suas narrativas. Atualmente, publicou *Negras crônicas: escurecendo os fatos* (2019), *(Re)existência* (2020) e *Solar no azul do mar* (2019), uma produção independente, de

editoração artesanal. Em breve será publicada também no livro de contos *Mulheres: letras pretas* da editora *Literese*.

Foto 13 – Kali Oliveira



Fonte: cedida pela autora Kali Oliveira.

Foto 14 – Card Roda de Conversa

RODA DE CONVERSA
28.07 | Terça-feira | 16h30

**Libertárias:
ESCRREVENDO A NOSSA PRÓPRIA HISTÓRIA**

DANIELA GALDINO
Poeta, performer, produtora cultural e docente da UNEB.

KALI OLIVEIRA
Escritora, educadora e CEO - Conta Preta Conta.

MÁ REPUTAÇÃO
MC, produtora e restaurateur.

BRISA AZIZ
Cantora, poeta, educadora e podcaster. Pra NÃO Pirar.

COMADRE DINDIN

Fonte: cedida pela autora Kali Oliveira

Foto 15 – Formação de professores em Ilhéus (nov/2019)



Fonte: cedida pela autora Kali Oliveira.

Foto 16 – Card Oficina ministrada por Kali Oliveira



Fonte: cedida pela autora Kali Oliveira;

Tereza Sá. Ilheense, atriz e professora. Me reconheço como mulher negra desde muito cedo: a rua sempre me gritou isso. Aprendi cedo que a cor da pele e o fenótipo me exigiriam força e resistência. Faço da arte um estandarte para expressar a força da mulher negra. Como professora, sinto-me também como uma ferramenta no combate às injustiças sociais e discriminações, a partir da criação de projetos e ensino de literatura afrocentrada. Sempre dedico grande parte do meu tempo à militância, seja em sala de aula ou no palco, pois sei que represento uma voz a mais na luta contra o racismo e sexismo. Como escritora, não publicava meus escritos. Costumava guardá-los. No passado, arrisquei algumas poucas publicações em um Jornal da cidade de Ilhéus e participei do concurso de poesia da *Revista Brasília*, que me rendeu o prêmio da categoria “destaque” e a publicação coletiva no livro *Valores Literários do Brasil*, Volume XV (1992). Entro como “corpas” da pesquisa por ser uma voz negra que se manteve em silêncio. Autocartografar-me representa um posicionamento insurgente, aliás como todo processo de construção desse Memorial. Visibilizar vozes silenciadas, eis o propósito. Somar minha voz à de outras escritoras negras não se trata de condescendência, mas representa uma forma de minimizar os estigmas impostos não à pesquisadora, mas a um coletivo de vozes que se fizeram ausentes e impedidas por uma estrutura perversa e secular. De acordo com Evaristo (2020, p.136) “quando falamos de sujeito na literatura negra, não estamos falando de um sujeito particular, de um sujeito construído segundo a visão romântico-burguesa, mas de um sujeito que está abraçado ao coletivo”. Note-se que há um hiato entre minhas publicações. Depois de 1992, só volto a publicar novamente em *Profundanças* 3⁵, coletânea literária e fotográfica de produção independente, que se predispõe justamente a combater a invisibilidade na literatura e na editoração. Ao ser convidada a participar como uma das 22 poetisas (a maioria delas sem publicação), respondi da seguinte maneira:

Pra que ocultar-me tanto?
 É chegada a hora de desnudar-me
 Encarara-me de frente
 Com os olhos do que não se quer ver
 Esse desafio- convite
 A transbordar os meus profundos
 Me atravessa em angústias e delicias

⁵ Disponível em: <https://vooaudiovisual.com.br/profundancas3>

Medos e vontades.
Renuncio a lucidez de todo o sempre
Renuncio as incertezas
Consumidas em silenciamento
E tudo o que me amputa o criar
Assumo esse estado de poesia.
Sou refém da palavra
Eu não mando mais em mim
Essa é a minha hora
Uma poeta acaba de nascer
(Resposta à Daniela, Tereza Sá)

Profundanças 3 me permitiu tomar posse de minha história, pois exige de mim atitude como escritora, não apenas por constar na publicação, mas por efetivar atividades a partir do livro (roda de conversa, depoimento, produção de vide-poema etc) que expõe a minha identidade de poeta e me ressignifica nesse lugar. Ao dizer sim à organizadora e também poeta Daniela Galdino, o disse também a mim mesma, aceitando a poesia que sempre me atravessou, mas que a mantive amortecida por medos e insegurança; o disse também à toda uma coletividade de mulheres negras, pois a partir de minhas subjetividades apresento novos discursos à literatura, e possibilito a abertura de caminho para minhas iguais que constatarão ser possível abarcar todos os espaços, principalmente o cognitivo. Nesse sentido, podemos romper o padrão global que administra opressões contra toda mulher (AKOTIRENE, 2018). Também fui homenageada com o 2º Troféu Mãe Ilza Mukalê, por desenvolver atividades relevantes na região.

Foto 17 – Tereza Sá



Fonte: acervo pessoal; by Graci Sá.

Foto 18 – Card Curta Metragem - Negra



Fonte:

<https://www.facebook.com/553715191323855/photos/a.553719144656793/1044414548920581/?type=3&theater>

Foto 19 – Outdoor em ônibus- Ilhéus/BA



Fonte: <https://www.facebook.com/composiasafrobrasileiraphotosa.795399070580339802277803225799>

Foto 20 – Card Apresentação teatral



Fonte: acervo pessoal.

Foto 21 – Apresentação no IV Congresso Internacional de Culturas Memórias e Sensibilidade (nov/2018)



Fonte: acervo pessoal.

Nesta perspectiva, percebo o quanto essas mulheres cartografadas têm uma relação muito estreita com a arte e a palavra. Todas, exceto Tereza Sá, se utilizam das redes sociais como guarda-chuva para a inserção das literaturas que produzem. As plataformas audiovisuais, principalmente *Youtube*, *Facebook* e *Instagram* são ferramentas da contemporaneidade muito bem exploradas para a expressão de suas subjetividades, inclusive, mesmo em face ao isolamento social, elas intensificaram as atividades artístico-literárias. Eloah Monteiro, além das lives, idealizou o curso livre On-line *Cante!*, no qual vem se destacando não apenas como professora, mas como uma cantora que amplia seus requintes sonoros. Kali Oliveira, se empenhou em ministrar *Oficinas para Mulheres com a Escrita*, além de divulgar livros de autoras negras no @contapreta, conta. Karen Oliveira ampliou totalmente suas atividades no ciber espaço e, além das habituais lives, concorreu a batalhas de *Slam* e contribuiu com participação em diversos eventos artísticos on-line e da produção do *Slam Pandemia Poética*.

É importante compreender que aproveitaram o período de isolamento como estratégia não apenas para exposições literárias e artísticas, mas como empreendimento econômico, com

o intuito de garantirem suas estruturas financeiras. Essas atividades ampliaram o público seguidor de suas páginas e reforçaram a credibilidade em seus talentos. Importante registrar que essas três autoras por conta da condição de atuarem de forma independente são obrigadas a serem versáteis e desempenham o papel de empreendedoras, pois desenvolvem diversas habilidades para sustentarem seus projetos e se manterem como escritoras e artistas. Dessa forma, se tornam produtoras, editoras, divulgadoras, ilustradoras... todas essas atitudes têm contribuído para potencializar as suas vozes, mas também as de outras mulheres negras.

As questões de gênero e raça ainda são grandes condutoras para as suas criações e representações. E as redes sociais têm se configurado enquanto espaços de reinvenções, nos quais elas se estabelecem como autoras e artistas, mostrando a força de ancestralidade que move as suas narrativas. *Rap*, teatro, contos, memórias, poesias, fanzines e músicas são os disparos que utilizam, criando uma zona de fronteira para suas inspirações. São mulheres de lutas em suas atividades.

A cidade de Ilhéus têm sido o grande ponto de convergência para a aglutinação dessas subjetividades. Por conta disso, trazemos duas ilheenses e duas itabunenses nessa cartografia, e ainda que o recorte de pesquisa seja entre as cidades de Ilhéus e Itabuna, percebemos que a cidade de Ilhéus funcionava como um grande ponto de convergência para o estabelecimento dessas “corpas”, devido ao grande número de atividades ocorridas entre 2018 e 2019. Posso citar a *Flios – Feira Literária de Ilhéus*, a *Semana Mãe Ilza Mukalê* e a *Tenda do Teatro Popular de Ilhéus* (TPI). A cidade é artisticamente ativa e possui uma diversidade de eventos culturais, dentre outros eventos artístico-literários, que a mobilizam, contando quase sempre com a presença de boa parte das autoras aqui citadas. Verdadeiramente, essas mulheres proporcionam um movimento político-cultural na cidade e esse movimento acaba se fortalecendo no eixo Ilhéus-Itabuna.

A partir da biografia das escritoras, nota-se o quanto essa pesquisa desestrutura o cânone literário a partir do momento que se dispõe a trazer para a cena e legitimar representações secularmente ausentes nos processos literários. Acreditamos na necessidade de racialização também na literatura e percebemos que a produção escrita por mãos negras reverbera a prece de Fanon (2008): Oh! Corpo, faça de mim um ser que questiona. A Literatura de mulheres tem ação decolonial pelo caráter estético-político ao se posicionar criticamente frente às questões de raça, classe e gênero.

É certo que não se pretende aqui, dar conta da inserção de todo o processo histórico dos povos afrodiáspóricos, em especial, as mulheres negras na Literatura Brasileira. Seria necessário um estudo mais aprofundado acerca disso. No entanto, é notável o quanto as

explanções aqui postas têm contribuído como base e orientação para o que chamamos de Literatura Afro-feminina.

Desta forma, apresentamos como produto final uma publicação virtual de uma Coletânea poética com o título: *Ecos Ancestrais na voz de...* (cada livro trará o nome da autora referente). Com textos autorais das quatro escritoras aqui apresentadas, a fim de oferecer mais um dispositivo cujas poéticas contribuem para uma educação antirracista e antissexista. Também, como forma de potencializar nossas vozes, sem a necessidade de justificar se o que estamos produzindo se encaixa ou não nos ditames da literatura denominada oficial.

Essas narrativas dissidentes que fazem parte da coletânea, são parte de um montante de produções escritas por mulheres negras que estão ausentes do cânone literário, distantes do processo de editoração. A *web* tem sido o lugar estratégico para intervenções estéticas que possibilitam o ecoar dessas vozes e dão condição para a condução de novas epistemologias. Essa rede, tecida através da internet, tem nos proporcionado o encontro com referências corporais, estéticas e poéticas com fortes marcas de ancestralidades, promovida a partir de subjetividades de mulheres negras. Esse movimento nos faz entender que essa prática de se diversificar através das plataformas audiovisuais são iniciativas que funcionam como práticas pedagógicas de decolonização epistemológica e, de acordo com o pensamento de Catherine Walsh, são

las pláticas que abren caminos y condiciones radicalmente “otro” de pensamiento, re-e in-surgimiento, levantamiento y edificación, prácticas entendidas pedagógicamente – practicas como pedagogías – que a la vez, hacen cuestionar y desafiar la razón única de la modernidad occidental y el poder colonial aún presente, desenganchándose de ella. (WALSH, 2013, p.28).

Com essas práticas, essas mulheres exercem novas experiências, novas iniciativas, se inserem no cenário literário, representam suas criações. Abrem caminhos para a possibilidade de práticas que se tornam pedagógicas ao permitirem o saber, o conhecer e o existir de outro modo (WALSH, 2013). São mulheres que compõem o cenário de cidades históricas, marcada pelo coronelismo e que se impõem para salvaguardar as memórias coletivas de mulheres negras ancestrais. Nota-se o movimento que funciona como uma espécie de coalizão para fortalecer as iniciativas e garantir a ascensão das mulheres negras na sociedade. Uma articulação que se faz crescente e constante, bem como nos revelam o posicionamento dessas mulheres negras em vários aspectos sócio-político-filosófico, tais como o compromisso epistêmico de garantir o conhecimento com o rizoma do “ser negra/o”.

CONVERSACÕES 2: RETALHOS DA PELE EM ECOS DE MEMÓRIAS ANCESTRAIS

*Ser negra é saber que pra ser feliz
É preciso virar a mesa
E ser sua própria correnteza*

Lari Sá

A Literatura Afro Feminina do Sul da Bahia é gerada totalmente fora do espaço de formalidade canônica, dentro das comunidades, na periferia, onde habita a “negrura feminina”. Notamos uma voz–narrativa que revela uma identidade que infringe totalmente os paradigmas estabelecidos pelo patriarcado para as mulheres. Uma identidade como nos aponta Lélia Gonzales (2019: 224) “a ser construída, reconstruída, desconstruída, num processo dialético realmente muito rico”. Estamos diante de um feminino que tem consciência do seu estar no mundo e sua importância no processo de construção/ reconstrução da garantia de serem sujeitos dos próprios discursos, ainda de acordo com Gonzales (2019). E assim, essas autoras, conscientes de suas realidades, trazem em suas vozes-narrativas marcas de particularidades que o feminino negro carrega em diversos contextos sociais, como podemos notar em Eloah Monteiro:

Daninha do largo

Sou preta, mãe-solteira nordestina
E ainda trago no lombo a dura sina de olhos atentos
Supondo o que se passa na minha vagina

Julgada, questionada desde menina
Sobre as vestes, a fala, a melanina
Caminho torta
Um pedaço fica em cada esquina[...]

No texto *Abre Caminho*, Má Reputação:

Visto o que é meu e conforta o corpo e alma Peito na rua pra amamentar,
pernas abertas para parir Criar Com eles, sem eles, COM UMA ALDEIA Eu
grito! Meu horizonte é o infinito E o s"eu Falo" não temo Falo eu, falo tudo
e falo mais O silêncio que é regra, eu quebro E me nutro em minhas
ancestrais Bruxaria, ousadia Meu sexo Rebolam, mexer, chupar e ser CHU
PA DA Nela, nele, em mim Negra Que fode e que Ama Porque amar não é
regra É consenso, é bom senso Sem silêncio, nem castigo Sou isso..

MULHER Que é todas que quiser e para todas exige respeito Se preciso na marra e no peito Má Reputação!

Não mexe comigo, de Tereza Sá:

[...]Como toda preta, me enquadraram com as putas.
Mas eu nunca fiz questão de andar.
Minha loucura é tanta
Que já perdi a conta
Das pétalas que atirei.
Se me mandar calar a boca,
Vai ter do que se arrepender
Porque eu não sou de brincadeira!

E em *Encontros*, de Kali Oliveira:

[...]Você já sofreu preconceito por causa do seu cabelo?
_ Sim. Quando eu era criança e adolescente houve quem ridicularizasse meu cabelo. Hoje, eu ainda percebo alguns risos e olhares racistas.
_ Como? Onde?
_ Na rua. Nas cerimônias de formatura. Nas entrevistas para trabalho.
_ Mas gosto de sentir meus crespos! É como se cada vez que eu tocasse meu cabelo da raiz à ponta, eu pudesse sentir um pouco a textura do cabelo da minha mãe, da minha avó e da minha bisa [...]

Enquanto todo processo de negação tentou nos tirar de cena, aprendemos a resistir como forma de fortalecimento e lutar pela descolonização do sistema que tanto massacrou o povo negro. E essa luta segue pela (re)existência e por representatividade. Essas autoras compõem versos, canções e contos que, na contramão da história ocidental, trazem a vertente negra como mote, ecoando as tantas vozes-mulheres interrompidas ao longo dos tempos:

Na infância foi aconselhada a casar com um homem branco para que seus filhos nascessem claros. Cresceu. Casou com as letras. Amou homens e mulheres. Pariu palavras. Enegreceu!
(CÉLI, Kali Oliveira, 2019)

Beija-me as cores (Eloah Monteiro)

[...]Por favor não quebre o meu tamborim
Não tô a fim de amarrar meu black
Então melhore essa prosa chifrim
Eu sou mulher demais pra pegar um moleque
Areia de mais pro seu caminhãozinho (segura o breque)

Se não pode com a preta não te mete[...]

TU IM (Má Reputação)

Era o apelido
Pra criticar a coroa
De rainha
Que eu carregava
Mas nem sabia[...]
[...]Imagina!
Seus dedos passando e
Sentindo a força
Dessa moça
Que tem história,
Ancestralidade,
Identidade e
Trajetória
DE LIBERDADE!

Ancestralidade (Tereza Sá)

[...]Dentro de mim, um sol que não cessa
E uma alma que se lava todos os dias.
Sou mulher negra
E já nasci guerreira
Minh'alma não se nega
Nem se entrega.

É perceptível como a trajetória de vida dessas mulheres diaspóricas representam múltiplas possibilidades de estarem inscritas no mundo. Muitas dessas mulheres comungam suas trajetórias com as de outras mulheres reelaborando o constructo das vivências ancestrais. São textos carregados de um discurso feminino/feminista que é, também, plural, visto que trazem a ressonância de uma coletividade que reverbera em africanidade e memórias longínquas, que marcam “a rede de nossa milenar resistência” (EVARISTO, 1996 s/p):

Perto do fogo (Tereza Sá)

Eu quero estar perto do fogo
Compartilhar alimento
Comungar conhecimento
Do sagrado feminino
E suas fertilidades de vida ancestral.
Perto do fogo, reverenciar e brindar
A esperança em um mundo cujas águas
Se encontrarão e só transbordará igualdade

De boca-coração (Kali Oliveira)

[...]O seu celular apitou. Era um alarme usado para lembrar que era dia de acender uma vela para mamãe Oxum. Dirigiu-se até o santuário. Acendeu sua vela. Pediu para que ela e Lua encontrassem braços gentis e carinhosos. Corpos onde fosse possível partilhar sonhos e construir ninhos. Desejou que Pedro pudesse ser esse corpo para alguém um dia [...]

Orí ô não é refrão
 É prece! Pro sorriso da menina melanina não faltar.
 Pra lembrar que corpo é templo.
 Com escritos
 Como aqueles das pirâmides do Egito
 Voz é vida, soprada em ondas
 E cada abraço, moça
 Pode ser casa
 Com chão de folha.
 Mas o que pode nem sempre é
 Por isso volte ao Amor Ifé
 Se veja, como a Deusa
 Respeite a si mesma
 Conheça o seu caminho
 Enquanto olho no espelho.
 Sei ao que me assemelho
 Sinto o que se aproxima
 Preparando no fogo o banquete
 Há de haver deleite
 E aquela hora que será bem-vinda
 faltar. Pra lembrar que corpo é templo.
 Com escritos
 Como aqueles das pirâmides do Egito
 Voz é vida, soprada em ondas
 E cada abraço moça.
 Pode ser casa
 Com chão de folha.
 Mas o que pode nem sempre é
 Por isso volte ao Amor Ifé
 Se veja, como a Deusa
 Respeite a si mesma
 Conheça o seu caminho

Enquanto olho no espelho.
 Sei ao que me assemelho
 Sinto o que se aproxima
 Preparando no fogo o banquete
 Há de haver deleite
 E aquela hora que será bem-vinda.
Um sopro no ouvido (MÁ Reputação)

É com o verso e a canção na ponta da língua que elas vão compondo e nos abrindo um cenário potente, permitindo-nos perceber as mensagens explícitas na negrura de seus sonhos, medos, desejos, (des)amores e todo sentimento que suas existências comportam, vão nos revelando esteticamente, os seus lugares de fala. Nos ensinam na prática que seus saberes “para além de serem contra discurso importantes, são lugares de potências e configuração do mundo por outros olhares e geografias” (RIBEIRO,2017, p.76).

Axé

A brisa me acaricia. Às vezes o vento me abraça forte. E eu que ainda tenho pesadelos quando venta frio. Tenho visto o vento leva-los pra longe. Outras vezes sinto minha pele abrasar. Deve ser o calor da terra. É ele quem me aquece. Me protege. E me faz senti que quando estou com raiva. Pareço um vulcão prestes a entrar em ebulição. Cuidado! Eu transbordo. Em contato com o ar e a lama Pressinto: ainda me verei envolta de energias criativas. Tenho motivos para acreditar: estou me reinventando!

(Kali Oliveira)

Cinza das horas

O frio das horas
 É vazio sem consolo,
 Solidão calcificada,
 Espera fria. um oco
 Sem eco Sem voz sem gás sem sal sem sol
 sem nós

(Tereza Sá)

Inverno nordestino

Eu quero o vento nos meus cabelos
 Soprando as cores do meu pensamento
 Eu quero o tempo do inesperado
 Um beijo lento em sua boca
 Um denço
 Eu me rendo[...]
 [...]E você, sobrevivendo à ressaca da minha cabeça
 às navalhas das minhas madeixas. Sem medo/inteiro

Atravessamos nossos dias
 Bebendo dessa alegria vadia
 Não tem andiroba ou óleo de copaíba
 Pra curar esse frio na minha barriga
 Olha, acho que não é só calor

(Eloah Monteiro)

Poda

Aos homens que amamos
 Não levaremos mais flores
 Na mesa, na cama,
 Na luta
 É tempo de poda
 A gente corta
 Pra roseira crescer mais bonita

 Pra tirar da vista o que espanca
 Na mente, no corpo e no coração
 Pais, irmãos, primos, tios, namorados, maridos
 Não se ofendam com o que eu digo
 Saibam vocês,
 Que não são nossos inimigos
 Mas são todos MACHISTAS
 Não depende do ponto de vista
 Varia na forma e no conteúdo
 Um é o Dono do mundo
 Outro da verdade

(Má Reputação)

É notório que a Literatura Afro Feminina faz desdobramentos e reverbera questões polêmicas, demarcando grande força ativista, que revela um protagonismo de um sujeito que

denúncia e luta contra o racismo e sexismo O que a análise dessas narrativas exige do/a leitor/a “não é a condescendência, tão preconceituosa quanto o ocultamento, mas sim a atenção crítica, meticulosa que a nervura do texto impõe” (MARTINS, 2010, p.127):

Um sopro no ouvido

Existe um silêncio que grita em meu estômago
 Existe um silêncio que grita em meu estômago
 Quando o não dito é mais do que falta de assunto
 Um desencontro, em um segundo de vontades mal ditas
 Irrita a pele, o pé fraqueja
 O suspiro, sorriso, deságua
 Pra não afundar por dentro
 Pra não sucumbir em lamento
 Há tempo pra tudo
 Até pro silêncio
 E quando ele grita
 Parece uma cantiga antiga
 Que eu não ouvi
 O coro, o choro, o chicote O açoite
 A noite negra e cada estrela
 Poeiras infinitas em anos luz
 Une versos de tempos
 Em tempos
 E agora? Respira, chora, olha "O" agora
 Onde estou?
 Quem viu meus passos por onde caminhou?
 Quem leu no mapa do meu corpo
 O que eu carrego? O Ego, engole,
 Se o olhar não for atento
 A toda sorte de cuidado
 O mal olhado espanto
 A mufina, a kuanga, o quebranto
 É dia de banho branco
 E não confunda o meu senhor

(Karen Oliveira)

Resistência

No meio do caminho tinham vozes
Elas ecoavam racismo
Tinha racismo no meio do caminho

Nunca me esquecerei
Dos tempos de minha infância agonizada
Cujas vozes-pedras me acertavam a identidade
Nunca esquecerei que no meu caminho
Sempre houve resistência

(Tereza Sá)

Blues amarelo

Já viu machista ouvir blues
Era o que eu queria fazer
Pois meu blues, meu blues não ouve não
Foi tu que disse lembra nego
Meu benzinho acabou
Não vá enlouquecer por isso
Não vá enlouquecer por isso
Agora eu sou
Uma lembrança qualquer
Então me faça, então me faça o que bem entender comigo, baby

(Eloah Monteiro)

Noto que há por parte dessas mulheres uma tomada de decisão, um trabalho minucioso e consciente no sentido de povoarem todos os espaços literários e culturais com a presença de mulheres pretas e suas potencialidades nesse entrelugar reservado na literatura. Na verdade, essas narrativas são documentos históricos, pois garantem a estética e poética de mulheres negras, problematizam o contexto social e, a partir de seus escritos, nos apresentam uma literatura com proposições para que a sociedade reflita sobre a necessidade de se modificar. As vozes narrativas dessas autoras ecoam outras tantas vozes de mulheres negras que por muito tempo foram silenciadas. E em cada verso, em cada canção, vão tecendo a memória, nos dando visibilidade, garantindo o lugar de grande importância para nossas subjetividades, que é o campo epistemológico. Assim, rompem a imposição clássica da bolha canônica e não mais se permitem interromper e qual Lélia Gonzales, sarcasticamente, não se permite humilhar: “O lixo vai falar, e numa boa” (GONZALES, 2018, p. 193):

Porca flor

Se a opção é dar close
 noix é luxO e lixO
 Se a opção é dar close
 noix é luxO e lixO
 Tu me vê bixo
 A gente porca
 Arrota vida
 Reconstruída
 Com amor
 Reciclada
 Revirada
 Flor
 Que brota tinta
 Na saliva
 No sussurro
 Noix é mundo
 Gira
 Fosca
 Que ilumina
 Mente indecente
 É quente
 Igual sol que bate no peito
 Bate
 Peito
 Bate
 Arrepiá "Avia" na voz de vó
 Pé e passo
 Descompasso
 A gente caminha
 E de esquina em esquina
 (Má Reputação)

São narrativas plurais que reconectam nossa história, envolvidas em uma estética que busca referência na africanidade:

Solidez

Sou além do que sinto
 Sinto além do que vejo
 E bem próximo do meu medo, vejo a ginga certa
 Sou mulher- alvenaria
 Sustento o que projeto
 E me edifico em condição ascidental
 Sou mulher negra
 De corpo e espírito
 Refaço minha história todos os dias
 Tecendo sonhos
 Rolando os dados
 Lançando dardos

Jogando os búzios
E reconectando o feminino que há mim

(Tereza Sá)

Tambor

Vou aprender a tocar tambor
Exorcizar você de mim

Bater bem forte a semana inteira
De segunda-feira até o verão chegar
Deixar o suor dessa rouca fissura
Encontrar a cura pra essa besteira
Que em transe cego, atado às cadeiras
Essa melodia me faz entoar

E quando livre eu estiver
Não quero mais beijar a flor
E no domingo sem poder dormir
Cantar, girar pra ver você subir
Conversar frouxa e ainda salgada
Temperar a fala com flor de alecrim

Quero uma muda de arruda brava
Uma em cada orelha, pra me abençoar
E nunca mais quero ver desatar
O nó que tu, brincando
Deste em meu olhar

Soa! Ressoa! Voa alto! Voa!
Encontra toda aquela paz que já em mim não há
Deita seu manto, quebra este encanto
Que me amarra viva no fundo do mar

Mas antes de me afogar
De alma lavada hei de surgir
E a todos digam que em minhas mãos
Há laço de fita e corda de viola que mandei rezar
Pra nunca mais meu terreiro escutar
As notas vadias do escudeiro torto
Que ao meu batuque vinha embaralhar

(Eloah Monteiro)

Dessa forma, percebo que a escrita de mulheres negras, outrora silenciadas, na atualidade vem “caligrafando a história e a memória dos sujeitos e das diversas opções textuais que a inscrevem na cartografia estética de nossa cultura” (MARTINS, 2010, p. 130). Com isso, elas assumem a autoria de suas histórias e memórias. São vozes que evocam a

memória coletiva também na literatura, seguindo decididas a incomodarem e a desobedecerem as imposições basilares, requerendo os espaços que lhes cabem na episteme, se fazendo ouvir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura brasileira foi ancorada em um cânone tendencioso e preconceituoso, sustentado por padrões hegemônicos que sempre compactuou com a classe dominante, por isso os padrões estéticos ocidentais são os validados e sustentados como universais. Como espaço privilegiado, a literatura canônica se faz hetero/cis gênero/ branco/cristão. Desta forma, grupos marginalizados socialmente como mulheres, indivíduos racializados/colonizados, tal como é posto, o cânone é referenciado na denominação ideológica do mundo eurocêntrico, evidenciando sua política de aceitação *versus* exclusão.

Esta característica ideológica cujo poder político e intelectual não prioriza a questão estética, mas reafirma a colonialidade do poder (QUIJANO, 2009), que funciona como ferramenta para a deslegitimação da condição epistêmica de grupos subalternizados. É neste contexto histórico de forte resistência epistemológica e cultural que a diáspora afrobrasileira foi inserida. Nossa história foi moldada por apagamentos e a autoria negra foi se inserindo no cânone literário sempre pela margem, ressaltando a necessidade da racialização literária. A literatura brasileira sempre foi branca, mas vem tornando-se negra à medida que negros e negras insistem em circundar a bolha canônica, dando forma a Afro-Literatura. Ainda assim, essa literatura surge com marcas sexistas, demarcada pela ausência de escritoras negras. A condição de subalternidade, representada pela exclusão de representação de todo e qualquer extrato social, interrompeu as mulheres negras principalmente da historicidade com base em sua descendência africana, tendo sua existência duplamente marcada pelo silenciamento e subalternidade. Por esses fatores, a literatura de mulheres negras esteve à margem de qualquer contexto de significação e representatividade por muito tempo

Entretanto, a contemporaneidade tem nos alimentado com insurgências no campo literário e revelando a Literatura Afro-Feminina, na qual mulheres negras fortalecidas com suas escritas representam de forma contundente suas subjetividades. No Sul da Bahia, mulheres negras não só escrevem, mas se utilizam da escrita para fazer ecoar versos de vida e de liberdade. Elas vão moldando suas publicações pelas mais variadas plataformas, utilizando múltiplos dispositivos que marcam a insubmissão dessas mulheres ao cânone literário e às opressões estruturais institucionalizadas por setores públicos da sociedade. As autoras sul baianas utilizam-se de estratégias variadas para efetivar o movimento de articulação que o

feminino é capacitado a exercer pelas vias da palavra-poética, para materializar as insurgências que lhes afloram.

Há uma urgência em repensar o cânone literário e o poder de reprimir, retaliar e aniquilar a produção literária de grupos minoritários. A canonização, com sua universalização, implica em rotular. Assim, ao conceituar o que é ou não literatura, submetem-se o conhecimento e a representação criativa escrita de minorias à exclusão. É necessário um contradiscurso para revisar e questionar a necessidade de canonização, uma vez que seus critérios seletivos estão diretamente ligados à manipulação de poder, o que implica na deslegitimação da capacidade epistêmica de grupos subalternizados.

A respeito das questões aqui postas acerca de Literatura, visibilidade e validação, acredito que as pesquisas acadêmicas podem contribuir para reflexões que possam conduzir o fazer literário, ao se estabelecer nas relações sociais, para que seja representado por sua questão estética e os critérios que regem a literatura sejam reelaborados ao ponto de que não haja favoritismo ou interesse ideológico na disposição de espaço e reconhecimento.

A intelectualidade feminina, sobretudo a negra, ainda que sofra a violência do impedimento frente ao processo canônico e a supremacia do patriarcado branco, nunca abriu mão de suas produtividades, entrando em cena na disputa pela garantia de lugares no processo de construção de conhecimento e validação epistemológica. Na contemporaneidade, essa disputa tem se estabelecido de maneira ainda mais acirrada. Historicamente, a partir dessa necessidade da existência de disputa de narrativas, essas mulheres vêm resistindo e atuando na produção de insurgências, marcadas por uma força discursiva que compõe a reconstrução de lutas e estratégias na reconstrução do feminino a partir da voz narrativa que evoca a memória coletiva e se posiciona para reafirmar-se como sujeito histórico.

Suas verves poéticas imbricadas numa sensibilidade política reivindicam e se posicionam com força diante das opressões sociais. A sororidade praticada também no fazer literário ajuda a tirar a “mordaza” que sempre silenciou as vozes negras, além de fortalecer o coro que vocifera o lugar de fala dessas e de tantas pretas. A força ancestral dá o tom à poética de todas elas.

REFERÊNCIAS

ARES, Philippe. Escrita de si/Escrita da história. **Estudos Históricos**. vol. ,1998. Disponível em: <file:///C:/Users/USER/Downloads/2061-3540-1-PB%20(1).pdf>. Acessado em abril de 2020.

AUGEL, Moema Parente. **E Agora Falamos Nós: literatura feminina afro-brasileira**.

Disponível em:

<http://www.letras.ufmg.br/literafro/component/search/?searchword=Moema&searchphrase=all&Itemid=126>. Acessado em maio de 2019.

BERND, Zilá. Poesia Negra Brasileira e seus Vínculos com a Poesia de Nicolás Guillén. In: **Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesias e demandas sociais no Brasil**.

PEREIRA, Edmilson de Almeida (org.). Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010

CAMPOS, Maria Consuelo Cunha. Escrita e Militância. In: **Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesias e demandas sociais no Brasil**. PEREIRA, Edmilson de Almeida (org.). Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010

CUTI, Luiz Silva. Literatura negro-brasileira. São Paulo: Selo Negro, 2010. Disponível em:

<file:///C:/Users/USER/Downloads/Literatura%20Negro-Brasileira%20-%20Cuti.PDF>.

Acessado em setembro de 2020.

COELHO, Nelly Novaes. A literatura feminina no Brasil contemporâneo 1991. Disponível

em: <http://www.revistas.usp.br/linguaeliteratura/article/view/116009/113675>. Acessado em junho de 2020.

_____. Literatura e Afrodescendência In. **Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesias e demandas sociais no Brasil**. PEREIRA, Edmilson de Almeida (org.). Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010

_____. Por um conceito de literatura afro-brasileira. Literafro- Portal da Literatura Afro-Brasileira, Set, 2017. Disponível em:

<http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/148-eduardo-de-assis-duarte-por-um-conceito-de-literatura-afro-brasileira>. Acessado em junho de 2020.

_____. Literatura afro-brasileira: um conceito em construção.

Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, nº. 31. Brasília, janeiro-junho de 2008, pp. 11-23. Disponível em:

<https://social.stoa.usp.br/articles/0037/3053/Literatura_Afro-brasileira_EDUARDO.pdf>.

Acessado em junho de 2020.

EVARISTO, Conceição. A autoria negra existe e não é de hoje: Conceição escritora. **Geledés**, 2017.. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/autoria-negra-existe-e-nao-e-de-hoje-conceicao-evaristo-escritora/>. Acesso em 26 de março de 2018.

_____. **Poemas Malungos-Cânticos Irmãos**. Tese de doutorado.

Disponível em:

<https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/7741/1/Tese_Dout.Concei%C3%A7%C3%A3oEvaristo_def.pdf>. Acessado em fevereiro de 2019.

_____ Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira In: **Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesias e demandas sociais no Brasil**. PEREIRA, Edmilson de Almeida (org.). Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010

_____ Literatura Negra: uma voz quilombola na literatura brasileira. In: PEREIRA, Edmilson de Almeida (org.). **Malungos na escola: questões sobre cultura afrodescendentes e educação**. São Paulo: Paulinas, 2007.

_____ Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <<file:///C:/Users/USER/Desktop/Literatura%20negra%20concei%C3%A7%C3%A3o%20Evaristo.pdf>>. Acessado em junho de 2020.

FERREIRA, Tássio. Corpo-Pabuzila. In: DOMENICI, Eloisa; RODRIGUES, Éder; MACHADO, Lara. (Org). **Corpo, poética e Ancestralidade**. Cadernos do GIPECIT. Salvador, 2019. Disponível em: http://www.ppgac.tea.ufba.br/wp-content/uploads/2019/09/cad_gipe_cit-42.pdf

FILHO, Domínio Proença. IN: PEREIRA, Edmilson de Almeida (org.). **Malungos na escola: questões sobre cultura afro descendentes e educação**. São Paulo: Paulinas, 2007.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Cultura/Literatura Negra. Cultura/Literatura Afro Brasileira: Impactos, Paradoxos e Contradições. In: **Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesias e demandas sociais no Brasil**. PEREIRA, Edmilson de Almeida (org.). Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

GONÇALVES, Virgínia Maria. A poética de Inscrição Feminina nos cadernos Negros. In: PEREIRA, Edmilson de Almeida (org.). **Malungos na escola: questões sobre cultura afrodescendentes e educação**. São Paulo: Paulinas, 2007.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: **Primavera das rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa**. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018.

_____ A democracia social, uma militância. **Arte & Ensaios**, revista do ppgav/eba/ufRJ, n. 38, julho 2019. Disponível em: <<https://revistas.ufRJ.br/index.php/ae/article/view/27925/15208>>. Acessado em novembro de 2020.

GROSGOUEL, Ramon. Decolonidade e Pensamento Diaspórico. In.: COSTA, Joaze Bernardino; GROSGOUEL, Ramon; TORRES, Nelson Maldonado (Orgs.). São Paulo: Editora Autêntica, 2018.

hooks, bel. Intelectuais Negras. **Estudos feministas**, 1995. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/10/16465-50747-1-PB.pdf>>. Acessado em julho de 2020.

KILOMBA, Grada. The Mask. In: **Plantation Memories**: episodes of everyday racism. JESUS, Jéssica Oliveira de (trad.). Disponível em: <<file:///C:/Users/USER/Downloads/GRADA%20KILOMBA%20a%20MASCARA.pdf>>. Acessado em janeiro de 2020.

MARTINS, Floriano. A Poesia Contemporânea no Brasil. In.: **Revista de Poesia**, nº1, 2014. Disponível em: <<http://www.jornaldepoesia.jor.br/lv01ensaio5.htm>>. Acessado em junho de 2020.

MESSIAS, Matheus. Entre a palavra e o silêncio: autoras afro-brasileiras e o cânone literário nacional. **Revista Encantar**, v.1, Nº.2, 2020. Disponível em: <<file:///C:/Users/MATHEUS/Downloads/8706-Texto%20do%20artigo-23414-1-10-20200618.pdf>>. Acesso em: 20 de setembro de 2020.

MARTINS, Leda Maria. Lavar a Palavra. **Um tigre na floresta de signos**: estudos sobre poesias e demandas sociais no Brasil. PEREIRA, Edmilson de Almeida (org.). Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010

MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o Racismo na Escola**. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. 1999.

_____ MUNANGA, Kabengele. Fundamentos antropológicos e histórico-jurídicos das políticas de universalização e de diversidade nos sistemas educacionais do mundo contemporâneo. In: SILVÉRIO, Valter Roberto; MOELENCKE, Sabrina. **Ações Afirmativas nas políticas educacionais e no contexto pós-Durban**. São Carlos: EdUFSCAR, 2009. p. 171-194.

OLIVEIRA E ZUHAIARA. Cartografia como metodologia: uma experiência de pesquisa em Artes Visuais. Periódicos.ufpel.edu.br. edição 08 • julho de 2017. Disponível em <file:///C:/Users/terez/Downloads/Cartografia%20como%20metodologia.pdf>:

PEREIRA, Edmilson de Almeida(org.). **Malungos na escola: questões sobre cultura afrodescendentes e educação**. São Paulo: Paulinas, 2007.

_____ **Um tigre na floresta de signos**: estudos sobre poesias e demandas sociais no Brasil. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

PRADO, Thaís. Enraizadas: filme que conta a história por trás da trança nagô. **Mundo Negro**, 2020. Disponível em: <<https://mundonegro.inf.br/enraizadas-filme-que-Conta-a-historia-por-tras-da-tranca-nago-sera-exibido-em-festivais-on-line-no-brasil-e-na-colombia/>>. Acesso em: 08 nov. 2020.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgard (org.). **A colonidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais –

perspectivas latino-americanas. Colección Sur Sur, Clacso, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, setembro 2005, edição brasileira.

REIS, Roberto. Cânon. In: JOBIM, José Luís (org.). **Palavras da crítica**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017.

SACRAMENTO, Sandra. Mulher e Literatura: do cânone ou não cânone. **Revista da ANPOLL**, v. 1, nº 33, 2012. Disponível em: <<https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/639>>. Acesso em: 11 de maio de 2019.

SANTOS, Ângela Maria dos. **Vozes e silêncios do cotidiano escolar** – as relações raciais entre alunos negros e não-negros. Cuiabá: EDUFMT, 2007.

SOUZA, Florentina. Cadernos Negros: Literatura Afro Brasileira?. In: **Um tigre na floresta de signos**: estudos sobre poesias e demandas sociais no Brasil. PEREIRA, Edmilson de Almeida (org.). Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

STRUNCK, Gilberto. **Como criar identidades visuais para marcas de sucesso**. Rio de Janeiro: Rio Books, 2001.

WALSSH, Catherine. **Pedagogías decoloniales**: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. TOMO I. Quito-Ecuador: Ediciones Abya-Yala. Serie Pensamento Decolonial, 2013.

ANEXO

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A escrita de mulheres negras sul-baianas: poéticas dissidentes na Educação básica

Pesquisador: TEREZA CRISTINA SOARES DE SA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 31504920.1.0000.8467

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.109.871

Apresentação do Projeto:

Tomando como pressuposto desta pesquisa a tese de que o Cânone Literário Brasileiro contemporâneo não foi idealizado para contemplar a escrita de subalternizados/as, buscase, por meio de uma pesquisa-criação, a elaboração de cartografias poéticas cujo objeto e tema sejam as produções poéticas de quatro escritoras negras sul baianas, atuantes no eixo Itabuna-Ilhéus. Pretende-se que as cartografias elaboradas, por meio desta pesquisa, possam ser utilizadas como recursos didáticos para o Ensino de Literatura Afro-centrada na Educação Básica. Para tanto, ao longo da pesquisa, pretende-se levantar e sistematizar dados bibliográficos já publicados e produzir novos dados (por meio de entrevistas semi-estruturas) que permitam melhor conhecer parte da produção literária contemporânea do Sul da Bahia, especificamente, a de autoria afro- feminina. Em um estudo exploratório inicial, foram identificadas quatro mulheres negras que vem se

Endereço: Praça Joana Angélica, 250, bairro São José

Bairro: SAO JOSE

CEP: 45.988-058

Município: TEIXEIRA DE FREITAS

Telefone: (73)3291-2089

E-mail: cep@ufsb.edu.br

destacando no cenário literário regional, por meio de suas páginas públicas (blogs, facebook, instagram, youtube, etc) em redes sociais. Tais escritoras negras, atuantes nas cidades de Ilhéus e Itabuna, produzem poesias, contos, letras de música e crônicas, com temáticas que evidenciam suas memórias ancestrais, periféricas, feministas e negras. Com este projeto de pesquisa, pretende-se potencializar, pelo viés da crítica literária e dos estudos sobre ensino de literatura afro-centrada, o trabalho literário e a arte ativista das referidas autoras, contribuindo, assim, para a ampliação da visibilidade de vozes subalternizadas. Além disso, com esta pesquisa, pretende-se também contribuir para efetivação da Lei 10.639/03 (LDBEN), que dispõe sobre a introdução

Endereço: Praça Joana Angélica, 250, bairro São José

Bairro: SAO JOSE

CEP: 45.988-058

Município: TEIXEIRA DE FREITAS

Telefone: (73)3291-2089

E-mail: cep@ufsb.edu.br

obrigatória de temáticas africanas e afro-brasileiras nos currículos da Educação Básica.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo principal:

Cartografar autorias femininas negras do Sul da Bahia, especificamente, no eixo Ilhéus/Itabuna e suas poéticas, tendo como horizonte a instauração de epistemologias contra-hegemônicas, com recortes de gênero, de raça e de referências artístico-culturais afro-centradas.

Objetivos específicos:

1. Analisar a escrita de autoras negras do Sul da Bahia e os dispositivos de registros dessas publicações;
2. Fomentar a visibilidade de escritoras negras no Sul da Bahia contribuindo para a um ensino de literatura afrocentrada;
3. Produzir material didático-literário com textos e voz das autoras Sul Baianas;
4. Fortalecer a implementação da Lei 10639/03 no Ensino Fundamental II, a partir das poéticas afro-femininas dissidentes na sala de aula.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

A presente pesquisa tem potencial para ampliar os estudos sobre Literatura Brasileira na região Sul da Bahia, além de inovar o ensino da Literatura na Educação Básica, ao introduzir poéticas afro-femininas dissidentes na sala de aula. Ainda assim, pondera-se a possibilidade de eventual dificuldade de acesso as autoras por conta do isolamento social, além do fato que elas podem se sentir intimidadas durante a entrevista devido ao registro em áudio. Tendo em vista os traumas que acometem as mulheres negras periféricas, no que diz respeito a estrutura do cishéteropatriarcado e seus modos de opressão, identificamos que embora a marca da escrita dessas autoras represente justamente o enfrentamento e combate ao sistema racista, sexista que as violenta, e estão disponibilizados nas redes sociais, as entrevistas semi- estruturadas podem representar um possível risco emocional para as entrevistadas. Isso porque os temas abordados estão intimamente ligados a exposição das limitações da vivências dessas

Endereço: Praça Joana Angélica, 250, bairro São José

Bairro: SAO JOSE

CEP: 45.988-058

Município: TEIXEIRA DE FREITAS

Telefone: (73)3291-2089

E-mail: cep@ufsb.edu.br

mulheres e seus lugares sociais, o que é tema da pesquisa. Para dirimir esses riscos, realizaremos entrevistas remotas e será encaminhado previamente um roteiro das questões para que as autoras se familiarizem com as temáticas via WhatsApp. Acreditamos que a sistematização metodológica cuidadosa e previamente acordada a partir das entrevistas, além de oferecermos o acesso prévio ao texto escrito para anuência das autoras podem sanar esses percalços. Por fim, ainda assim, caso haja intercorrências e abalos emocionais, a entrevista será prontamente suspensa se ocorrer alguma

Endereço: Praça Joana Angélica, 250, bairro São José

Bairro: SAO JOSE

CEP: 45.988-058

Município: TEIXEIRA DE FREITAS

Telefone: (73)3291-2089

E-mail: cep@ufsb.edu.br

suspeição de risco emocional para as entrevistadas. Benefícios:

Cartografar as autoras negras do Sul da Bahia, no eixo Ilhéus/Itabuna proporcionando a apreciação da estética literária afro-feminina do Sul da Bahia, dando visibilidade ao trabalho por elas desempenhado, uma vez que ainda não estão no mercado editorial, mas são potentes representatividades de poéticas dissidentes em nossa região.

* Na primeira versão, a pesquisadora não apresentava os possíveis riscos aos participantes da pesquisa e estratégias para minimizá-los. Com isso, esta pendência foi resolvida.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Através de uma metodologia baseada em encontros, pretende-se através de eventos literários e entrevistas pontuais, contatar escritoras negras da contemporaneidade do eixo Ilhéus-Itabuna para estabelecer diálogos entre suas poéticas e os espaços escolhidos para os processos de criação literária. Inicialmente irão construir um referencial teórico através de leituras e fichamentos que dizem respeito as questões identitárias e de gênero. Ademais, se aprofundarão das produções literárias das autoras para posterior mapeamento. Em seguida, construirão um produto didático-metodológico com os textos literários, na forma de produto final, que poderá ser encaminhado a uma escola em Ilhéus-BA, de preferência uma que já possua desdobramento de ações já executadas em torno da Lei 10639/03 e que possa fazer o uso devido do material.

As ações serão desenvolvidas a partir das seguintes etapas:

- a) Seleção, catalogação, leitura e fichamentos de textos teóricos e outros documentos bibliográficos. Posteriormente, serão efetuados registros sistematizados, com análises críticas, desses textos, à luz da revisão bibliográfica de teóricos dos Estudos Culturais, Literários e do Feminismo Negro, que discutam a produção literária negra em articulação temática com as áreas da cultura, identidade, raça e gênero.
- b) Serão realizadas entrevistas semiestruturadas com as quatro escritoras negras sul baianas pré-selecionadas como sujeitos da pesquisa e também será feita análise das obras das mesmas publicadas em redes sociais, pois ainda que não estejam contempladas pelo mercado editorial, são reconhecidas pelos

Endereço: Praça Joana Angélica, 250, bairro São José

Bairro: SAO JOSE

CEP: 45.988-058

Município: TEIXEIRA DE FREITAS

Telefone: (73)3291-2089

E-mail: cep@ufsb.edu.br

trabalhos divulgados nas redes sociais e nos eventos literários que participam. Em decorrência de precisarmos nos manter em isolamento social devido a grande crise social, provocada pela pandemia do novo Coronavírus (COVID-19), a entrevista deverá ser executada de maneira remota através de áudios no whatsapp e/ou reuniões na plataformas disponíveis na internet.

Endereço: Praça Joana Angélica, 250, bairro São José

Bairro: SAO JOSE

CEP: 45.988-058

Município: TEIXEIRA DE FREITAS

Telefone: (73)3291-2089

E-mail: cep@ufsb.edu.br

Perguntas semiestruturadas norteadoras:

1-Crie o seu próprio perfil levando sua trajetória de vida e os pontos relevantes que lhe permitiram e/ ou permitem ser essa mulher negra autora.

2-O que a leva/levou a encontrar esse dispositivo para seus registros autorais?

3-Em seu processo de se perceber como autora o que mais lhe influencia/influenciou a perseverar? O que move sua autoria?

4-Existe algum trabalho que lhe oferece ou ofereceu grande retorno no que se refere ao reconhecimento de sua escrita?

A depender das respostas, poderão surgir outras perguntas afim de esclarecer o que foi posto.

** A pesquisadora apresenta nessa versão um detalhamento da etapa de entrevistas com as questões norteadoras, solucionando uma das pendências da versão anterior.

c) Com base no material bibliográfico de nosso referencial e nos registros das entrevistas será elaborado por nós um recurso didático-literário, intitulado provisoriamente de "Cartografia poética: Mulheres Negras Sul Baianas". Esse material terá o registro escrito de textos em prosa e verso em forma de livro de edição cartoneira, (produção artesanal) e um podcast com a voz da compositora, em forma debate papo com a autora do projeto, registrando brevemente sua biografia e algumas canções autorais.

*** A pesquisadora não detalhava na versão anterior como seria o produto final da pesquisa. Com isso, mais uma pendência foi solucionada.

A pesquisa será realizada com base na trajetória da cartografia de mulheres negras e escritoras da contemporaneidade Sul- baiana, mais precisamente no eixo Ilhéus /Itabuna, cujo processo nos possibilitará o encontro de poéticas que imbuídas de resistência e da força ancestral. Serão entrevistadas quatro escritoras, com objetivo de efetivar o diálogo dessas afro-literaturas com o ensino, com o intuito de favorecer a aplicabilidade da lei 10639/03 na Educação Básica. O processo de recorte para escolha das autoras se justifica pela modalidade de registros dessas composições. Assim fizemos a escolha de uma autora em cada uma das seguintes particularidade: música, conto, fanzine e poesia.

Endereço: Praça Joana Angélica, 250, bairro São José

Bairro: SAO JOSE

CEP: 45.988-058

Município: TEIXEIRA DE FREITAS

Telefone: (73)3291-2089

E-mail: cep@ufsb.edu.br

UFSB - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO SUL DA BAHIA



Serão realizadas entrevistas semiestruturadas com quatro escritoras negras sul baianas pré-selecionadas como sujeitos da pesquisa cujas obras estejam consoantes com as particularidades

Endereço: Praça Joana Angélica, 250, bairro São José

Bairro: SAO JOSE

CEP: 45.988-058

Município: TEIXEIRA DE FREITAS

Telefone: (73)3291-2089

E-mail: cep@ufsb.edu.br

elencadas. Também será feita análise das obras das mesmas publicadas em redes sociais, pois ainda que não estejam contempladas pelo mercado editorial, são reconhecidas pelos trabalhos divulgados nas redes sociais e nos eventos literários que participam.

**** Uma das pendências da primeira versão foi o fato da autora não apresentar como foi o processo de pré- seleção das participantes da pesquisa.

***** O TCLE agora apresenta os possíveis riscos aos participantes da pesquisa e as estratégias para minimizá-los, além de uma linguagem mais clara. Orçamento, folha de rosto e currículos também foram adequados de acordo com as pendências apontadas.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Orçamento: Ok

Cronograma:

Ok Folha de
rosto: Ok

Currículos: Ok

TCLE: Ok

Recomendações:

Ajustar a formatação do TCLE para deixá-lo mais organizado.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O protocolo de pesquisa está de acordo com os aspectos éticos, considerando as resoluções 466/2012, 510/2015 e demais normas complementares.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Endereço: Praça Joana Angélica, 250, bairro São José

Bairro: SAO JOSE

CEP: 45.988-058

Município: TEIXEIRA DE FREITAS

Telefone: (73)3291-2089

E-mail: cep@ufsb.edu.br

UFSB - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO SUL DA BAHIA



Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_1547995.pdf	09/06/2020 17:54:03		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoReajustado.docx	09/06/2020 17:52:28	TEREZA CRISTINA SOARES DE SA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLETereza.docx	09/06/2020 17:50:50	TEREZA CRISTINA SOARES DE SA	Aceito

Endereço: Praça Joana Angélica, 250, bairro São José

Bairro: SAO JOSE

CEP: 45.988-058

Município: TEIXEIRA DE FREITAS

Telefone: (73)3291-2089

E-mail: cep@ufsb.edu.br

Folha de Rosto	folhaassinada.pdf	09/06/2020 17:48:45	TEREZA CRISTINA SOARES DE SA	Aceito
Outros	AUTORIZACAODEIMAGEMESOM.doc	09/06/2020 17:16:04	TEREZA CRISTINA SOARES DE SA	Aceito
Orçamento	Orcamentoatualizado.docx	09/06/2020 17:11:47	TEREZA CRISTINA SOARES DE SA	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.doc	06/05/2020 15:41:38	TEREZA CRISTINA SOARES DE SA	Aceito
Outros	lattesynthia.pdf	06/05/2020 15:11:51	TEREZA CRISTINA SOARES DE SA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

TEIXEIRA DE FREITAS,
24 de Junho de 2020

Assinado por:

Ana Paula Pessoa de Oliveira
(Coordenador(a))